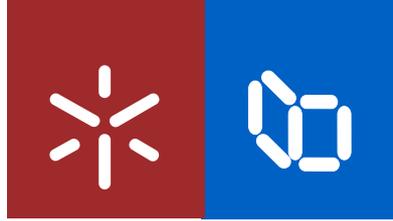




**Universidade do Minho**  
Instituto de Letras e Ciências Humanas

André Jorge Barbosa Serra da Silva Veloso

**O Dicionário na aprendizagem de Línguas Estrangeiras: uma reflexão acerca do seu papel no processo de aprendizagem de Português Língua Estrangeira por sinofalantes**



**Universidade do Minho**

Instituto de Letras e Ciências Humanas

André Jorge Barbosa Serra da Silva Veloso

**O Dicionário na aprendizagem de Línguas  
Estrangeiras: uma reflexão acerca do seu  
papel no processo de aprendizagem de  
Português Língua Estrangeira por sinofalantes**

Dissertação de Mestrado  
Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês:  
Tradução, Formação e Comunicação Empresarial

Trabalho efetuado sob a orientação da  
**Professora Doutora Maria Micaela D. P. Ramon**

# Declaração

**Nome:** André Jorge Barbosa Serra da Silva Veloso

**Endereço Eletrónico:** andrejveloso@gmail.com

**Número de Cartão de Cidadão:** 14139665

**Título:** O Dicionário na aprendizagem de Línguas Estrangeiras: uma reflexão acerca do seu papel no processo de aprendizagem de Português Língua Estrangeira por sinofalantes

**Orientadora:** Professora Doutora Maria Micaela D. P. Ramon

**Designação do Mestrado:** Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial

É autorizada a reprodução integral desta dissertação apenas para efeitos de investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

Universidade do Minho,            /            /

Assinatura: : \_\_\_\_\_

André Jorge Barbosa Serra da Silva Veloso

# Agradecimentos

Deixo nesta secção os seguintes agradecimentos àqueles que tornaram a elaboração deste trabalho possível:

À Professora Doutora Maria Micaela D. P. Ramon pela sua orientação dedicada, pela sua paciência ao longo de todo este processo e pelas suas palavras carinhosas e encorajamento que foram imprescindíveis.

À minha família pelo seu apoio e por me dar a oportunidade de prosseguir os meus estudos nesta área.

À Diretora do Curso de Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial, Professora Doutora Sun Lam, por me ter dado a oportunidade de estudar na China.

A todos os docentes do Curso de Licenciatura em Línguas e Culturas Orientais e do Curso de Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês, por todo o conhecimento que me transmitiram ao longo dos últimos cinco anos e pelo papel que estes tiveram em moldar a minha vida académica.

Aos meus colegas de licenciatura e mestrado, pela sua amizade e por todos os momentos que partilharam comigo.

Ao Sérgio Daniel Teixeira Ribeiro por me ter ajudado a conseguir a oportunidade de trabalhar na China a ensinar português, assim como pela sua amizade e apoio que fizeram dele o meu mentor nesta importante etapa da minha vida.

# Resumo

Os estudantes de línguas, ao longo do seu percurso no ensino superior, utilizam uma grande variedade de recursos e ferramentas para os auxiliarem nos seus estudos, incluindo o mais diverso tipo de materiais didáticos, que variam em função do nível de proficiência linguística dos seus utilizadores. Dentre os recursos disponíveis, a grande maioria dos estudantes não dispensa o dicionário, seja este em formato digital ou em papel, podendo o seu conteúdo variar também de acordo com as necessidades do aprendente. Apesar do seu papel central no processo de aprendizagem de línguas estrangeiras, as pesquisas em torno do dicionário são relativamente pouco desenvolvidas, e a falta de informação sobre este tema levou ao surgimento de vários mitos e teorias contraditórias sobre as consequências da sua utilização no processo de ensino-aprendizagem.

Neste trabalho reflete-se sobre as potencialidades da utilização do dicionário em contexto de aprendizagem, mais especificamente no estudo de PLE por sinofalantes, apresentando e discutindo criticamente algumas das teorias sobre a utilização do dicionário, assim como oferecendo sugestões sobre como este pode ser incorporado na sala de aula no sentido de contribuir para o desenvolvimento da proficiência linguística e cultural dos alunos.

**Palavras-chave:** Lexicografia; Português Língua Estrangeira (PLE); ensino de PLE a sinofalantes; tipos de dicionários; dicionários bilingualizados; dicionários em contexto de ensino/aprendizagem; estratégias de utilização do dicionário

# Abstract

Language students, throughout their path in higher education, make use of a plethora of tools and resources to aid them in their studies, including several types of schoolbooks that vary according to the proficiency level of their users. Although there are many resources available, most of them opt to carry a dictionary, be it in a digital or paper format, whose contents also vary according to the needs of the learner. Despite its central role in the process of learning a foreign language, research regarding dictionary usage is still a relatively underdeveloped field and the lack of information regarding this subject has led to the creation of several myths and contradictory theories about the consequences of its use in the learning process.

This dissertation aims to reflect upon the several possibilities regarding dictionary usage in a learning context, more specifically, in the context of Chinese speakers learning Portuguese as a Foreign Language, by presenting and critically discussing some theories about dictionary usage, as well as offering some suggestions about how it can be incorporated in the classroom in such a way that it can contribute to the development of both the linguistic and cultural proficiency of the students.

**Key-words:** Lexicography; Portuguese as a foreign language (PFL); teaching PFL to Chinese speakers; types of dictionaries; bilingualized dictionaries; dictionaries in a teaching/learning context; dictionary use strategies.

# 摘要

学习语言的学生在他们的高端教育的过程中，使用多样的资料以及工具书来帮助他们学习。这些资料包括各种各样的教学资料。因为每个人的语言水平是不一样的，所以他们使用的资料也是各不相同的。尽管现在有许多可选的资料，然而大部分的学生都不能缺少词典。无论它是电子的还是纸质的，它的内容是随着学生的学习要求而变换的。虽然词典在学习外国语的过程中起主要作用，但是关于使用词典的研究还是一个相对不太成熟的领域。因为关于这个话题的信息很少，所以引起了一些关于在学习过程中使用词典的谣言，而且这些谣言是相互矛盾的。

这篇论文论述的是在学习外国语的过程中词典使用的影响力，具体地说，是汉语母语者学习葡萄牙语的情况。为此，这篇论文会批判地讨论以及提出一些关于使用词典的理论，而且也会提供一些建议，为了在课堂中适当地使用词典并且培养学生们的语言和文化知识。

**关键词:** 词典学; 对外葡萄牙语; 针对汉语母语者对外葡萄牙语教学; 词典种类; 双解词典; 教学以及学习过程中使用词典; 词典使用策略

# Índice

Introdução.....	1
Capítulo I.....	4
1. Em torno de uma definição de “dicionário” .....	4
1.1. Para uma breve história do “dicionário” em Portugal e na China .....	6
1.1.1. O caso português .....	7
1.1.2. O caso chinês.....	16
1.1.2.1. 尔雅 Ěr yǎ, o primeiro dicionário chinês.....	20
1.1.2.2. O dicionário de Palavras Dialéticas 方言 Fāngyán.....	22
1.1.2.3. O caso dos dicionários bilingues.....	24
1.1.2.4. A influência ocidental .....	27
1.2. Breve referência à Lexicografia: a “arte” de fazer dicionários .....	29
1.2.1. A elaboração de entradas para um dicionário bilingue .....	36
1.2.1.1. As componentes fundamentais .....	37
1.2.1.2. As componentes complementares.....	41
1.3. As definições dos lexicógrafos para o termo “dicionário” .....	43
1.4. Algumas limitações das definições apresentadas.....	49
1.4.1. Os diferentes tipos de dicionários .....	49
1.4.2. O processo de hibridação dos dicionários .....	53
1.4.3. Novos desafios: uma sociedade de micro-mundos .....	54
1.5. Proposta para uma nova definição de “dicionário” .....	56
Capítulo II.....	58
1. A centralidade do vocabulário no estudo de uma língua estrangeira.....	58
1.1. Condicionantes para a escolha de um dicionário: monolíngue, bilingue ou nenhum?.....	59
1.1.1. Equivalentes – A diferença entre a percepção e a realidade.....	60
1.1.2. Estratégias de utilização dos dicionários.....	66
1.1.3. Alternativas à utilização do dicionário.....	68
1.1.4. A importância do fator “exposição à língua” no processo de aquisição de vocabulário.....	72
1.1.5. Competências Culturais.....	74
1.1.6. Dicionários bilingualizados.....	78
Capítulo III.....	80
1. Contributos do “dicionário” para o ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras.....	80
1.1. A incorporação do dicionário no processo de ensino-aprendizagem .....	81

<b>2. A Realidade dos Sinofalantes .....</b>	<b>85</b>
<b>2.1. Uma comparação das estratégias utilizadas por dois aprendentes com diferentes resultados ...</b>	<b>89</b>
<b>Capítulo IV .....</b>	<b>94</b>
<b>1. Sugestões para a utilização do dicionário no ensino-aprendizagem de LE.....</b>	<b>94</b>
<b>1.1. Uma nova realidade – os sucessores do dicionário em papel .....</b>	<b>96</b>
<b>1.1.1. A propagação de novos termos e aceções criados por comunidades de não-linguistas.....</b>	<b>98</b>
<b>1.2. Sugestões para a sala de aula.....</b>	<b>101</b>
<b>1.2.1. Dar a conhecer a natureza imperfeita dos equivalentes .....</b>	<b>102</b>
<b>1.2.2. Exercitar a capacidade de paráfrase.....</b>	<b>106</b>
<b>1.2.3. Treinar o recurso ao dicionário no processo de ensino-aprendizagem .....</b>	<b>107</b>
<b>Considerações finais .....</b>	<b>112</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>115</b>
<b>Sitografia .....</b>	<b>119</b>
<b>Fontes das Figuras .....</b>	<b>121</b>

## Índice de Figuras

<b>Figura 1</b> - Imagem retirada da versão digitalizada do <i>Dictionarium ex lusitanico in latinum sermonem</i> (1562) .....	<b>8</b>
<b>Figura 2</b> - <i>Oxford Chinese Dictionary</i> com mais de 670.000 palavras e 2064 páginas, dimensões: 19,8 x 26,4 x 7,4 cm cerca de 2,6 Kg .....	<b>32</b>
<b>Figura 3</b> - <i>Langenscheidt Pocket Dictionary Mandarin Chinese</i> com mais de 40.000 palavras e 672 páginas, dimensões: 10 x 2,5 x 15 cm, cerca de 250 gramas.....	<b>32</b>
<b>Figura 4</b> - <i>Dicionário de Chinês-Português / Português-Chinês</i> da Porto editora com 25.500 entradas e 536 páginas, dimensões: 11 x 15 x 3 cm cerca de 250 gramas .....	<b>32</b>
<b>Figura 5</b> - Ilustração retirada de <i>O Meu Pequeno Dicionário Ilustrado Chinês-Português</i> .....	<b>40</b>
<b>Figura 6</b> - Ilustração retirada do dicionário Japonês <i>Kojien</i> (広辞苑).....	<b>40</b>
<b>Figura 7</b> - Jiaozi chineses .....	<b>61</b>
<b>Figura 8</b> - Ravioli Italiano .....	<b>61</b>
<b>Figura 9</b> - Um exemplo de uma “Flash Card” .....	<b>66</b>
<b>Figura 10</b> - Um exemplo de uma lista de palavras.....	<b>66</b>
<b>Figura 11</b> - O programa de “flash cards” ANKI .....	<b>69</b>
<b>Figura 12</b> - Entrada para o termo “sebastianismo” .....	<b>73</b>
<b>Figura 13</b> - Exemplo de uma “caixa cultural” .....	<b>74</b>
<b>Figura 14</b> - Modelo de disseminação de novas ideias .....	<b>97</b>
<b>Figura 15</b> - Representação de um Jiangshi .....	<b>101</b>
<b>Figura 16</b> - Representação de um Zombie .....	<b>101</b>
<b>Figura 17</b> - Tabela que indica o tipo de dicionário que deve ser utilizado para determinados tipos de tarefas .....	<b>106</b>

# Introdução

O percurso de aprendizagem de uma língua estrangeira é composto por várias etapas, ao longo das quais os recursos utilizados pelo aprendente assim como os contextos de aprendizagem em que este se insere se vão progressivamente diversificando e complexificando. Ao longo do meu próprio processo de estudo de chinês, o meu percurso foi marcado por diferentes escolas, diferentes professores, cada um com as suas metodologias e concepções sobre a língua e o melhor método de a ensinar/aprender, e também por diferentes manuais. No entanto, durante todo este processo, um elemento se manteve sempre constante: refiro-me aos dicionários.

Apesar do seu papel imprescindível no processo de aprendizagem de línguas estrangeiras, ao contrário de todas as outras variáveis referidas, sempre notei uma falta de informação por parte de todos os participantes neste processo, tanto professores como estudantes, no que diz respeito à temática dos dicionários. Apesar de surgirem frequentemente discussões em torno de aspetos como a qualidade dos materiais didáticos utilizados, a metodologia dos professores e até mesmo os hábitos de estudo dos aprendentes, as questões relacionadas com o uso do dicionário raramente foram objeto de reflexão, estando esta limitada a comentários avulsos, mais sustentados por crenças pessoais do que por dados científicos.

Esta foi a principal razão da escolha desta problemática para tema da presente dissertação de Mestrado, ou seja, parti da minha experiência pessoal para identificar a questão central deste trabalho de pesquisa, elaborado com o objetivo não só de complementar o meu conhecimento numa área cuja importância não terá sido porventura devidamente reconhecida, mas também de promover uma maior discussão sobre este tema entre a comunidade académica em que estou inserido, o que poderá, a meu ver, contribuir tanto para a sensibilização dos seus membros sobre a importância do dicionário como também para um melhor entendimento sobre como usar de forma proveitosa este recurso tão importante.

A presente dissertação está organizada em quatro capítulos, cujo conteúdo é o seguinte:

No capítulo I, procede-se a uma reflexão em torno do conceito de “dicionário”, reconstituindo-se sumariamente a história desta ferramenta linguística tanto em Portugal como na China. Pretende-se deste modo contextualizar o leitor sobre a origem e evolução deste recurso no contexto das línguas portuguesa e chinesa. De seguida é feita uma breve referência à lexicografia, com o objetivo de instruir o leitor sobre o processo de elaboração dos dicionários. Por fim, utilizando como base definições fornecidas por diversas fontes na área da lexicografia, é feita uma proposta para uma nova definição de “dicionário” de modo a criar uma referência central do termo a ser utilizada na própria dissertação.

O capítulo II analisa métodos e estratégias de incorporação do dicionário no estudo de uma língua estrangeira, refletindo sobre os diversos tipos de dicionário e apresentando argumentos para a seleção dos mais apropriados a cada contexto, aduzindo também sugestões para uma utilização adequada e proveitosa dos mesmos.

O capítulo III foca-se sobre a realidade concreta dos sinofalantes que aprendem português como língua estrangeira. Assim, procede-se a uma caracterização sumária dos seus perfis cognitivos e dos modelos de ensino-aprendizagem usados neste contexto específico. Pretende-se deste modo proceder à análise de alguns dos fatores que influenciam potencialmente este grupo-alvo de aprendentes, para que dela se possa partir para uma proposta de adaptação das estratégias de incorporação do dicionário no processo de aprendizagem destes alunos, as quais serão o objeto do capítulo seguinte.

No capítulo final, faz-se uma apreciação crítica sobre a situação atual do ensino de PLE na China, incorporando os contributos dos capítulos anteriores em tal apreciação. Cumulativamente, apresentam-se sugestões didáticas concretas para permitir tirar o melhor partido do recurso ao dicionário no contexto de uma sala de aula.



# Capítulo I

## 1. Em torno de uma definição de “dicionário”

*Dicionário*

*[disju'narju]*

*Nome masculino*

*Obra de referência onde se encontram listadas palavras e expressões de uma língua, por ordem alfabética, com informação linguística sobre cada uma delas, como a respetiva significação ou tradução para outra língua, a classe a que pertencem, informação fonética, etimológica, etc.<sup>1</sup>*

Começo o primeiro capítulo desta dissertação com uma definição sugerida pelo dicionário *online* da Porto Editora da palavra “dicionário”. O título dado a este capítulo indica que no mesmo se procurará refletir sobre as várias definições do vocábulo em questão, a fim de procurar um esclarecimento cabal do(s) sentido(s) do mesmo.

Sob circunstâncias normais, quando alguém desconhece uma palavra ou ignora o(s) seus(s) significado(s) exato(s), o primeiro e talvez único passo que dá é consultar um dicionário a que aceda facilmente, contentando-se muito frequentemente com a primeira definição que lhe é sugerida, sem procurar aprofundar a sua tarefa. Se tomarmos em consideração a definição apresentada como epígrafe deste capítulo, podemos com razoável certeza presumir que alguém que desconhecesse completamente o termo “dicionário” poderia, ao lê-la, formar uma ideia concreta sobre aquilo que é um dicionário, sendo capaz de memorizar e repetir a definição de modo a transmiti-la a outros. Porém, a questão complexifica-se quando se pretende encontrar uma definição suficientemente abrangente para que possa aplicar-se a todas as obras classificáveis como dicionários.

---

<sup>1</sup> Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2015. consultado a 2015/04/13 . Disponível *online* em: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/dicionario>

Tomando como ponto de partida a definição apresentada na epígrafe, constatamos que a referência à “ordem alfabética” não se aplica a um número incontável de obras. Por exemplo, não se enquadra neste critério uma série de dicionários, como é o caso de certos exemplares chineses e japoneses, que utilizam um tipo de ordem distinta da alfabética para listar as suas entradas. Do mesmo modo, existem também dicionários chineses, denominados 字典 *Zidiǎn*, cuja principal função é a de listar caracteres e fornecer informação acerca dos mesmos. Um caracter nem sempre pode ser considerado uma “palavra”, pelo que a definição apresentada acima, ao associar o dicionário a uma publicação que define palavras e expressões de uma língua, exclui também este tipo de obras. Assim, torna-se claro que a definição apresentada não é suficientemente abrangente nem exaustiva, ainda que se possa objetar que a mesma contém as informações necessárias para um não especialista.

A pertinência e a relevância das reflexões feitas bem assim como da própria temática desta dissertação estão relacionadas com a área de estudo em que a mesma se enquadra - o ensino de português a sinofalantes.

Para o estudo do português ou de qualquer outra língua estrangeira, o aprendente dispõe de várias fontes e recursos como sejam as aulas, os professores, a grande variedade de materiais impressos ou digitais a que modernamente se tem acesso, dentre os quais sobressai, sem dúvida, o dicionário. A meu ver, esta ferramenta indispensável não é suficientemente valorizada ou compreendida por aqueles que recorrem a ela todos os dias. Qualquer aprendente de línguas pode facilmente apresentar uma definição de dicionário sem ter de consultar qualquer recurso para o fazer assim como pode reconhecer a utilidade de tal material; no entanto, em vários estudos se afirma que este recurso é não só usado de maneira insuficiente, mas também de forma deficiente pela maioria das pessoas, já para não levantar a questão de alguns dicionários não terem as qualidades necessárias para contribuírem eficazmente para o processo de ensino-aprendizagem.

Ao elaborar uma resenha história do termo e do conceito em apreço e ao fornecer uma introdução à lexicografia, ramo da linguística que se ocupa do estudo dos dicionários, espero dar um contributo para que se perceba a relevância destas obras tão importantes e normalmente tão pouco valorizadas. Ao entender os desafios enfrentados e os avanços que têm sido feitos

neste campo, estou certo de que o valor desta ferramenta pode ser melhor reconhecido, contribuindo para que se possa tirar melhor partido da mesma. Ao mesmo tempo, ao estar ciente das limitações deste recurso, poderão ser evitados alguns erros comuns que provêm do seu manuseamento incorreto.

## **1.1. Para uma breve história do “dicionário” em Portugal e na China**

Na civilização chinesa, dada a sua grandeza e etnocentrismo cultural, os primeiros dicionários a surgir foram exemplares monolíngues em chinês. Já na Europa, os primeiros dicionários foram bilingues, criados para fazer face à necessidade de encontrar equivalentes nas línguas vernáculas que permitissem a compreensão de textos escritos sobretudo em Latim. Historicamente há assim uma diferença de base entre as origens do dicionário na China e em Portugal ou na Europa genericamente considerada.(van Sterkenburg, 2003)

Importante será realçar que, em ambos os casos, os primeiros dicionários bilingues a surgirem foram feitos por estudiosos ligados à religião. No caso europeu, esta necessidade de criar uma ferramenta de consulta surgiu devido ao facto de os membros do clero terem de ler e interpretar textos religiosos, sobretudo a bíblia, de modo a compreenderem os seus ensinamentos. Numa fase posterior, durante a época dos Descobrimentos, em que Portugal ajudou a disseminar a religião católica por outros continentes, nomeadamente na Ásia, o clero viu-se obrigado a desenvolver ferramentas que ajudassem a ultrapassar as barreiras linguísticas, de modo a que os seus membros pudessem propagar os princípios da fé católica e os seus ensinamentos religiosos. Podemos assim dizer que a religião e a igreja católica foram fundamentais para o desenvolvimento da lexicografia europeia. No caso da China, o budismo e a necessidade de entender as escrituras sagradas escritas em sânscrito levou também a um desenvolvimento acelerado da lexicografia chinesa. (Yong & Peng, 2008)

Nos próximos apartados deste trabalho deter-nos-emos nos casos concretos de cada um dos dois países considerados, procurando lançar luz sobre pontos de contacto e de afastamento no que diz respeito às respetivas histórias do dicionário.

### 1.1.1. O caso português

Para se entender a conjuntura na qual surgiram os primeiros exemplos daquilo que pode ser chamado “dicionário de língua portuguesa”, temos de primeiro entender a realidade linguística da Europa na Idade Média.

O Latim reinava como língua franca, e embora vários países como Portugal tivessem uma língua vernácula utilizada pela população local, a maioria das grandes obras eram escritas em Latim, e poucos eram os textos que estavam escritos em vernáculo. (van Sterkenburg, 2003)

Uma vez que nesta época o vernáculo português se manifestava sobretudo na sua forma oral, ao fazerem os primeiros esforços para darem um forma escrita à língua, os autores de textos escritos manifestavam uma grande preocupação com a compreensibilidade dos mesmos, o que justifica que estes textos estejam repletos de palavras redundantes, utilizadas para reforçar o entendimento por parte do leitor.

*“Gerou-se em primeiro lugar uma espécie de lexicografia implícita que tecia os próprios textos e facilitava a compreensão do vocabulário característico da escrita, forçosamente mais amplo e menos quotidiano do que o da língua oral” (Verdelho, 2002: 2)*

Ao mesmo tempo que surgia a forma escrita do vernáculo português, o seu confronto com o latim, especialmente no contexto escolar, levou à necessidade de se criarem materiais de apoio à intercompreensão das duas línguas. A escolarização em latim era apoiada por vocabulários baseados sobretudo na bíblia, que era o principal objeto de estudo, uma vez que na Idade Média, concretamente nos séculos XII-XIII, a educação era uma área dominada pelo clero.

Durante esta época, na Europa, os primeiros esforços que estão na base da criação da lexicografia resultaram em produtos conhecidos como “glosas marginais”, isto é, notas escritas nas margens de textos latinos, que ajudavam a descodificar palavras ou conceitos mais complexos. Estas notas eram escritas no vernáculo local, neste caso português, e ajudavam o leitor a compreender melhor os difíceis textos, na sua maioria religiosos, sem interromper a

leitura, uma vez que estas notas eram escritas nos próprios livros. Posteriormente estas glosas foram colecionadas e organizadas naquilo que é denominado de “glossário”. Os primeiros exemplos deste tipo de obra tinham como objetivo prioritário reunir explicações para palavras encontradas na Bíblia (van Sterkenburg, 2003).

Estes exemplares podem ser considerados como os antecessores do dicionário na Europa, podendo ser encontrados tanto em Portugal como noutros países europeus. É interessante notar que os primeiros esforços no campo da lexicografia europeia se assemelham àquilo que pode ser visto nos livros e cadernos de estudantes de línguas de hoje, os quais também apõem notas marginais nos textos que lhes permitem entender palavras ou expressões desconhecidas, de modo a facilitar a leitura e a compreensão desses mesmos textos.

Do até ao momento exposto, cabe salientar que embora a típica definição de dicionário se refira a um dicionário monolíngue, as suas origens históricas assinalam que os primeiros dicionários portugueses foram bilingues os quais, tal como no caso de outras línguas europeias, contrastavam o vernáculo local com o Latim.

Quando se pretende traçar a história do dicionário em Portugal, o primeiro grande trabalho português a referir é o de Jerónimo Cardoso (c.1500-c.1569). Embora haja relatos de trabalhos que o precederam, nenhum desses trabalhos foi encontrado. Intitulado *Dictionarium ex lusitanico in latinum sermonem* (1562).

*“O pequeno dicionário de Cardoso deve ser assim considerado como o padrão inicial da lexicografia do português. Não obstante a modéstia das suas dimensões, oferece um "corpus" lexical interessante e muito significativo para a época, composto por cerca de 12.100 formas diferentes, distribuídas por um pouco mais de 12.000 entradas a que foram ainda acrescentadas 728 na segunda edição (1569). Sendo embora um dicionário bilingue, apresenta, para além das equivalências latinas, uma abundante informação lexicográfica no respeitante à língua vernácula. Salientaremos alguns aspectos que exemplificam o esforço de elaboração de uma primeira metalexicografia portuguesa.” (Verdelho, 2002: 4)*

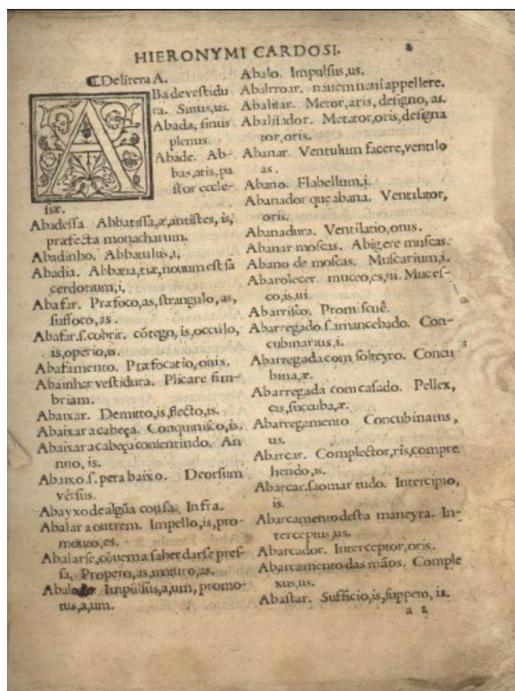


Figura 1 - Imagem retirada da versão digitalizada do *Dictionarium ex lusitanico in latinum sermonem* (1562)<sup>2</sup>

Como é possível observar pela imagem reproduzida, o trabalho de Jerónimo Cardoso já se assemelha visualmente a um dicionário moderno e a quantidade de informação nele incluída fez com que a sua obra e as consequentes reedições produzidas até ao fim do séc. XVII levassem a que este servisse

*“...de manual escolar e [tivesse] uma decisiva importância como fonte de referência para o vocabulário da língua vernácula durante uma longa sesquicentúria, até aos alvares do séc. XVIII, assistindo à leitura latina, facilitando a tradução e modelando a escrita portuguesa.” (Verdelho, 2002: 5)*

Pela citação reproduzida, pode-se já entender a importância do papel desempenhado pelos dicionários na história da linguística em Portugal, tendo este tipo de obra dado uma grande contribuição para a sua modelação e instrução numa fase inicial. Os primeiros dicionários portugueses não só contribuíram, no seu tempo, para ajudar a modelar a língua, como servem também hoje como um documento histórico que nos permite entender melhor a história da nossa língua.

Uma obra relevantíssima a este propósito é a de Amaro Reboredo (Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1621), com o título: *Raizes da lingua latina mostradas em hum tratado, e*

<sup>2</sup> Uma versão digitalizada do dicionário em formato PDF está disponível *online* em: <http://purl.pt/15192>

*diccionario: isto he, hum compendio do Calepino com a composição, e derivação das palavras, com a ortografia, quantidade e frase dellas.* Nesta obra, pela primeira vez são contrastadas as línguas portuguesa e espanhola. Tendo sido compilada durante o período em que Portugal estava sob o domínio dos Filipes de Espanha (entre 1580 e 1640), esta obra marca uma época da história de Portugal e mostra que a influência exercida pela monarquia espanhola foi considerável.

A lexicografia portuguesa continuou a desenvolver-se, tendo-se aberto, no século XVI, um novo capítulo na sua história, o qual teve como grande potenciadora a interação intercultural impulsionada pelos Descobrimentos. Mais uma vez seria o clero, mais especificamente os missionários jesuítas, os responsáveis por escreverem este novo capítulo, já que se confrontaram com a necessidade de ultrapassar barreiras linguísticas de modo a propalarem a sua palavra e a expandirem a fé católica nos novos territórios. É neste momento que a história lexicográfica de Portugal e da China pela primeira vez se cruzam.

Matteo Ricci (1562-1610), uma figura importantíssima na história linguística sino-europeia, foi o responsável, juntamente com Michele Ruggieri (1543-1607), pelo primeiro exemplar de um dicionário que juntou uma língua ocidental e o chinês. O Dicionário Português-Chinês, 葡汉辞典 *Pú hàn cídiǎn*, introduz pela primeira vez a romanização da língua chinesa, tal como era falada no período final da dinastia Ming, e é considerado um marco no desenvolvimento dos estudos linguísticos chineses.<sup>3</sup> Esta obra foi apenas uma das grandes contribuições deste grande homem cujo trabalho feito é reconhecido na China até hoje.

Infelizmente uma grande parte da documentação linguística relativa à ação dos missionários europeus na Ásia continua desconhecida ou por explorar, uma vez que estes documentos raramente eram trazidos de volta para a Europa, pois serviam como ferramentas para a aprendizagem das línguas autóctones. Outra razão que justifica o desconhecimento deste tipo de documentos é que muitos dos missionários responsáveis pela sua elaboração morriam em regiões remotas e com eles desaparecia o seu trabalho. Por isso, durante séculos este tipo de obras estava perdido para o mundo. Com a chegada do século XX e com a progressiva globalização do mundo cada vez mais interligado, foi possível recuperar muitas

---

<sup>3</sup> Cf. Ricci Institute for Chinese-Western Cultural History (University of San Francisco); Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal - Instituto Português do Oriente, 2001.

destas obras de grande importância para a história linguística destes territórios, que foram sendo reproduzidas por editores locais (Zwartjes, 2011). Uma dessas obras foi aquele que se presume também ser o primeiro dicionário a juntar o japonês e uma língua ocidental, o *Dictionarium latino lusitanicum, ac laponicum*, publicado em Amakusa em 1595 (Zwartjes, 2011). Este dicionário anônimo juntou latim, português e japonês numa única obra que serviu como ferramenta para japoneses que queriam aprender latim.

Este seria seguido pelo *Vocabulario da Lingoa de Iapam*, da Companhia de Jesus, em 1603, publicado em Nagasaki, o centro da religião católica no Japão da época, e uma região com grande influência portuguesa. Esta obra não era pequena: com 800 páginas, continha mais de 32 mil entradas. A sua autoria foi atribuída a Francisco Rodrigues, um professor de Japonês. Esta obra tinha o principal objetivo de ensinar a falar japonês e não a ler japonês.

A presença dos exploradores e missionários portugueses em vários continentes levou ao desenvolvimento de ferramentas como gramáticas, vocabulários e dicionários que ajudavam a comunicação intercultural. Escolhi o caso do Japão e da China, pois não só são relevantes para a área de estudo em que esta dissertação se insere, mas também mostram que a língua portuguesa foi, em alguns casos, a primeira língua europeia a conviver com línguas asiáticas, num contexto lexicográfico.

Retomando o percurso da história da lexicografia em Portugal, esta continuou a desenvolver-se, devendo ser realçada a obra *Tesouro da Língua Portuguesa*, pois, como afirma Verdelho,

*“O Tesouro tornou-se uma importante referência normativa para a língua portuguesa; contribuiu certamente para modelar a tradição ortográfica, e foi o primeiro “corpus” do léxico português formado a partir do património textual.” (Verdelho, 2002: 20)*

Com esta obra surge uma das características que associamos ao dicionário moderno: a sua componente normativa, isto é, uma ferramenta que define a ortografia da língua portuguesa. Até este ponto na história, o dicionário tinha servido como um auxiliar de estudo e uma ferramenta para ter acesso ao conhecimento escrito em latim, mas lentamente este vai adquirindo novas funções e aplicabilidades.

Outra função assumida pelos dicionários, em muito impulsionada pelo Vocabulário Portuguez e Latino, do padre Rafael Bluteau (1712/28), foi a de

*“corrig[ir] a opinião da "maior parte dos estrangeiros" que então, na Europa, consideravam que o português não era "lingoa de por si", mas apenas uma "corrupçam do Castelhana" que não justificaria um investimento dicionarístico, e acrescenta: "As lingoas Portugueza & Castelhana são duas irmaans, que tem alguma semelhança entre si, como filhas da lingoa Latina; mas huma & outra logra a sua propria independencia & nobreza, porque nem do Portuguez se deriva o Castelhana, nem do Castelhana descende o Portuguez.” – ib.)” (Verdelho, 2002: 7)*

Apenas no final do séc. XVIII começam a aparecer os primeiros exemplares de dicionários monolíngues portugueses. Aquele que pode ser chamado o primeiro dicionário moderno da lexicografia portuguesa é o Dicionário da Língua Portuguesa (1789), de António de Morais Silva. Tendo a sua primeira edição sido disponibilizada ao público em 1789, esta obra é o resultado de uma revisão do trabalho feito por Bluteau, em que cerca de um quarto das entradas de teor enciclopédico são retiradas. Para além disso, Morais Silva acrescenta aproximadamente 22.000 entradas inteiramente novas, ou seja, cerca de um terço da nomenclatura total, que anda à volta de 70.000 palavras.

Podemos aqui ver outra das características da lexicografia, nomeadamente o facto de as novas obras realizadas neste campo utilizarem dicionários já existentes, revendo o seu conteúdo e fazendo alterações que considerem ser necessárias, desde a adição de entradas que pensem estar em falta, até à remoção de entradas que sejam consideradas pouco adequadas. Este carácter iterativo é importante, uma vez que a aprendizagem de uma língua também é um processo iterativo, pois o novo conhecimento é construído a partir dos recursos existentes e das estruturas já estabelecidas. É importante entender esta característica da lexicografia porque ela nos permite analisar os dicionários como depósitos de história, como testemunhos privilegiados da evolução do vocabulário português.

*“Entretanto, a par deste e de outros dicionários de vulto, novas exercitações de lexicografia monolíngue são procuradas num mercado que se alarga consideravelmente ao longo do séc. XIX, acompanhando a democratização da frequência escolar e a generalização da comunicação pela escrita, com especial relevo para a literatura romanesca e para o jornalismo.” (Verdelho, 2002: 28)*

Como referido na citação supra, a partir do século XIX inicia-se uma época em que o conhecimento já não é exclusivo apenas das classes altas e do clero, havendo portanto uma necessidade de criação de recursos que fossem mais acessíveis, isto é, que disponibilizassem informação mais facilmente entendível por um público menos erudito. O trabalho de Morais Silva foi importantíssimo a este respeito, pois a sua revisão da obra de Bluteau permitiu que o seu dicionário impusesse menos barreiras na sua utilização.

No entanto, por muitos avanços que tenham sido feitos por Morais Silva, seria a uma obra compilada posteriormente que se ficaria a dever a generalização do uso do dicionário. Esta obra foi o Dicionario da Lingua Portuguesa, de José da Fonseca, “feito inteiramente de novo e consideravelmente augmentado, por J.-I. Roquete”, publicado em 1848 (Verdelho, 2002: 60). O papel de José Inácio Roquete (1801-1870), reconhecido como principal responsável pela qualidade e funcionalidade do novo dicionário, levou a que esta obra passasse a ser conhecida como “Dicionário Roquete”.

*“O Dicionário de Roquete, com as suas 50.000 entradas, com a simplificação dos artigos, com uma renovada informação gramatical (que inclui, entre outros aspectos, os regimes e as conjugações dos verbos irregulares), com uma opção ortográfica moderna e exemplar, com um preço certamente acessível (visto que foi reimpresso durante anos sucessivos, pelo menos até 1875), tornou-se o mais influente modelo para esta abundante produção dicionarística, que generalizou o uso do dicionário na escola, em casa e nos locais de trabalho.” (Verdelho, 2002: 17)*

A partir desta altura, a lexicografia portuguesa começou a ter em consideração o alargamento do público utilizador de dicionários. Surge assim uma divisão entre diferentes tipos de dicionários. Até este ponto na história, o objetivo dos autores era fazer o melhor dicionário possível, sendo que a preocupação em adequar o produto ao seu público-alvo apenas surge a partir desta altura. Esta preocupação ajudou a desenvolver a ciência, que poderia agora subdividir-se em vários campos, cada um com a sua especialização.

Para a conclusão deste ponto, considero ainda relevante fazer referência a dois outros dicionários importantes na história lexicográfica portuguesa. São eles o Grande dicionário da língua portuguesa e o Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

*“O primeiro é a 10a. Edição revista, corrigida, muito aumentada e actualizada (12 vols. 1949-59) do Grande dicionário da língua portuguesa Esta obra [foi] levada a cabo por Augusto Moreno (1870-1955, assinala-se o seu falecimento a partir do vol.IX), José Francisco Cardoso Júnior (1884-1969, teve também a seu cargo a "secção lexicográfica" da Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira) e José Pedro Machado (1914, que tem sido o mais operoso dicionarista português do século XX).” (Verdelho, 2002: 24)*

Com um número astronómico de 306.949 entradas, esta obra representa até ao momento, a mais importante realização da dicionarística portuguesa (Verdelho, 2002).

O segundo dicionário sobre o qual considero importante determo-nos é o Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, cuja compilação foi supervisionada por Antônio Houaiss, um lexicógrafo brasileiro que foi Ministro da Cultura daquele país lusófono. Para o completar foi necessário um esforço enorme: a compilação da sua primeira edição começou em fevereiro de 1986, tendo sido concluída apenas em dezembro de 2000. Nele estiveram envolvidos 35 lexicógrafos, 43 colaboradores especializados, contando com contributos de especialistas de Portugal, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola e Moçambique. O resultado foi um dicionário com cerca de 228.500 unidades lexicais. Tendo sido o resultado do trabalho de tantos especialistas, esta obra pôs o foco na recolha de dados e numa profunda pesquisa etimológica.<sup>4</sup>

Embora tenha sido recebida com críticas favoráveis por parte do público em geral e dos especialistas da área, esta obra tornou-se conhecida do grande público pela controvérsia criada em torno da entrada para o termo “cigano”. Na realidade, a segunda edição deste dicionário, de 2012, inclui a seguinte definição:

*”6) Uso: pejorativo. que ou aquele que faz barganha, que é apegado ao dinheiro; agiota, sovina”<sup>5</sup>*

Devido ao conteúdo desta entrada, o Ministério Público Federal (MPF), em Minas Gerais, no Brasil, apresentou uma ação judicial, pedindo que fossem recolhidos os exemplares do dicionário, alegando tratar-se “de uma visão depreciativa que influencia o conceito que a

---

<sup>4</sup> Mauro de Salles Villar em Kernerman Dictionary News, 2012. Disponível *online* em: <http://kdictionaries.com/index.html#news>

<sup>5</sup> Definição do Dicionário Houaiss retirada e um artigo *online* sobre a controvérsia disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/dicionario-houaiss-resistira-a-patrolhamento-diz-coautor/>

sociedade possui dessa etnia.”<sup>6</sup>A acusação não viria no entanto a ter êxito em tribunal, uma vez que:

*“O juiz federal Marcelo Aguiar Machado, avaliou que a informação contida no dicionário não pode ser classificada como abusiva, injuriosa, caluniosa, difamatória ou mesmo inverídica, pois retrata apenas uma definição catalogada.”*<sup>7</sup>

Se fazemos referência a este caso é porque ele revela o papel que o dicionário tem vindo a assumir nos tempos atuais, sendo percecionado pelo público em geral como uma obra de natureza prescritiva e até mesmo moral, como se o seu conteúdo definisse uma configuração da realidade, esquecendo a natureza metalinguística deste tipo de publicação que pretende apenas definir termos em uso em contexto linguístico e não expressar juízos de valor sobre os mesmos.

Por muitos usuários, o dicionário é visto como uma ferramenta “ditatorial” que impõe formas de dizer e de escrever, esquecendo esses que, na realidade, este foi criado com o intuito de auxiliar quem quer que procure adquirir ou aprofundar conhecimento de natureza linguística. De facto a ideia de o dicionário possuir uma função autoritária deixa muitos lexicógrafos desconfortáveis (van Sterkenburg, 2003).

Por outro lado, o conteúdo dos dicionários é também continuamente criticado, sobretudo devido à inclusão de neologismos e de estrangeirismos. Quando confrontada com esta questão, é comum a opinião pública manifestar uma reação bastante forte chegando ao ponto de criar petições públicas para se opor à entrada de novas palavras no dicionário de língua portuguesa<sup>8</sup>, o que, em última análise, releva da grande importância que os dicionários têm e do papel de relevo que lhes é reconhecido.

Em jeito de conclusão, cabe por fim referir que, tomando consciência da história do dicionário em Portugal, é possível ficar com um melhor entendimento das sucessivas etapas do seu desenvolvimento e dos contributos dados por este tipo de obra para o desenvolvimento da

---

<sup>6</sup> Notícia *online* disponível em: <http://www.conjur.com.br/2014-jul-08/dicionario-mostrar-definicao-pejorativa-termo-cigano>

<sup>7</sup> Notícia *online* disponível em: <http://www.conjur.com.br/2014-jul-08/dicionario-mostrar-definicao-pejorativa-termo-cigano>

<sup>8</sup> Exemplo de uma destas petições, disponível *online* em <http://peticaopublica.com/pview.aspx?pi=Rosa>

língua portuguesa, por si própria considerada, mas também nas relações que mantém com as demais línguas.

### **1.1.2. O caso chinês**

A tarefa de reconstituir a história lexicografia chinesa é não só mais ambiciosa como mais difícil em comparação com o caso português, dado que a narrativa sobre a língua chinesa estende-se ao longo de milénios e não de séculos. A extensão admirável de uma história tão rica apresenta outro tipo de obstáculos. No caso português, a grande maioria das obras que referi podem ser encontradas no seu estado original, ou em reproduções fidedignas, enquanto a longa e conturbada sucessão de dinastias na China levou ao desaparecimento de inúmeras obras, cuja existência é apenas reconhecida por relatos históricos exarados noutras obras que sobreviveram até aos nossos dias.

Em primeiro lugar, é importante realçar a grande diferença em termos do estatuto da língua chinesa quando comparada com a portuguesa. Durante a Idade Média, época a que remonta a formação de Portugal como nação independente, Portugal era apenas um pequeno país na ponta ocidental da Europa e o latim era usado como língua franca, o que é indicador de que o português não gozava de um estatuto elevado. Pelo contrário, o caso chinês é completamente distinto.

A grandeza da civilização chinesa e o seu desenvolvimento tecnológico e cultural tornaram a China um ponto central de propagação de conhecimento na Ásia, sendo que uma das maiores influências que este país teve nos territórios vizinhos foi a propagação do sistema de escrita chinesa, apropriado por países como o Vietname, a Coreia e o Japão, sendo que este último ainda utiliza uma versão de caracteres muito semelhantes aos que são utilizados hoje na China. Esta posição de topo na hierarquia linguística também se reflete num diferente desenvolvimento lexicográfico, sendo que, como já antes se afirmou, o primeiro exemplo de dicionário chinês foi uma versão monolíngue e não bilingue.

Ao investigar as origens pré-lexicográficas, isto é, que antecedem obras que possam ser consideradas verdadeiros dicionários, é interessante notar que estes desenvolvimentos têm algumas semelhanças com aquilo que aconteceu na Europa. Se o velho continente se dedicava sobretudo ao estudo da Bíblia, na China foram as obras compiladas por Confúcio (551-479 A.C.), que despertaram a atenção dos eruditos. O interesse pela leitura e interpretação destas obras teve o seu auge aquando da primeira unificação da China, tema que será abordado mais à frente. Embora estas obras estivessem escritas em caracteres, o significado e forma destes tinham sofrido mudanças ao longo dos anos. Tornou-se uma tarefa urgente explicar e interpretar os caracteres escritos nos “Clássicos de Confúcio”, sendo que esta tarefa é denominada exegese 训诂 *Xùngǔ* (Yong & Peng, 2008).

De acordo com o que se pode ler em A Interpretação Retificada do Livro de Canções de Mao 毛诗正义 *Máo shī zhèngyì*, 训 *Xùn* por “exegese” entende-se o processo de descrever o aspeto de algo de modo a dá-lo a conhecer a terceiros, ou seja, explicar caracteres ou expressões através de paráfrases ou descrições; 诂 *gǔ* significa comentar as diferenças entre caracteres antigos e aqueles usados na linguagem contemporânea tornando-os assim inteligíveis; por outras palavras, usar linguagem contemporânea para explicar o significado de caracteres antigos. Começou então a aparecer aquilo que pode ser comparado às “glossas marginais” que referi no caso português, ou seja, a aposição de notas que tentavam explicar caracteres e palavras mais complexas escritas nas margens dos clássicos da literatura chinesa. Esta prática tornou-se numa atividade académica organizada a partir do *boom* intelectual da dinastia Ocidental Han 前汉 *Qián hàn*<sup>9</sup>. O desenvolvimento desta prática que iria posteriormente ser um ramo separado da filologia chinesa contribuiu em muito para a criação dos primeiros dicionários chineses.

Embora a história da escrita chinesa seja estimada em cerca de 5000 anos, foi durante a primeira dinastia que conseguiu criar uma China unificada, a dinastia Qin 秦 *Qín* (221-206 A.C.), que surgiu um sistema de escrita estandardizado imposto em todo o seu território. Foi

---

<sup>9</sup> A dinastia Ocidental Han (202-8 A.C.), assim como a dinastia Oriental Han (25–220 D.C.), foram períodos marcados por um grande desenvolvimento da civilização chinesa. Períodos de desenvolvimento civilizacional normalmente são acompanhados de um grande desenvolvimento linguístico e académico, não só na China como noutras grandes civilizações do mundo.

durante este período (que inclui as sucessivas dinastias Han), caracterizado por um grande desenvolvimento cultural, económico e populacional, que surgiram as primeiras obras que podem ser consideradas como integrando o legado lexicográfico chinês.

O decreto 书同文 *Shū tóngwén* promulgado pelo primeiro imperador da dinastia Qin, 秦始皇 *Qínshǐhuáng* implementou um sistema de escrita comum que deveria ser usado em todo o território recém-unificado. Este foi um dos muitos grandes esforços necessários para a unificação do imenso território chinês. Para além da escrita, foi implementado um sistema comum monetário e de medidas de peso e dimensão de modo a unificar a China pela primeira vez na história e a facilitar a comunicação e o comércio dentro do seu vasto território. Estas medidas levaram, no entanto, a uma grande perda de herança cultural e infelizmente algumas das fontes de informação linguística chinesa foram também perdidas neste período. Não obstante, com o intuito de popularizar o novo sistema de escrita, o imperador ordenou a escrita de textos que o utilizassem, de modo a criar obras de referência entre as quais vários manuais especialmente criados para ensinar o sistema de escrita. Este tipo de manual já existia desde a dinastia Zhou Ocidental 西周 *Xīzhōu* (1050-771 A.C.), sendo o exemplar mais conhecido, a fonte de cultura lexicográfica na China (Yong & Peng, 2008), o manual do historiador Zhou 史籀篇 *Shǐ zhòu piān*.

O imperador Zhou Xuanwang 周宣王 *Zhōu xuānwáng* (827-782 AC) ordenou a um dos seus historiadores Zhou 籀 *zhòu* que realizasse um levantamento topográfico das palavras que estavam a ser utilizadas na China. Com o resultado das suas pesquisas, este criou um manual cujo objetivo era ajudar professores a ensinar caracteres a crianças. Obviamente este era um grupo extremamente reduzido de pessoas que estavam no topo da pirâmide hierárquica da sociedade de então. A principal importância deste trabalho como contributo para a lexicografia chinesa consiste no facto de que Zhou criou um sistema de divisão dos caracteres em vários tipos que se designa por “teoria das seis categorias”: caracteres pictográficos, autoexplicativos, picto-fonéticos, de explicação recíproca (que se explicam mutuamente) e de importação fonética (Yong & Peng, 2008). Há indícios de que este livro continha mais de 9000 entradas, sendo que se tornou uma obra obrigatória para aqueles que queriam participar nos exames oficiais que davam acesso a posições governamentais.

Este tipo de obras continuaram a ser utilizadas, dando origem a outras obras, das quais salientamos o manual CangJie 仓颉篇 *Cāngjié piān*, da dinastia Han Ocidental, que seguiu o seu modelo. Deste modo, mais uma das características da lexicografia já apontadas antes se revela também presente na lexicografia chinesa: a sua natureza iterativa. Estes manuais utilizavam a informação e o conhecimento disponibilizado nas obras de exegese e os primeiros manuais serviram de exemplo para os manuais subsequentes, ou seja, o trabalho conceituado dos antepassados era aproveitado como base para trabalhos posteriores. É importante também notar que estas obras estavam separadas por séculos e os registos que nelas estão presentes servem como depósitos históricos, uma vez que a língua e a cultura estão continuamente em mudança.

No manual Cangjie, os caracteres que funcionam como sinónimos ou que estão relacionados através do significado de certos componentes foram agrupados com base na classificação de radicais. Por exemplo, 开 *kāi* (abrir)<sup>10</sup>, 闭 *bì* (fechar), 门 *mén* (portão) e 闾 *lū* (aldeia) estão todos agrupados com base em 门, uma vez que o seu significado está relacionado com o conceito de portão. Da mesma forma os caracteres 病 *Bìng* (enfermidade), 狂 *kuáng* (loucura), 疵 *cǐ* (deformidade), 疤 *bā* (um tipo de ferida), 灾 *zāi* (queimadura)<sup>11</sup>, 疡 *yáng* (ferida) estão todos semanticamente relacionados com 病 e portanto são agrupados com base em 疒 (radical característico de caracteres que se referem a enfermidades), (Yong & Peng, 2008). Estes casos são ilustrativos de outro contributo para o desenvolvimento da lexicografia chinesa. Este modelo inicial de agrupamento de caracteres foi um passo fundamental, uma vez que uma das características de um dicionário chinês moderno assenta na ordenação do seu conteúdo de forma que a procura de termos seja facilitada, o que, no caso chinês, se apoia na utilização de radicais como auxiliares de procura.

Ambos os manuais referidos revelam o poder deste tipo de obras sobre a língua bem assim como a sua capacidade para criar um modelo linguístico a seguir: a standardização, tão

---

<sup>10</sup> A forma simplificada moderna do carácter para “abrir” não apresenta o radical de “portão” 门; no entanto a sua forma não simplificada 開 já o apresenta.

<sup>11</sup> A forma simplificada deste carácter também não apresenta o radical de enfermidade 疒, nem mesmo a forma não simplificada o apresenta. É portanto caso para assumir que a forma do carácter na altura em que O Manual Cangjie foi compilado incluía este radical.

desejada pelo imperador de Qin. Para a consecução de tal propósito, era necessário um consenso não só em relação à forma dos caracteres, mas também quanto ao significado que lhes deveria ser atribuído uniformemente em todo o país. Estas obras tiveram um papel extremamente relevante para o cumprimento destes objetivos.

### 1.1.2.1. 尔雅 Ěr yǎ, o primeiro dicionário chinês

Esta obra é considerada o primeiro “verdadeiro” dicionário chinês. Os resultados de uma pesquisa no Google ou na correspondente versão chinesa deste motor de buscas – Baidu – a partir da expressão “primeiro dicionário chinês” irão revelar o seu nome e as principais referências bibliográficas impressas (como por exemplo a obra CHINESE LEXICOGRAPHY: A History from 1046 bc to ad 1911, usada para a redação deste capítulo) também a definem como tal. A história situa a sua elaboração entre as dinastias de Zhou e Qin, tendo sido completamente finalizada durante o período correspondente às dinastias Han. Durante esse longo período a obra foi sujeita a um grande número de alterações que consistiram em acrescentar notas ou comentários e numa reordenação do seu conteúdo, sendo o produto final, novamente, o resultado de várias revisões e mudanças iterativas.

Ao observar uma imagem da sua versão transcrita em formato digital<sup>12</sup>, podemos já reconhecer a estrutura de um dicionário, sendo esse um dos primeiros indícios de que esta obra pode ser designada como tal. Submetendo o seu conteúdo a uma rigorosa análise de acordo com os padrões modernos, este seria categorizado como um dicionário especializado, mais especificamente um dicionário de sinónimos. A sua ênfase nos sinónimos é realçada por Yong & Peng (2008), que sublinha que a obra 尔雅注 Ěr yǎ zhù tinha o objetivo de diferenciar palavras com a mesma essência mas com nome diferente. Porém, embora uma grande percentagem das suas entradas possa ser vista como típica de um dicionário de sinónimos, outras entradas que incluem notas e comentários fazendo aproximar esta obra do estatuto de dicionário generalista, o que permitiu que a mesma servisse de modelo para versões futuras.

---

<sup>12</sup> Versão transcrita em formato digital disponível online em: [http://www.guoxue.com/jinbu/13jing/erya/13j\\_eyml.htm](http://www.guoxue.com/jinbu/13jing/erya/13j_eyml.htm).

Uma característica importante dos dicionários já anteriormente referida é a sua capacidade para servirem como janelas que nos dão um vislumbre sobre a sociedade da época em que foram elaborados. Um exemplo deste tipo de informação é-nos dado através de um dos padrões presentes na obra que vimos considerando. Ao diferenciar palavras, certos caracteres eram usados para classificar objetos ou termos em duas categorias: “grande” ou “pequeno”, como pode ser observado no caso seguinte.

蟒,王蛇 *Mǎng, wáng shé*<sup>13</sup> - entrada para a palavra “Boa” (substantivo que designa um tipo de cobra).

O caractere 王 *wáng* (rei) é utilizado para indicar que “Boa” é um tipo de cobra grande. Outros caracteres desempenhavam a mesma função de indicar o tamanho de certos objetos. Em oposição, o caractere 女 *nǚ* (mulher) era usado como indicador para objetos pequenos. A utilização do caractere de mulher desta forma revela que as mulheres eram associadas ao conceito de pequeno, espelhando a sua posição social.

A obra está dividida em 19 capítulos, sendo que os três primeiros são de natureza mais filológica, concentrando-se em expressões literárias encontradas em obras clássicas chinesas, enquanto os restantes capítulos podem ser considerados de natureza enciclopédica. O ErYa revela-se um recurso polivalente que, tal como os dicionários modernos, vai além do fornecimento de informação puramente linguística e ajuda a entender melhor fenómenos naturais que vão para além da linguística, através do fornecimento de informação enciclopédica. O seu formato e estilo foram fundamentais para a lexicografia chinesa.

Um ponto comum que esta obra tem com os manuais que a antecederam é a preocupação em escolher caracteres que fossem de uso comum. De modo a conseguir determinar estes caracteres, foi dada atenção ao estudo de frequência de uso de certas palavras. Este tipo de estudo tornou-se um dos pontos fulcrais da lexicografia moderna, ajudando a determinar quais as entradas a serem incluídas no produto final. O ErYa foi pioneiro nesta prática há mais de 2000 anos atrás (Yong & Peng, 2008).

---

<sup>13</sup> Exemplo retirado da versão digital do capítulo 释鱼 *Shì yú*.

É difícil determinar com certeza quem foi o autor do ErYa porque o seu surgimento deu-se numa altura de mudança política em que havia perseguição daqueles que estivessem associados à propagação da cultura antiga e que, uma vez apanhados, eram condenados à morte. Faz sentido então que o autor de uma obra que ajudava a entender os clássicos tivesse receio de revelar a sua identidade, ficando assim o investigador contemporâneo privado de conhecimento sobre a verdadeira autoria de uma das obras mais influentes da história da lexicografia chinesa.

### 1.1.2.2. O dicionário de Palavras Dialéticas 方言 Fāngyán

Antes de o imperador da dinastia Qin ter unificado a China, o seu território estava subdividido em vários Estados, cada um dos quais com a sua própria identidade cultural. Aquando da unificação, embora estes Estados se tivessem submetido à utilização de uma escrita única, a verdade é que o chinês utilizado nas zonas periféricas à sua capital 长安 *Cháng'ān*, localizada na atual província de 陕西 *Shǎnxī*, cidade de 西安 *Xī'ān*, variava substancialmente daquele usado na capital. Este dicionário foi o primeiro na história da lexicografia a reconhecer e estudar este fenómeno e é considerado como o primeiro exemplar no mundo a conduzir este tipo de estudo (Yong & Peng, 2008).

A motivação por detrás da elaboração deste dicionário resulta de um interesse do governo central em conduzir uma investigação cultural sobre as regiões periféricas à capital, com o intuito de ajudar a manter uma relação próxima com estes territórios.

O desenvolvimento deste trabalho coincidiu com o *boom* do comércio interno da dinastia Han, havendo um contacto muito maior entre as várias regiões chinesas. Este trabalho ajudou também a definir fronteiras dialéticas, isto é, construiu um mapa que permitiu identificar as subdivisões linguísticas do território chinês da época. Esta informação é valiosa para traçar o retrato de uma China que, embora estivesse unificada, continuava a mostrar diferenças regionais acentuadas. Cumulativamente, nesta obra encontramos também outro género de informação, nomeadamente sobre certos tipos de padrões migratórios, uma vez que

os migrantes de uma certa região continuariam a manter o seu dialeto nas regiões de acolhimento. Para além de nos fornecer esse mapa regional, outro grande contributo foi o da criação de um sistema que permitisse mostrar as diferentes pronúncias de cada região. Uma vez que esse sistema não existia até então, o autor teve de recorrer a caracteres antigos e por vezes até criar novos caracteres para esse fim.

A tarefa de compilar um documento tão complexo e inédito foi surpreendentemente realizada por um só homem 扬雄 *Yáng Xióng* (53 A.C.- 18 D.C.). Durante 27 anos, este estudioso recolheu vocabulário dialetal de todo o país. A sua metodologia para a recolha de dados baseou-se em entrevistas feitas a oficiais das diferentes zonas, estudantes que se preparavam para os exames oficiais e soldados destacados. Esta preocupação com a compilação de um documento que registasse as diferenças dialetais dentro de um mesmo país, bem assim como a metodologia seguida, antecede os trabalhos europeus com o mesmo intuito, havendo um intervalo de mais de 1500 anos entre eles.

Esta obra é reveladora da peculiaridade da situação linguística de um país com a dimensão da China, onde ainda hoje há uma enorme quantidade de zonas dialetais e até mesmo a pronúncia e a utilização de certas expressões do Mandarim variam dependendo da zona, mesmo que certas expressões dialetais integrem presentemente o vocabulário comum chinês. Um exemplo é a palavra chinesa para “Jesus”, cuja origem está na significação do termo para o dialeto cantonês. Este dialeto, predominantemente usado no Sul do país, que inclui a região de Cantão, tem uma considerável influência no Mandarim, uma vez que esta região tem uma história mais longa de interação com o exterior, o que levou à introdução de termos estrangeiros no dialeto, que seriam posteriormente absorvidos pelo Mandarim. A indústria de entretenimento nesta zona da China também está particularmente bem desenvolvida, especialmente em Hong Kong, sendo que os seus produtos, vistos por todo o país, também ajudam a espalhar e tornar populares certas expressões.

### 1.1.2.3. O caso dos dicionários bilingues

Tal como no caso europeu, os primeiros esforços feitos no campo da lexicografia bilingue foram motivados pela propagação da religião, mais especificamente, pela necessidade de traduzir textos religiosos, no caso europeu a bíblia, e no caso chinês sutras budistas. De modo a conseguirem espalhar a sua palavra, os monges budistas, assim como os padres jesuítas tiveram de fazer um grande esforço para aprender línguas estrangeiras, e o seu trabalho pioneiro nesta área marcou o início de uma nova época de comunicação intercultural.

O Budismo foi introduzido na China durante a dinastia Ocidental Han 前汉 *Qián hàn* (Yong & Peng, 2008), época em que a China passou por um grande desenvolvimento cultural. Um acontecimento importantíssimo que decorreu nesta época foi o surgimento da famosa Rota da Seda, um percurso resultante das trocas comerciais entre a China os países que a rodeiam, levando os seus produtos até ao ocidente e abrindo um novo mundo para o comércio internacional. Este tipo de desenvolvimento cultural é ilustrativo de uma fase de grande avanço civilizacional.

No entanto, o conceito de Budismo continuava a ser uma ideia estrangeira na China, algo que dificultou ainda mais a tarefa dos monges indianos, que não só tinham de aprender a língua chinesa para poderem comunicar com os locais, mas também enfrentavam o grande desafio de explicar um conceito sem equivalente cultural. Esta tarefa ainda hoje é difícil, mesmo com o grande número de ferramentas de que dispomos para nos auxiliar; por isso, o trabalho feito por estes homens foi realmente notável.

As traduções das sutras religiosas feitas pelos indianos iriam ser os melhores exemplares disponíveis para a os chineses durante vários séculos, até que na dinastia Tang 唐 *Táng* (618 – 907), outro ponto alto na história chinesa, vários monges chineses fizeram peregrinações para a Índia, com o intuito de melhorar a sua compreensão sobre os ensinamentos budistas para eles poderem pregar a religião na China, assim como estudar as línguas em que estavam escritas as sutras, principalmente o sânscrito, de modo a estes elaborarem novas traduções.

Esta dedicação levou a uma melhoria significativa na qualidade das traduções das sutras, e ao mesmo tempo forneceu vários instrumentos que serviriam como base para futuros dicionários bilíngues Sânscrito-Chinês. Estes incluem glossários escritos durante a sua estadia na Índia, assim como compilações de termos budistas com as suas respectivas explicações. (Yong & Peng, 2008)

Outro importante desenvolvimento a realçar foi o da criação de transliterações em caracteres chineses dos termos budistas. Os documentos que continham estas transliterações foram estudados, particularmente durante a dinastia Tang, e foram feitas várias compilações das mesmas. Estas compilações, que reuniam vários termos budistas tidos como de difícil compreensão, são consideradas o arquétipo dos dicionários bilíngues chineses (Yong & Peng, 2008).

É importante realçar que estas obras listavam os termos tanto em sânscrito como em chinês, fornecendo explicações para esses termos, de modo a facilitar a compreensão das sutras, estando normalmente as suas entradas ordenadas pela sequência em que apareciam nas sutras. Uma característica interessante é que a maioria deste tipo de obras apresenta uma transliteração do termo sânscrito, e não a palavras escrita no seu sistema de escrita original, fornecendo de seguida uma explicação em chinês. Podemos ver aqui as semelhanças com o trajeto lexicográfico português, já que o trabalho desenvolvido pelo estudo de obras religiosas e a necessidade de as melhor entender gerou documentos que tentavam fornecer explicações para os termos mais complexos.

A primeira obra específica a que irei fazer referência é Uma coleção variada de termos em Sanscrito 梵语杂名 *Fàn yǔ zá míng*<sup>14</sup>, sendo a sua autoria atribuída ao monge 利言 *Lì Yán* que viveu durante a dinastia Tang no território que corresponde à atual província de 新疆 *Xīnjiāng* no Nordeste da China. Ao contrário das compilações que a antecederam, esta obra listava palavras escritas em sânscrito e fornecia uma tradução em chinês. Esta estrutura assemelha-se imenso à de um dicionário bilingue moderno, que fornece entradas na língua estrangeira seguidas por uma tradução/ equivalente sugerido para o termo em questão. Esta obra serviu como modelo para versões futuras de glossários de sânscrito.

---

<sup>14</sup> Existe uma lista dos termos incluídos nesta obra disponível *online* em <http://wisdombox.org/Fanyutsaming.pdf>

O surgimento de um dicionário Chinês-Sânscrito provém do contacto e troca intercultural entre a China e a Índia, sendo que neste caso a China era importadora de uma parte da cultura indiana. Esta relação é notável por ser uma exceção à regra, uma vez que a China era sobretudo uma exportadora de cultura para os territórios que a rodeavam durante esse período. A importação do sistema de escrita chinesa pelo Japão e pela Coreia, entre outros, demonstra que culturalmente a China estava num nível de desenvolvimento cultural superior na Ásia. Esta apropriação dos caracteres chineses originou uma relação algo semelhante com aquela que alguns países europeus, incluindo Portugal, tiveram com o Latim, uma vez que estes países utilizavam caracteres chineses para escreverem as suas grandes obras. Estes dois países em particular tinham uma tradição de relações diplomáticas com a China, sendo que esta relação intercultural e a necessidade de comunicação levaram à produção de dicionários bilingues tanto Chinês-Japonês como Chinês-Coreano.

A cultura de dicionários bilingues tem ainda uma outra dimensão na China, uma vez que a sua relação com outras culturas e etnias foi de diferente carácter dependendo da dinastia que observarmos. Não só foram criados dicionários devido às trocas interculturais entre a China e o estrangeiro, mas também devido às trocas interculturais dentro da própria China.

Durante a longa história chinesa o controlo dinástico do seu território nem sempre esteve sob o domínio da etnia 汉 Hàn, aquela a que pertence a maioria da população chinesa, que perfaz um total de mais de 90% em 2014.<sup>15</sup> Tal foi o caso durante a dinastia 元 Yuán (1271 – 1368) que foi estabelecida pelos mongóis liderados pelo infame Ghengis Khan, e a última dinastia chinesa a 清 Qīng, estabelecida pela minoria étnica que habitava na Manchúria. O período que compreende a dinastia Yuan coincide com o período de expansão mongol, cujo exército conseguiu dominar uma grande parte da Ásia. Esta expansão estimulou o aparecimento de vários dicionários/glossários bilingues que contrapunham o mongol a línguas dos territórios por onde esses exércitos passaram, sendo que a China não foi nenhuma exceção. Um exemplo notável foi o 蒙古译语 *Ménggǔ yì yǔ*, um glossário que continuava com a tradição de usar caracteres chineses para transliterar línguas estrangeiras (Yong & Peng, 2008).

---

<sup>15</sup> Estatísticas disponíveis *online* em <http://worldpopulationreview.com/countries/china-population/>

Outro caso étnico importante de referir é o tibetano. Uma das características culturais da etnia tibetana é a sua forte ligação ao budismo, sendo que esta ligação resultou num esforço ainda maior por parte dos tibetanos para compreender e melhorar as traduções das sutras budistas. Uma das zonas de influência da etnia tibetana, que se localiza atualmente nas províncias de 甘肃 *Gānsù* e 青海 *Qīnghǎi*, tomou especial cuidado em reunir um grupo de tradutores provenientes da Índia e do Tibete para elaborarem novas traduções dos clássicos budistas de modo a retificarem as traduções prévias feitas pelos chineses. Esta tarefa, que começou no início do séc. IX, produziu traduções destinadas à transmissão e propagação do budismo, assim como um glossário Sâncrito-Tibetano que ajudou a estandardizar as traduções de sutras. Este glossário apelidado 翻译名义大集 *Fānyì míngyì dà jí* incluía mais de 9500 entradas, na sua maioria termos budistas ordenados em várias categorias. Este glossário foi introduzido no resto do território chinês durante a dinastia Yuan, onde tanto os monges chineses como mongóis adicionaram traduções nas suas respectivas línguas, dando origem ao primeiro dicionário multilingue na história da lexicografia chinesa (Yong & Peng, 2008).

#### **1.1.2.4. A influência ocidental**

Após vários séculos de influência budista no território chinês, o período dos Descobrimentos Europeus introduziu uma nova religião no país, sendo que as interações interculturais resultantes deste processo produziram vários novos dicionários e abriram mais um capítulo na longa história lexicográfica da China.

Como já foi referido no caso português, foi Matteo Ricci com o seu *Dizionario Portoghese–Cinese* o responsável por aquilo que é considerado o primeiro dicionário a combinar uma língua ocidental com o Chinês (Yong & Peng, 2008). A interação com os missionários jesuítas produziu ainda exemplares que contrastavam o latim e também o francês com chinês, servindo estas obras como apoio ao estudo de línguas estrangeiras na China.

Os últimos exemplos que quero referir são exemplares de dicionários bilingues Chinês- Inglês, os quais merecem destaque devido aos importantes desenvolvimentos pelos quais estes foram responsáveis e por fazerem referência à língua estrangeira mais estudada na China.

A primeira obra que destaco é *A Syllabic Dictionary of the Chinese Language* (1874)<sup>16</sup>, um dicionário compilado por Samuel Wells Williams que contém um número impressionante de 10.940 artigos, que incluem as pronúncias de Pequim, Cantão, *Amoy*<sup>17</sup> e Shanghai. Considerado o primeiro dicionário a reunir um número tão extenso de diferentes pronúncias, este exemplar ajuda a entender a realidade linguística complexa da China e a pintar um retrato mais correto das variações de pronúncia. Esta obra mostrava também a preocupação de elaborar listas das pronúncias dos territórios que tinham mais interação com o exterior, servindo como uma ferramenta útil para os estrangeiros que se deslocassem para estas zonas. Uma revisão posterior, de 1909, reorganizou as suas entradas para estas se conformarem ao sistema desenvolvido por Thomas F. Wade, cujo sistema de romanização se tinha tornado o padrão utilizado pelos dicionários de missionários no séc. XIX na China.

A obra de Herbert A. Giles, *A Chinese- English Dictionary* 华英词典 *Huá yīng cídiǎn* (1892), é considerada superior à Samuel Wells Williams em quase todos os níveis, composta por mais de 13 mil entradas, indicando a pronúncia utilizada por mais 5 tipos de dialetos chineses, assim como a sua pronúncia em japonês, vietnamita e coreano (Yong & Peng, 2008). A sua obra também se destaca pela componente enciclopédica, incluindo por exemplo tabelas que mostravam a sucessão dinástica chinesa. No entanto, foi outra a característica considerada o feito mais importante deste dicionário: o novo sistema de romanização criado por Giles que tomou como base o trabalho de Wade. Este novo sistema, apelidado Wade-Giles, foi o sistema mais utilizado pelo mundo ocidental, pois mesmo com o surgimento do sistema de romanização pinyin 拼音 *Pīnyīn* implementado pelo governo chinês em 1958 (Yong & Peng, 2008), este continua ainda hoje a ser utilizado e reconhecido.<sup>18</sup>

---

<sup>16</sup> Existe uma versão digitalizada disponível *online* em: <https://archive.org/details/chinesediction00willrich>

<sup>17</sup> Esta pronúncia provém da região atualmente denominada de Fujian 福建 *Fújiàn*, mais especificamente na cidade de Xia'men 厦门 *Xiàmén*

<sup>18</sup> A transliteração portuguesa Mao Tsé-Tung baseia-se no sistema de romanização Wade-Giles. Esta romanização é considerada norma em Portugal, (continua na página seguinte)

A nova era de comunicação com o Ocidente também levou a uma grande importação de conhecimento por parte da China, que procurava desenvolver as suas ciências com a ajuda de obras ocidentais. Os períodos finais das dinastias Ming e Qing são dois períodos de clímax de importação de conhecimento (Yong & Peng, 2008). O acesso a este conhecimento estrangeiro continuava a ter uma barreira linguística e, de modo a ultrapassar este entrave, foram feitos grandes avanços na área de tradução na China, tendo sido geradas várias ferramentas para auxiliar os estudiosos, obviamente incluindo dicionários bilingues. Estes recursos distinguem-se dos dicionários anteriormente elaborados por dois aspetos: primeiro porque a sua compilação resultou de um esforço interno e não feito por estrangeiros; segundo, porque se destinavam a especialistas em diversos campos da ciência e não a utilizadores indiferenciados, afirmando-se portanto como obras especializadas em certas áreas de conhecimento.

O fim da dinastia Qing também viu alguns dicionários bilingues chineses adotarem o sistema de ordenação alfabética baseada na romanização Wade-Guiles, o que é mais um aspeto que revela a profundidade da influência do pensamento ocidental (Yong & Peng, 2008).

## **1.2. Breve referência à Lexicografia: a “arte” de fazer dicionários**

*le·xi·co·gra·fi·a* /cs/

(*léxico* + *-grafia*)

*substantivo feminino*

1. [*Linguística*] *Ramo da linguística que se dedica ao estudo do desenvolvimento, da composição, do uso e da avaliação de dicionários.*

2. *Elaboração de dicionários, glossários, léxicos ou vocabulários.*<sup>19</sup>

---

uma vez que durante o movimento Maoista dos anos 60 e 70 em Portugal, que deu aos portugueses a conhecer esta figura histórica chinesa, a romanização Pinyin (*Máo Zédōng*) ainda não se tinha popularizado.

<sup>19</sup> "Lexicografia", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/lexicografia> [consultado em 30-04-2015].

Com uma história quase tão longa como a dos próprios dicionários, a Lexicografia é uma área da linguística que permanece menos valorizada, uma vez que, regra geral, só é referida no caso de ser detetado um erro ou quando ocorrem situações controversas que comprometam a sua credibilidade, como acontece por exemplo com a inclusão de neologismos do tipo de “lol”, que levam algumas pessoas a dizer que a aceitação destas novas palavras representa “a morte dos dicionários”.<sup>20</sup>

Embora a Lexicografia englobe várias tarefas relacionadas com o dicionário, tais como a sua avaliação, focarei a minha atenção sobretudo na tentativa de explicar o processo de elaboração de um dicionário de modo a procurar desvendar a quantidade impressionante de trabalho que está por detrás desta ferramenta, ao mesmo tempo que pretendo lançar luz sobre o processo de tomada de decisões neste campo do saber, invisível em termos de produto final. O processo que a seguir se descreverá tem por base a revisão bibliográfica feita no âmbito desta investigação, a qual permitiu concluir que não existe um modelo único e incontestado seguido por todos os criadores de dicionários (van Sterkenburg, 2003). Assim, serão referidos os procedimentos fundamentais que geralmente são adotados pela maioria dos autores de projetos dicionarísticos.

Na atualidade, o processo começa tipicamente com um estudo de mercado cujo objetivo é determinar se existe necessidade de um novo produto que ofereça algo que esteja em falta no mercado de dicionários, ou mesmo algo diferente que use técnicas inovadoras (van Sterkenburg, 2003). Este tipo de estudo, como será explicitado mais à frente, implica um processo moroso e dispendioso, o que leva a que normalmente este trabalho seja comissionado por uma grande editora que tenha recursos suficientes para nele investir. O estudo que inclui a consulta de especialistas na área e de grupos seletivos de utilizadores, entre outros, irá determinar se existe ou não espaço para um novo produto. No caso de resposta afirmativa, poderá então dar-se início ao processo de elaboração do dicionário.

Desde o início da sua conceção, qualquer projeto dicionarístico se depara com uma limitação de base: o orçamento e o prazo alocados pela editora para completar o projeto. Durante as primeiras reuniões que discutem o projeto, normalmente é chamado um membro

---

<sup>20</sup> *Why did LOL infiltrate the language?*- Artigo escrito por James Morgan para a BBC News <http://www.bbc.com/news/magazine-12893416>

responsável da equipa de modo a que este possa ser confrontado com as condições colocadas pelo financiador do projeto. No caso de o produto ser para fins comerciais, o orçamento e o prazo estabelecidos são de extrema importância, pois influenciam de maneira direta o retorno do investimento. (van Sterkenburg, 2003).

Uma vez acertados estes aspetos, é elaborado um plano de trabalhos no qual se definem as características do dicionário. Este documento deverá servir como um guia que orientará a evolução do projeto, contendo informação sobre a estrutura do dicionário, os seus objetivos bem assim como as fontes que serão utilizadas. A elaboração do plano de trabalhos tem normalmente em conta aspetos tais como:

1) A motivação para a elaboração do dicionário ou os objetivos que o mesmo persegue. Estes aspetos são diretamente delimitados pelo estudo de mercado previamente realizado e determinam o tipo de dicionário a produzir. Por exemplo, no caso de tal estudo ter revelado a necessidade de se elaborar um dicionário com um foco na pedagogia, este aspeto deverá ser uma componente fulcral na construção das entradas do dicionário. São aspetos desta natureza que determinam o tipo de dicionário a produzir, seja ele monolíngue, bilingue ou multilingue, de uso geral ou especializado, pedagógico para falantes nativos ou para aprendentes de língua estrangeira, etc. Especificações como estas podem apontar para obras de configuração distinta; no entanto, é importante referir que o dicionário é uma obra de natureza intrinsecamente híbrida (van Sterkenburg, 2003), sendo que o produto final se pode vir a enquadrar em mais do que uma das categorias referidas ou, pelo contrário, ser de difícil classificação de acordo com cada uma delas.

2) O público-alvo a que o dicionário se destina, isto é, aqueles que o utilizarão e/ou comprarão. Tal público pode ser extremamente vasto, no caso de um dicionário monolíngue geral para ser usado por falantes nativos. Trata-se, nestes casos, de um número indeterminado de pessoas com níveis de escolaridade variados, níveis de proficiência linguística e cultural diferentes entre outras variáveis que distinguem um destinatário tão heterogéneo. Assim, um dicionário dirigido a um público-alvo com estas características deve ser feito de modo a que todos estes potenciais utilizadores o consigam consultar e a que a informação apresentada seja inteligível para cada uma dessas pessoas. De modo semelhante, se

se tratar de um dicionário monolíngue feito especificamente para estudantes de língua estrangeira, o tipo de linguagem e de informação nele contida terá de ser ajustada às necessidades específicas deste tipo de grupo para que possa ser tirado o melhor proveito deste recurso. Já no caso de o dicionário se destinar a um público-alvo extremamente específico, como ocorre com dicionários destinados a uma área profissional especializada, por exemplo, os termos considerados, a linguagem utilizada e a informação disponibilizada devem igualmente ser compatíveis com as necessidades desse público-alvo.

3) A dimensão do dicionário, a qual é normalmente definida pelo número de entradas e de páginas que compõem o produto final. Estes dois fatores influenciam diretamente todo o processo de elaboração do dicionário, uma vez que o número concreto de entradas e páginas está diretamente relacionado com o orçamento e com o tempo alocados ao projeto. O estilo do produto final irá estar dependente do seu tamanho (Atkins & Rundell M., 2008).

Ainda no que diz respeito à dimensão do dicionário, é importante considerar dois relevantes aspectos da sua estrutura. Por um lado, torna-se necessário definir a sua macroestrutura, isto é, decidir sobre que palavras serão incluídas no dicionário. Este aspecto é extremamente importante uma vez que muitas vezes um dicionário é julgado pela quantidade de entradas que tem. O processo de seleção das entradas é também particularmente exigente, estando relacionado quer com os objetivos, quer com o público-alvo do dicionário. Um dicionário pedagógico para estudantes do primeiro ciclo normalmente evita incluir vocábulos vulgarmente designados como “palavrões”, assim como um dicionário para estudantes de língua estrangeira procurará selecionar as palavras de uso mais frequente, omitindo outras menos utilizadas, para assim obviar a questões de espaço, facilitar o acesso e encurtar a duração da consulta. A frequência de utilização de uma palavra é um fator importante que ajuda a decidir se esta deverá ser incluída ou não num dicionário (Atkins & Rundell M., 2008).

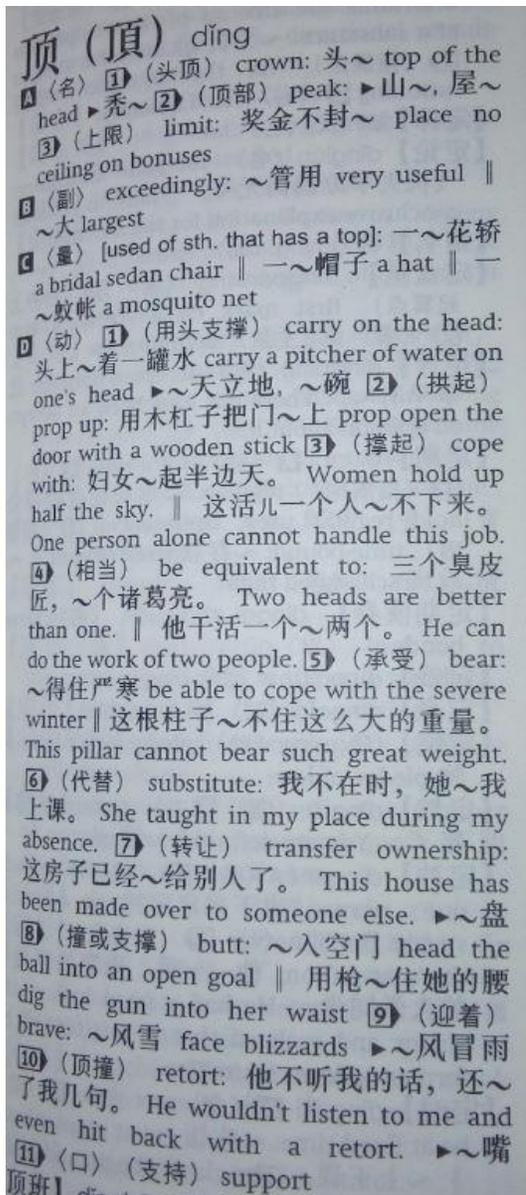


Figura 2 - Oxford Chinese Dictionary com mais de 670.000 palavras e 2064 páginas, dimensões: 19,8 x 26,4 x 7,4cm cerca de 2,6 Kg

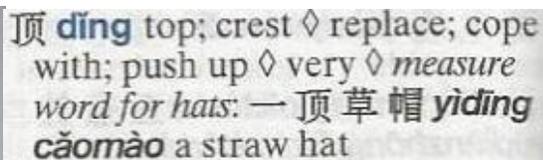


Figura 3- Langenscheidt Pocket Dictionary Mandarin Chinese com mais de 40.000 palavras e 672 páginas, dimensões: 10x2.5x15cm, cerca de 250 gramas

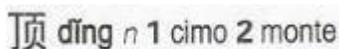


Figura 4- Dicionário de Chinês-Português Português-Chinês da Porto editora com 25.500 entradas e 536 páginas, dimensões: 11x15x3cm cerca de 250 gramas

As três figuras apresentadas reproduzem a entrada da palavra chinesa 顶 *dǐng* em três dicionários diferentes, mostrando o aspeto final de uma entrada em dicionários bilingues Chinês-Língua estrangeira.<sup>21</sup>

<sup>21</sup> As entradas do dicionário da Porto Editora e da editora Langenscheidt são ambas relativamente pequenas; no entanto, os dicionários de onde foram retiradas têm aproximadamente o mesmo tamanho. Mesmo assim constata-se que a entrada da figura 3 é consideravelmente maior, embora o dicionário seja praticamente do mesmo tamanho que o da figura 4. Já a figura 2, que reproduz a entrada retirada do dicionário de Oxford, que pesa 10 vezes mais que os outros dois dicionários e tem mais de 2000 páginas, é bastante mais extensa e completa.

Relativamente à seleção das entradas, cabe ainda acrescentar que, dependendo do tipo de dicionário, se pode também considerar relevante ou não a inclusão de neologismos como por exemplo *selfie* e *lol*, se estes forem tidos como relevantes para aqueles que consultarão o dicionário. De qualquer forma, em jeito de síntese, convém realçar que os critérios para a seleção das entradas devem ser claramente definidos, de modo a antecipar problemas que possam surgir durante o período de compilação.

Em termos microestruturais, há que definir o conteúdo de cada entrada. As decisões tomadas a este nível condicionam tanto a dimensão final do dicionário como as opções tomadas a nível macroestrutural. Assim, por exemplo, um dicionário de 1000 páginas pode conter 10000 entradas breves ou apenas 1000, mas com definições extensas. Por isso, é necessário definir claramente os critérios que irão ser utilizados para as definições a apresentar, de modo a que estas tenham um formato consistente ao longo de todo o dicionário.

A quantidade e o tipo de informação fornecida pelas entradas deve ser bem especificada, sendo possível incluir, para além da definição propriamente dita, informação morfológica, etimológica, sintática, estilística, sobre contextos de utilização, sobre a formação da palavra, sobre a sua frequência, sinónimos, antónimos, fraseologia e até mesmo ilustrações numa mesma entrada (van Sterkenburg, 2003). A maneira como esta informação é apresentada ao utilizador deve ser igual em todas as entradas, ou seja, deve ser mantido um padrão homogêneo para toda a informação que é fornecida. A extensão da informação enciclopédica contida também deve ser bem definida; para concretizar esta ideia com um exemplo, posso referir uma entrada relativa a uma palavra como “tripas”: num dicionário bilingue PT/LE, a informação sobre tal palavra pode apenas apresentar uma tradução da mesma na língua-alvo, omitindo totalmente qualquer referência ao prato “tripas à moda do Porto” (que também é referido como “tripas”) ou pode fazer referência a esse prato típico da gastronomia portuguesa, chegando ao ponto de listar os seus ingredientes.<sup>22</sup>

Outras questões relacionadas com a estrutura do dicionário estão relacionadas com aquilo que está para além das entradas, ou seja com paratextos como a introdução, os guias de

---

<sup>22</sup> Veja-se o caso do dicionário disponível para telemóveis 红葡汉词典 (Dicionário Português-Chinês), cuja entrada para “tripas” inclui a seguinte informação: “prato típico cuja confeção envolve a utilização de tripas de vaca ou outros animais mamíferos”. Entrada original em chinês: 用牛等哺乳动物的胃来制作的佳肴

utilização, as tabelas e anexos, entre outros. A decisão de incluir qualquer uma destas peças irá ter implicações quer a nível orçamental e de tempo disponível para a realização do projeto, quer a nível do próprio conteúdo da obra a apresentar, pelo que não deve ser tomada sem ponderação.

Outro aspeto a ser tido em conta prende-se com as regras sobre as abreviaturas utilizadas, uma vez que muita da informação contida no dicionário aparece sob esta forma, de modo a poupar espaço. Estas abreviaturas podem seguir modelos pré-estabelecidos ou alterá-los de modo a que estes sejam mais facilmente descodificadas pelos seus utilizadores, como acontece no caso de alguns dicionários pedagógicos (van Sterkenburg, 2003).

Igualmente importante se revela a seleção da bibliografia e outras fontes que serão utilizadas ao longo do processo de criação do dicionário, as quais se dividem em duas grandes categorias. A primeira é a categoria que diz respeito à bibliografia que será utilizada como referência. Dependendo do tipo de projeto, a sua extensão pode variar imenso, mas fundamentalmente deverá incluir outros dicionários, obras enciclopédicas, gramáticas assim como obras especializadas, dependendo do caso. A outra categoria relaciona-se com os corpora linguísticos que serão utilizados como referência. Estes corpora são fundamentalmente grandes bases de dados linguísticos, onde podem ser encontrados exemplos textuais dos vocábulos e expressões que constituirão as entradas do dicionário e são usados de modo a permitir obter informação acerca de uma dada palavra com base na sua utilização documentada. Dependendo do tipo de dicionário os corpora a utilizar vão também variar. Por exemplo, um dicionário literário pode apenas utilizar corpora constituídos a partir de grandes obras literárias. Acrescente-se ainda que estas bases de dados facilitam a procura de informação linguística e ajudam a retirar eventuais dúvidas que possam surgir durante a elaboração das entradas. A criação de bases de dados digitais levou ao crescimento destes corpora nos últimos anos (Atkins & Rundell M., 2008).

Por fim, devem ser referidos os aspetos práticos ligados à elaboração do dicionário, tais como o número de pessoas que irão trabalhar no projeto, o equipamento e o *software* que serão utilizados, assim como o cálculo do tempo alocado a cada parte do projeto. Como exemplo, pode tomar-se o caso de um dicionário com 40000 entradas. Se se considerar que o

processamento e a edição de que cada entrada requer em média entre 15 a 20 minutos, serão necessárias entre 6000 a 8000 horas para a sua conclusão, o que na prática equivale a um período de 4 ou 5 anos de trabalho (van Sterkenburg, 2003).

### **1.2.1. A elaboração de entradas para um dicionário bilingue**

Embora o dicionário monolíngue seja também utilizado no processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, focaremos a nossa atenção no recurso preferido pelos estudantes de línguas, ou seja, o dicionário bilingue (Liao, 2005; Takahashi, 2012). Apesar de este tipo de dicionário gozar de bastante popularidade entre os estudantes de línguas estrangeiras, ele é também um dos recursos mais criticados, chegando mesmo a ser excluído por certos professores que, no entanto, parecem basear as suas opções mais em convicções pessoais do que em dados empíricos e argumentos científicos que corroborem os efeitos nocivos deste tipo de auxiliar de aprendizagem de línguas (van Sterkenburg, 2003).

As componentes que serão enumeradas de seguida, caso fossem todas tidas em conta na construção de uma entrada, dariam certamente origem a uma entrada “perfeita”, isto é, originariam uma entrada que forneceria ao utilizador todo o tipo de informação de que este necessita para resolver o problema que o fez consultar o dicionário bilingue.

Klapicová escreveu um ótimo artigo acerca deste tópico, que conclui enumerando as componentes indispensáveis de uma entrada num dicionário bilingue, de acordo com as propostas feitas por vários linguistas proeminentes. São essas componentes as seguintes:

*“a. The presence of the entry word in its canonical form b. Grammatical information c. Indication of pronunciation d. Equivalentents in the target language in their canonical form e. Indication of the whole lexical meaning of the entry word by partial equivalentents of the target language. f. Encyclopedic information g. Etymology of the entry words h. The lexicalized and the verbatim meaning of different morphemic and word combinations.”(Klapicová, 2005:60)*

Após uma primeira leitura, a lista proposta pelo autor da citação acima pode parecer demasiado exaustiva e ambiciosa, uma vez que um dicionário bilingue que contivesse toda a informação sugerida implicaria não só um tempo de elaboração longo, como resultaria numa obra de dimensões exageradas, o que se traduziria certamente no seu preço excessivamente elevado. No entanto, se se analisar cada uma das características listadas, facilmente se concluiu que apenas a inclusão de toda a informação proposta resultaria na elaboração de um dicionário onde fosse possível encontrar respostas para a maioria dos problemas linguísticos que geralmente estão na origem da utilização deste tipo de recurso. Assim, na prossecução da minha análise, deter-me-ei primeiro em dicionários mais generalistas, destinados a públicos não-especialistas, para contemplar depois o caso dos dicionários mais exigentes, que têm por público-alvo utilizadores com bons conhecimentos linguísticos.

### **1.2.1.1. As componentes fundamentais**

A primeira característica a referir é relativamente óbvia: uma entrada deverá ser apresentada na sua forma canónica, isto é, o lema apresentado deverá ser escrito de acordo com a convenção mais aceite na língua-alvo. Esta é uma característica considerada universal, uma vez que a maioria dos dicionários não inclui entradas escritas em múltiplas variações ortográficas, visto que tal não só dificultaria e tornaria mais confuso o processo de consulta, como resultaria num uso desadequado de espaço, pois se um dicionário quiser informar o utilizador de que uma entrada tem mais do que uma forma escrita, este pode fazer o mesmo dentro da própria entrada, não interferindo com a sua macroestrutura (Klapicová, 2005).

A segunda aparenta ser óbvia, mas pode constituir um grande desafio para quem elabora a entrada. A maioria dos dicionários apresenta algum tipo de informação gramatical; no entanto, a informação gramatical considerada relevante para um falante nativo difere daquela que pode ser relevante para um aprendente não nativo (Atkins & Rundell M., 2008). Por exemplo, no caso da palavra lápis, o falante nativo do português tem um conhecimento empírico de que esta palavra tem a mesma forma no singular e no plural. No entanto, um aprendente não nativo, ao consultar o dicionário, pode ser induzido em erro pelo facto de a

palavra acabar em “s” e assumir que a palavra se encontra no plural, presumindo também que a palavra tenha uma forma diferente no singular, a qual não conseguiria encontrar. Este exemplo ilustra a importância da escolha do tipo de informação gramatical que será incluída na entrada, devendo esta seleção ser feita com o utilizador final em mente. Esta informação também surge normalmente na forma de abreviaturas, de modo a poupar espaço. No entanto, esta convenção pode causar problemas ao utilizador, pois caso este não esteja familiarizado com o sistema de abreviaturas, seja por não ter a devida instrução ou não ser suficientemente proficiente numa certa língua, pode não conseguir aceder a esta informação, mesmo que esta esteja presente na entrada (B. T. S. Atkins, 1996; van Sterkenburg, 2003).

A informação ortográfica está normalmente incluída na própria entrada, pois ao apresentar-se a palavra na sua forma canónica, está-se simultaneamente a indicar ao utilizador que mesmo que hajam variantes ortográficas, a forma apresentada como entrada é a mais comum. As entradas nos novos dicionários portugueses feitos sob as normas impostas pelo Acordo Ortográfico que entrou em vigor no ano de 2009 apresentam a nova forma oficial escrita de certas palavras em português, tornando-se uma importante referência para todos os que pretendem publicar obras escritas que cumpram as novas normas, existindo também para esse efeito recursos como o Vocabulário Ortográfico do Português<sup>23</sup>.

*“Deste modo, destaque-se, aqui, a diferença entre escrita e ortografia, do que decorre a distinção entre variação gráfica e variação ortográfica, a saber: enquanto a primeira alcança qualquer representação gráfica não oficial, referente a qualquer norma, e não subordinada aos critérios de correção, a segunda diz respeito, exclusivamente, a escrita correta (oficial) da norma culta, resgatando-se, assim, a etimologia da palavra "ortografia". (Saboia et al., 1998: 198)*

---

<sup>23</sup> Recurso disponível *online* em: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=vop&page=info>

O ponto seguinte diz respeito à apresentação das diversas aceções de cada termo elencado através de equivalentes parciais na língua de chegada. Note-se o seguinte caso:

*Background* [ˈbækgraʊnd]

*nome*

1. *fundo; against a dark background com um fundo escuro*
2. *segundo plano*
3. *origens; raízes; meio social de origem*
4. *antecedentes; to have a criminal background ter antecedentes criminais*
5. *contexto; ambiente; cenário*
6. *formação*
7. *informações essenciais; documentação*
8. *ELETRICIDADE interferência de fundo*

*adjetivo*

1. *de fundo*
2. *secundário*

*background music* - *música de fundo*

*background noise* - *ruído de fundo*

*background processing* *INFORMÁTICA* - *processamento de fundo*

*background program* *INFORMÁTICA* - *programa de baixa prioridade*

*background Reading* - *leituras aconselhadas; bibliografia*

*a good professional background* - *um bom currículo*

*she's rather faded into the background* - *nunca mais se ouviu falar dela*

*to remain in the background* - *apagar-se; permanecer na sombra*

*young man of good background* *antiquado* - *jovem de boas famílias*<sup>24</sup>

A palavra *background* é particularmente difícil de traduzir porque não existe nenhum equivalente direto em português que contenha o seu significado completo, apenas algumas palavras que em certos contextos equivalem a partes do seu significado. De modo a que o utilizador possa ter um melhor entendimento dessas diversas aceções, o dicionário apresenta várias traduções, como por exemplo fundo, segundo plano, origens, etc. Ao ver a extensão da

---

<sup>24</sup> *Background* in Inglês|Português [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2015. Consultado a 2015/05/07. Disponível *online* em: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/ingles-portugues/background>

entrada e as múltiplas traduções apresentadas, o utilizador é informado de que a palavra *background* tem um espectro de utilização muito amplo, sendo-lhe fornecidos vários equivalentes parciais que o podem ajudar a resolver o problema linguístico com que se deparou e que o levou a consultar o dicionário. Ao mesmo tempo, podemos ver que a entrada apresenta o significado textual e lexical de diferentes combinações de morfemas e palavra com a entrada. A palavra *background* utilizada juntamente com *criminal* origina uma expressão fixa que pode ser traduzida como antecedentes criminais. A mesma entrada associa um verbo a este termo - *to have*, fornecendo ainda mais exemplos de contextos de utilização que podem ser úteis para o utilizador. A presença destas combinações é importante uma vez que o equivalente de uma palavra numa segunda língua raramente possui as mesmas propriedades linguísticas do termo de partida, nomeadamente, a capacidade de se relacionar de forma idêntica com outras palavras. No caso em questão, a entrada apresenta uma lista de palavras com as quais *background* tem uma relação próxima que leva à criação de expressões fixas; por outro lado, um dos seus equivalentes em português – fundo -, não se relaciona com o mesmo grupo de palavras da mesma maneira, não havendo uma sobreposição das suas propriedades linguísticas (Klapicová, 2005).

A presença de ilustrações num dicionário não é comum, aparecendo normalmente apenas em obras enciclopédicas (van Sterkenburg, 2003), mas em certos casos pode ser mais útil do que a própria informação linguística para o utilizador conseguir entender o significado de um termo. Na figura 5<sup>25</sup> estão apresentados os números de 6 a 9, em português e em chinês, juntamente com uma imagem que ajuda o utilizador a aprender como representar estes números com a sua mão, de acordo com as convenções em uso na China. Em Portugal, ao ultrapassar o número 5, é comum utilizar as duas mãos para representar os números de 6 a 10. No entanto, na China, é possível fazer o mesmo apenas com uma mão. No caso da Figura 5, que provém de um dicionário japonês monolíngue, a entrada refere-se a uma forma de apanhar o cabelo, sendo que a descrição apresentada explica o método para entrançar o cabelo corretamente de modo a obter este penteado. Ao deparar-se com uma ilustração, o utilizador obtém uma referência que lhe permite identificar visualmente o penteado, sendo-lhe fornecida

---

<sup>25</sup> Ilustração retirada de *O Meu Pequeno Dicionário Ilustrado Chinês-Português*, editado pela The Comercial Press em colaboração com o Instituto Confúcio-汉语图解小词典 葡萄牙语版商务印书馆

uma valiosa referência visual que funciona como um complemento da informação verbal. Este tipo de ilustração é mais útil para transmitir informação enciclopédica ou cultural, tópico que será abordado num ponto posterior desta dissertação.

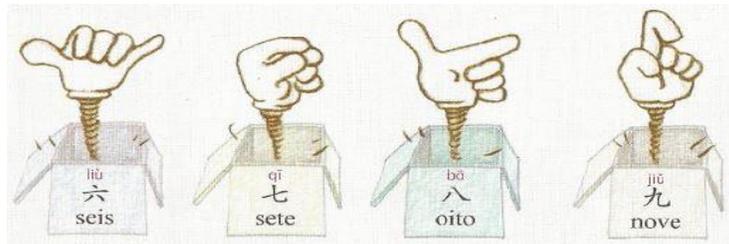


Figura 5



Figura 6<sup>26</sup>

### 1.2.1.2. As componentes complementares

A maioria dos dicionários bilingues utilizados por estudantes são os denominados dicionários passivos, sendo que irei apresentar a sua definição num ponto posterior desta dissertação. Este tipo de dicionário normalmente apresenta apenas uma ou duas traduções de

<sup>26</sup> Este dicionário intitulado Kojien (広辞苑) é um dos mais conceituados dicionários japoneses, com mais de 11 milhões de cópias vendidas desde a primeira edição em 1955. Fonte: <http://web.archive.org/web/20071025011958/http://www.yomiuri.co.jp/national/culture/news/20071023it13.htm?from=top>

cada entrada (van Sterkenburg, 2003), o que em certas circunstâncias é precisamente aquilo de que o utilizador precisa.

No entanto, certos tipos de dicionários utilizados principalmente como auxiliares na produção de texto, apresentam informação linguística nas suas entradas semelhantes às de um dicionário monolíngue, para além das traduções. Esta informação pode estar escrita tanto na língua de partida como na de chegada, sendo que a opção por uma por outra tem em consideração o utilizador, fator que irá determinar também o grau de complexidade da própria informação disponibilizada.

Informação sobre a etimologia das palavras, por exemplo, normalmente só surge em obras destinadas a públicos mais especializados. No entanto pode também ser um auxiliar para os aprendentes aumentarem o seu conhecimento linguístico. Uma palavra como aeroporto pode ser decomposta para mostrar a sua origem, sendo que esta decomposição pode servir como mnemónica, método que obtém ótimos resultados na tarefa de aquisição de vocabulário (Gu, 1994; Meara, 1980).

Para além de informação etimológica, existem também comentários e notas de utilização que fornecem igualmente informação útil ao utilizador para a produção de texto, indo além da mera definição. Este tipo de informação sobre contexto de uso é normalmente apresentada em caixas de texto (B. T. Atkins & Rundell M., 2008), sendo difícil a decisão de a incluir no produto final, uma vez que a sua inclusão irá ocupar bastante espaço e aumentar o tamanho da obra final, o que acarreta uma série de custos adicionais.

Para concluir este ponto, parece-me ainda pertinente fazer referência aos exemplos, uma vez que a sua inclusão nos dicionários bilíngues e no processo de aquisição de vocabulário é indispensável. O processo de elaboração e escolha do exemplo a incluir numa entrada é de extrema importância, uma vez que a quantidade de informação contida nestes, assim como a sua capacidade de apresentar ao utilizador um extrato real da língua em funcionamento são fatores decisivos para que o utilizador consiga tirar o máximo proveito da sua inclusão. O problema que se coloca em relação à apresentação de exemplos é que estes ocupam muito espaço, sendo no entanto este constrangimento facilmente ultrapassado através do recurso a dicionários eletrónicos ou *online* (van Sterkenburg, 2003)

A decisão de incluir ou não exemplos depende muito do público-alvo do dicionário. Tal como referi no apartado relativo à informação gramatical, a apresentação deste tipo de informação recorrendo às abreviaturas pode-a tornar pouco ou quase nada acessível ao seu utilizador; no entanto, se a informação for apresentada integrada num exemplo, esta torna-se mais acessível ao utilizador pouco familiarizado com o código de abreviaturas. Embora se possa apresentar mais informação ao utilizador em menos espaço do que o ocupado por um exemplo se se recorrer a abreviaturas, a avaliação da capacidade do público-alvo decifrar ou não essa informação irá condicionar o formato final da entrada. (van Sterkenburg, 2003)

Assim, em conclusão, pode afirmar-se que todas as características acima mencionadas são importantes para a elaboração de uma entrada dicionarística. No entanto, a sua inclusão fica ao critério dos criadores do dicionário, cujas limitações a nível de tempo, de espaço e de orçamento disponíveis irão determinar o formato da entrada no produto final, que pode ser tão diverso como os exemplos apresentados nas figuras 2, 3 e 4.

### **1.3. As definições dos lexicógrafos para o termo “dicionário”**

No início desta dissertação apresentei já uma definição de dicionário, seguida de um comentário crítico. Neste ponto tratarei de apresentar algumas definições de dicionários tal como elas são apresentadas nos próprios dicionários, bem assim como algumas propostas de figuras importantes na área da lexicografia, procedendo de seguida a de uma reflexão acerca das mesmas. A partir de tais reflexões, procurarei sugerir uma definição própria, que será apresentada no final deste capítulo.

*dicionário*

*[disju 'narju]*

*nome masculino*

*obra de referência onde se encontram listadas palavras e expressões de uma língua, por ordem alfabética, com informação linguística sobre cada uma delas, como a respetiva significação ou tradução para outra língua, a classe a que pertencem, informação fonética, etimológica, etc.*<sup>27</sup>

Tomemos como ponto de partida a entrada encontrada no dicionário *online* da Porto Editora, contrastando-a com definições consultadas noutros dicionários.

*dictionary, n. and adj.*

*Pronunciation: Brit. /'dɪkʃ(ə)ri/ , /'dɪkʃən(ə)ri/ , U.S. /'dɪkʃə, nəri/*

*A. n. 1.*

*a. A book which explains or translates, usually in alphabetical order, the words of a language or languages (or of a particular category of vocabulary), giving for each word its typical spelling, an explanation of its meaning or meanings, and often other information, such as pronunciation, etymology, synonyms, equivalents in other languages, and illustrative examples. Cf. lexicon n., wordbook n.*

*b. In extended use: a book of information or reference on any subject in which the entries are arranged alphabetically; an alphabetical encyclopedia.*<sup>28</sup>

A entrada supra foi retirada da versão *online* do Oxford English Dictionary, que é considerado uma referência internacional a nível de qualidade de dicionários.<sup>29</sup>

---

<sup>27</sup> Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2015. Consultado a 2015-04-13 22:42:51]. Disponível *online* em: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/dicionario>

<sup>28</sup> Oxford English Dictionary, Third Edition, Oxford University Press, 2015. Consultado a 27/3/2015. Disponível *online* em: <http://www.oed.com/view/Entry/52325>

Esta entrada proposta pelo OED é bastante distinta da apresentada pelo dicionário *online* da Porto Editora, obviando a algumas objeções que podem ser levantadas a esta última. Ao referir que os dicionários estão normalmente, não exclusivamente ordenados por ordem alfabética, esta entrada consegue incluir várias obras que utilizam outro sistema de ordenação, como é o caso de línguas que utilizem outro tipo de sistema de escrita, como já foi referido anteriormente. É importante entender que o OED é classificado como um dicionário histórico, isto é, apresenta uma visão histórica da língua inglesa, não se concentrando apenas na sua forma atual.<sup>30</sup> Este foco histórico permite assumir que os novos formatos de dicionários que surgiram nos finais do século XX, como por exemplo as versões em CD-ROM e *online*, não foram tomados em consideração aquando da elaboração da definição.

O ponto B da entrada do OED, que se refere à utilização do termo dicionário de forma mais alargada, enfatiza o teor prático do dicionário ao afirmar que este é um livro de referência, aproximando-se neste ponto da entrada proposta pelo dicionário da Porto Editora. Outra diferença notável é o reconhecimento da relação próxima entre o dicionário e a enciclopédia, uma vez que ambos têm um formato semelhante, acrescentando ainda que o conteúdo abordado pelo dicionário também inclui informação enciclopédica e não apenas informação puramente linguística.

*词典 cǐdiǎn*

*[dictionary] 收集词汇按某种顺序排列并加以解释供人检查参考的工具书*

*Obra de referência que reúne vocabulário, listando-o de acordo com um determinado sistema de ordenação, e que apresenta explicações desse vocabulário àqueles que o consultam.*<sup>31</sup>

---

<sup>29</sup> Refiro este dicionário uma vez que a bibliografia que utilizei para a elaboração desta dissertação o cita inúmeras vezes. Daqui em diante utilizarei a sigla OED para me referir a esta obra. No *website* do OED, disponível *online* em: <http://public.oed.com/about/>, pode ser encontrada informação adicional sobre a sua rica história.

<sup>30</sup> Não só esta característica foi realçada por alguma da bibliografia que consultei, como até o seu *website* oficial realça este facto. Informação disponível *online* em: <http://public.oed.com/about/>

<sup>31</sup> Definição disponível *online* em: <http://www.zdic.net/c/d/153/339481.htm>

A entrada supra, relativamente curta, é retirada do dicionário chinês *online* Zdict e aproxima-se das duas definições anteriores, ao classificar o dicionário como uma obra de referência. Para além de utilizar essa designação, enfatiza ainda mais a função do dicionário como uma ferramenta linguística, ao reconhecer que este é uma obra que as pessoas consultam em busca de uma explicação para um determinado termo. Ao contrário das entradas dos dicionários da Porto Editora e de Oxford, que se limitam a referir a informação a que o dicionário dá acesso, esta definição menciona ainda o utilizador do dicionário, ao se referir explicitamente “àqueles que o consultam”.

A entrada do dicionário chinês também demonstra uma consciência cultural mais abrangente, quando refere que o vocabulário pode ser listado de acordo com vários tipos de sistemas de ordenação, e não apenas alfabeticamente. É compreensível que um dicionário escrito na China, onde é possível encontrar dicionários de chinês e de línguas estrangeiras com diferentes sistemas de escrita ordenados de diversas formas, demonstre uma maior sensibilidade intercultural na elaboração desta entrada, ao contrário do que acontece em contexto português ou inglês, em que é mais difícil encontrar um dicionário que não esteja ordenado de forma alfabética. É deste modo possível observar que o contexto cultural no qual são produzidos os dicionários influencia o seu conteúdo.

*“A dictionary is a systematically arranged list of socialized linguistic forms compiled from the speech-habits of a given speech community and commented on by the author in such a way that the qualified reader understands the meaning of each separate form, and is informed of the relevant facts concerning the function of that form in its community”*(Zgusta, 1971 in van Sterkenburg, 2003:4)

Esta definição é da autoria de Ladislav Zgusta, uma figura importante na lexicografia internacional, chegando a ser apelidado como “o padrinho da lexicografia do século XX” (van Sterkenburg, 2003:4). Esta foi retirada do seu manual sobre lexicografia publicado em 1971, que ainda hoje é visto como uma obra de referência na área.<sup>32</sup> A sua definição difere daquelas apresentadas anteriormente ao não estar escrita em linguagem “de dicionário”. Uma vez que

---

<sup>32</sup> O elogio fúnebre do autor, disponível *online* em: <http://linguistlist.org/issues/18/18-1378.html#1>, faz referência ao seu relevante papel na área da lexicografia.

foi publicada numa obra especializada, cujo público-alvo são leitores familiarizados com a área da lexicografia, esta definição apresenta informação mais específica, tendo em conta que foi escrita a partir do ponto de vista de alguém com um vasto conhecimento lexicográfico para um público instruído na matéria.

Para além disso, esta é também a única definição a não fazer referência ao formato do dicionário, uma vez que não recorre a vocábulos do tipo obra, livro, ou qualquer outro termo semelhante para se referir ao formato. Nela, Zgusta afirma que um dicionário junta expressões linguísticas de uma comunidade de falantes, e não de uma língua como é referido na entrada do OED.

A definição de Zgusta sustenta ainda que a informação presente no dicionário se torna relevante apenas para aqueles que tiverem formação adequada para a entender. Este ponto revela uma das realidades associadas à utilização do dicionário, nomeadamente que uma grande parte da informação que este contém não é acessível à maioria dos seus utilizadores, uma vez que a linguagem e terminologia usadas apenas são decifráveis por alguém instruído na matéria.

Zgusta chama ainda a atenção para a importância de a informação disponibilizada pelo dicionário ser entendida pelos seus utilizadores. Mais uma vez é mencionada a questão da interação do utilizador com o dicionário, tal como na definição fornecida pelo dicionário chinês.

P.G.J. van Sterkenburg, autor e editor de várias obras de referência no campo da lexicografia, entre as quais *A Practical Guide to Lexicography*, um dos principais recursos que utilizei na elaboração desta dissertação e que também ocupa o cargo de Secretário-geral na CIPL<sup>33</sup>, sendo outra figura importante na área, apresenta a seguinte definição para o termo dicionário:

*“The prototypical dictionary has the form of a static (book) or dynamic product (e-dictionary) with an interstructure that establishes links between the various components (e-dictionary) and is usually still alphabetically structured (book). It is a reference work and aims to record the lexicon of a language, in order to provide the*

---

<sup>33</sup> A CIPL - Comité International Permanent des Linguistes - é uma organização internacional fundada com o objetivo de ajudar o desenvolvimento da ciência linguística. *Website* oficial: <http://www.ciplnet.com/>

*user with an instrument with which he can quickly find the information he needs to produce and understand his native language. It also serves as a guardian of the purity of the language, of language standards and of moral and ideological values because it makes choices, for instance in the words that are to be described. With regard to content it mainly provides information on spelling, form, meaning, usage of words and fixed collocations.” (van Sterkenburg, 2003: 8)*

Antes de apresentar a sua definição, van Sterkenburg especifica que esta se refere concretamente aos dicionários monolíngues, uma vez que este é o modelo de dicionário que as pessoas normalmente associam a esta palavra. Mesmo assim, a definição apresentada é a mais extensa que utilizei, sendo também a que inclui mais informação. Tal como a definição de Zgusta, esta foi apresentada numa obra especializada, sendo que parte da informação que apresenta não se destina a um leitor leigo nas questões da lexicografia. Ao mencionar os vários tipos de formato que um dicionário pode ter, o de “livro” ou versão eletrónica, o autor designa o dicionário como uma obra, tal como as definições da Porto Editora e a encontrada no dicionário chinês Zdict.

O autor atribui uma função ainda não explicitada pelas outras definições ao dicionário, nomeadamente a de registar o léxico de uma língua. Ao mesmo tempo, reconhece também a importância do dicionário no que diz respeito ao seu papel na definição de uma política de língua, isto é, a sua função de estabelecer uma referência e servir como um padrão que ajuda a conservar os valores de uma determinada língua. Quando se refere à informação contida no dicionário, van Sterkenburg apenas faz referência a informação de natureza linguística, não mencionando a informação enciclopédica.

No que diz respeito à sua utilização, o autor reconhece que o dicionário é utilizado para ajudar tanto a compreender uma língua, como para a produzir. Esta definição contém uma menção à importância do dicionário enquanto auxiliar para a realização de tarefas ativas, nomeadamente de produção escrita, ao passo que as definições mencionadas previamente apenas lhe atribuíam relevância em tarefas passivas como as associadas à compreensão. Assim, van Sterkenburg embora apenas se refira a dicionários monolíngues, mostra ter consciência do papel associado também aos dicionários bilingues, muito utilizados por tradutores nas suas tarefas de produção de texto.

## **1.4. Algumas limitações das definições apresentadas**

Embora todas as definições apresentadas no ponto anterior sejam válidas, não só estas não estão em concordância umas com as outras, isto é, não descrevem da mesma maneira aquilo que é um dicionário, como, a meu ver, também não são suficientemente abrangentes para incluírem todos os tipos de obras classificáveis como dicionários. De seguida irei mencionar alguns desses tipos de obras, explicitando as características que lhes permitem ou não ser classificadas como dicionários de acordo com as definições apresentadas. Este processo ajudará a detetar eventuais limitações e vulnerabilidades nas definições, o que será vital para a elaboração da proposta de definição que eu próprio apresentarei para concluir o capítulo.

### **1.4.1. Os diferentes tipos de dicionários**

O primeiro fator a ter em conta no que diz respeito a uma classificação dos vários tipos de dicionários existentes é o número de línguas presentes nesse dicionário. No caso da definição de van Sterkenburg, este explicita que se referia apenas a um dicionário monolíngue, o que acontece também com o dicionário da Porto Editora que esclarece que um dicionário lista as expressões e palavras de (apenas) uma língua. Zgusta também afirma na sua definição que o léxico registado no dicionário provém dos hábitos de (apenas) uma comunidade linguística, referindo-se portanto a dicionários relativos a uma única língua. Estas definições fazem referência a dicionários monolíngues e, portanto, não se aplica a todo o tipo de dicionários.

De modo genérico, pode-se afirmar que existem três tipos de dicionários, tendo em conta as línguas que contemplam: os dicionários monolíngues, bilingues e multilingues. (B. T. Atkins & Rundell M., 2008: 24) Os dicionários bilingues e multilingues distinguem-se dos monolíngues, não só pela presença de mais do que uma língua, mas também pela valorização predominantemente instrumental que deles é feita. Isto significa que os dicionários bilingues e

multilíngues parecem ser concebidos de maneira a que o seu utilizador consiga facilmente encontrar os equivalentes na língua de chegada, para que os consiga usar de maneira adequada em situações concretas; os monolíngues, por outro lado, assumem uma perspetiva prescritiva, focando-se essencialmente na dimensão normativa da língua, tal como se depreende a partir da citação abaixo:

*“Dictionaries are often perceived as authoritative records of how people ‘ought to’ use language, and they are regularly invoked for guidance on ‘correct’ usage. They are seen, in other words, as prescriptive texts.” (B. T. Atkins & Rundell M., 2008:2)*

A segunda característica a analisar é o formato ou suporte do dicionário. Embora durante a maior parte da história da lexicografia o dicionário tenha tido o formato tradicional de um livro, sendo concebido em suporte impresso, com o desenvolvimento das novas tecnologias, este não só não é o único formato, como em certas áreas geográficas, foi ultrapassado em termos de popularidade por outros formatos/suportes. Um desses formatos é o dicionário eletrónico de bolso, que se tornou extremamente popular nos últimos anos, especialmente em territórios da Ásia Oriental, como por exemplo no Japão, em Taiwan, na Coreia do Sul e em Hong Kong. (Jian, et al, 2009) Outros formatos incluem versões em CD-ROM, versões *online*, versões para telemóveis e até versões audiovisuais. A apresentação do conteúdo de um dicionário noutros suportes que não o impresso, como no caso do Dicionário de Língua Gestual Portuguesa, da Porto Editora, que inclui “Vídeos de todas as entradas reunidos no DVD-ROM que acompanha o dicionário”, não só é uma mais-valia para os utilizadores, como em certos casos se torna num fator indispensável para uma aprendizagem da língua-alvo. No caso do Dicionário de Língua Gestual Portuguesa, em particular, os vídeos fornecidos no DVD-ROM ajudam o utilizador que pretende aprender linguagem gestual a fazê-lo de uma forma mais correta, uma vez que a apresentação de um vídeo dos gestos é uma referência consideravelmente melhor para o aprendente do que uma ilustração ou explicação dos mesmos.

Estes novos formatos oferecem novas funcionalidades e vantagens significativas sobre as versões em papel e, ao mesmo tempo, não se vêm limitados por fatores como o tamanho que, como mencionei no ponto 1.2. deste capítulo, dificulta a tarefa de elaborar um dicionário. A principal vantagem que é imediatamente perceptível é a conveniência destes novos formatos,

que não só são mais portáteis do que as versões em papel, que podem chegar a pesar vários quilos, mas também permitem consultas mais rápidas e até utilizar métodos de pesquisa de termos que não seriam possíveis num dicionário convencional (Tang, 1997). Para além disso, estes novos recursos vieram dar acesso a novos dados que podem ser fundamentais para uma melhoria no processo de elaboração de novos dicionários. No seu relatório de estágio intitulado: *A pesquisa nos dicionários bilingues online (www.infopedia.pt) a partir da análise de log files*, Marlene Sofia Miranda Vilas-Boas (2016) aborda o facto de os dicionários *online*, como no caso da “Infopédia.pt”, da Porto Editora, poderem reunir informação sobre a forma como estes são utilizados, o que permite a realização de estudos sobre o uso dos mesmos os quais podem ser de extrema importância para a monitorização e aperfeiçoamento constantes do próprio processo de elaboração de novos dicionários:

*“Bons estudos na área do uso do dicionário podem levar, então, à elaboração de produtos lexicográficos que permitem ajudar de forma mais eficiente os utilizadores, tornando-se mais fáceis e agradáveis de usar e com conteúdos de melhor qualidade.”*  
(Vilas-Boas, 2016:12)

Quando a definição do OED que citamos antes utiliza o termo “livro” para definir dicionário, está a excluir todos estes formatos. Como tal, parece-me que o termo “obra”, utilizado pela Porto Editora, é mais adequado, uma vez que este termo se refere a qualquer tipo de produção intelectual.<sup>34</sup>

Outro ponto a ter em conta para a classificação dos dicionários baseia-se no seu conteúdo, nomeadamente no tipo de informação que estes fornecem. Tal informação pode ser de natureza apenas linguística ou, pelo contrário, de tipo enciclopédico; pode tratar-se de um dicionário de terminologia, ou seja, um dicionário especializado num campo de conhecimento, como por exemplo um dicionário de termos médicos, de desporto, etc.; ou pode também ser um dicionário cujo conteúdo se foca num aspeto linguístico específico, como é o caso de

---

<sup>34</sup> De acordo com a definição de "obra", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, consultado a 25/05/2015 disponível *online* em: <http://www.priberam.pt/dlpo/obra>

dicionários de verbos, de rimas, e inclusive de um tipo de dicionário chinês apelidado de 成语 *Chéngyǔ*<sup>35</sup>

Nenhuma das definições acima apresentadas fez menção direta a qualquer outro tipo de informação que não a linguística. No entanto, não só existe uma série de subtipos de dicionários cujo foco é a informação não linguística, como mesmo os típicos dicionários monolíngues e bilingues incluem alguma informação que vai para além da linguística, incluída de modo a que o utilizador tenha um melhor entendimento das palavras que procura.

*“dictionaries present not only language, but also culture. Language represents culture because words refer to a culture. Therefore, dictionaries, which constitute an archive of the words of a language, present, de facto, the culture underlying the language.” Roberts (2007), in (Podolej & Sobkowiak 2009:36)*

A distinção entre o que é informação linguística ou não linguística nem sempre é tarefa fácil para quem elabora os dicionários, uma vez que certas palavras estão intrinsecamente ligadas a aspetos culturais (van Sterkenburg, 2003: 49). Alguns exemplos de palavras cujas entradas devem forçosamente incluir informação cultural são os nomes próprios de certas figuras importantes numa comunidade linguística, como também invenções que fazem parte do dia-a-dia, como o telefone, computador etc (van Sterkenburg, 2003).

É por isso necessário alargar este ponto da definição, mencionando explicitamente a presença de informação não necessariamente linguística, uma vez que a sua presença nos dicionários não é excecional, mas sim uma regra.

---

<sup>35</sup> Trata-se de um tipo de expressão idiomática chinesa - *Chéngyǔ*, normalmente composta por quatro carateres. Em certos casos, estes têm origem nos contos populares, cuja moral lhes atribui o seu significado. A sua utilização é bastante comum, sendo consideravelmente difícil extrapolar o seu significado, sem conhecer a história que lhes está associada.

## 1.4.2. O processo de hibridação dos dicionários

As novas tecnologias vieram revolucionar o processo de elaboração de dicionários, permitindo não só que estes se tornem mais acessíveis a nível de consulta, como também tornando-os mais convenientes ao permitir que contenham quantidades quase ilimitadas de informação num formato facilmente transportável. A possibilidade de ultrapassar uma das maiores limitações colocadas à elaboração de dicionários, nomeadamente o espaço limitado, trouxe consigo o advento de uma era de hibridação. Enquanto o autor de um dicionário de papel, bilingue, de formato de bolso, tem de tomar decisões no que diz respeito à inclusão de certas palavras pouco utilizadas ou limitar a informação que fornece sobre elas, o autor de um recurso eletrónico pode fornecer toda a informação que ache necessária, desde múltiplos exemplos que ajudam o utilizador a compreender melhor os contextos de utilização e as colocações de uma certa palavra até informação enciclopédica e cultural que lhe possa ser útil num contexto de viagem. Tomemos como referência o caso do exemplar CD269M, da marca BESTA, que inclui dois dicionários inglês-chinês, um dicionário monolíngue chinês, uma enciclopédia em inglês e uma funcionalidade que permite ouvir a(s) pronúncia(s) das diversas entradas.<sup>36</sup>

Chamar a este tipo de dispositivo “dicionário” parece não ser suficiente para fazer jus a todas as suas funcionalidades. No entanto, este é o termo utilizado para o descrever. A diversidade de informação fornecida e as novas funcionalidades, assim como a inclusão de múltiplos dicionários no mesmo dispositivo, revelam a tendência de hibridação e unificação de diversos recursos nesta área. Esta tendência assemelha-se ao que aconteceu na área das comunicações com o aparecimento do telemóvel e com o seu desenvolvimento tecnológico, o que permitiu que este fosse assumindo funcionalidades de outros dispositivos, como a funcionalidade de enviar mensagens, de fazer vídeo e inclusive de consultar múltiplos dicionários. Essa lista de funcionalidades torna-se cada vez mais extensa com o passar do tempo, ao ponto de a principal funcionalidade do telemóvel prototípico, a comunicação por voz, ser agora apenas uma entre as muitas que estão incluídas num telemóvel. Do mesmo

---

<sup>36</sup> Todos estes recursos estão listados no *website* oficial da marca, disponível *online* em: <http://www.besta.my/web/?q=node/925>

modo, também a constante inovação no campo das novas tecnologias faz com que seja necessária uma constante atualização quando o que está em causa é a classificação dos diversos tipos de dicionários existentes (van Sterkenburg, 2003).

### **1.4.3. Novos desafios: uma sociedade de micro-mundos**

As novas tecnologias contribuíram também para facilitar o acesso dos indivíduos à aprendizagem de línguas estrangeiras. É hoje possível a um português, através da internet, ver programação televisiva em chinês, assim como aceder a outro tipo de documentos áudio e vídeo, com diferentes conteúdos, que lhe permitem contactar com um ambiente linguístico natural, muito diferente do ambiente pedagógico adaptado que pode encontrar dentro de uma sala de aula. O uso destes recursos facilitou imenso o processo de aprendizagem de línguas estrangeiras e deu também origem à criação de comunidades linguísticas que atravessam fronteiras.

A afirmação crescente do inglês como língua franca e a popularização da internet permitiram a criação de inúmeras comunidades interculturais, que utilizam uma língua em comum para comunicarem. Embora a maioria destas comunidades partilhem a utilização da mesma língua comum, cada uma delas constrói o seu próprio vocabulário. A aquisição do vocabulário específico destas comunidades, que podem ser encontradas em *websites* populares, como o Youtube, ou em fóruns e nalgumas redes sociais, é um dos desafios enfrentados pelas pessoas que têm interesse em pertencer a estas comunidades.<sup>37</sup>

---

<sup>37</sup> Prossegurei relatando a minha própria experiência relativa à participação numa das comunidades de videojogos em que me incluo, e na qual são usados termos específicos que causam dificuldades de compreensão aos membros externos a essa comunidade.

Durante um torneio internacional de um videojogo chamado DOTA 2, um dos jogadores participantes apostou contra a sua equipa, e durante o jogo teve um desempenho propositadamente fraco que levou à derrota da equipa, que era a favorita a ganhar. O jogador ganhou 322 dólares com essa aposta, e após uma investigação devido a alegações de corrupção, esta pessoa foi banida de participar em torneios futuros como castigo pela sua conduta. Este acontecimento foi muito comentado pela comunidade que vibrou com um escândalo de apostas e passado pouco tempo a expressão “322”, relacionada com a quantidade de dinheiro que o jogador ganhou, começou a ser utilizada para descrever a situação em que alguém comete um erro tão grande ou faz algo tão despropositado durante um jogo que quase parece que está a fazer um esforço deliberado para que a sua equipa perca. Esta expressão tornou-se parte do vocabulário da comunidade de jogadores de DOTA 2 e é uma entre muitas (continua na página seguinte)

Zgusta menciona a existência de comunidades linguísticas na sua definição de dicionário e a verdade é que não existem recursos que possam ser considerados "dicionários" no sentido convencional da palavra que os novos membros destas comunidades possam utilizar para entenderem os novos termos que continuamente se forjam no seu interior. Levanta-se a seguinte questão: Como é que estas pessoas podem obter a informação que precisam para adquirir o vocabulário específico necessário para participar nas discussões e contribuírem para a comunidade? Dada a falta de um dicionário específico que contenha este tipo de informação, a típica resposta é o recurso ao Google.

Um dicionário convencional, no momento em que é publicado, já está desatualizado, uma vez que o processo moroso de elaboração apenas consegue documentar o estado de uma língua até ao momento em que se inicia a preparação do dicionário (van Sterkenburg, 2003). Este tipo de comunidades, que aparecem e se desenvolvem a velocidades extremamente rápidas, estão sujeitas a fenómenos efémeros de modas, tal como acontece noutras áreas como a música ou a própria informação disseminada pela comunicação social.

O surgimento de termos ligados a estas modas é extremamente rápido e um modelo convencional de dicionário não consegue acompanhar esse ritmo, havendo uma necessidade de recorrer a outros recursos que possam ser consultados para os entender. A inclusão de neologismos no dicionário como por exemplo lol e selfie, expressões que tiveram origem ou se tornaram populares na internet devido à sua utilização nas diversas comunidades que existem nela, é normalmente uma decisão que pode gerar controvérsia, tal como já foi mencionado noutra parte deste capítulo, levando a que os autores de dicionários tenham uma posição conservadora no que diz respeito à sua inclusão, o que tem como consequência que tais termos apenas são incluídos em dicionários passados vários anos do seu surgimento, quando o seu uso se consolida.

A popularização dos motores de busca tornou-os um dos recursos mais utilizados para procurar respostas para qualquer tipo de perguntas, mesmo aquelas de natureza linguística. O problema é que nem sempre os resultados apresentados são fidedignos e o facto de estes motores procurarem informação por toda a internet, resulta também em milhares de respostas,

---

das expressões típicas dessa comunidade que, tal como ocorre com os *Chengyu*, é quase impossível de extrapolar para situações alheias à comunidade que a forjou e a utiliza.

entre as quais o utilizador tem de procurar a que se adequa à sua pergunta. Neste caso, informação excessiva pode ser um obstáculo para o utilizador, uma vez que este é sobrecarregado de tal forma que não consegue obter a resposta à sua pergunta de uma maneira rápida e eficaz. O mesmo fenómeno acontece com os dicionários, onde a presença de demasiada informação pode ser prejudicial para o processo de consulta do significado de uma palavra.

Os motores de busca tomaram o lugar do dicionário tradicional nos casos referidos em cima, isto é, para obter informação sobre termos específicos utilizados por comunidades na internet (gírias), sobre neologismos ou apenas sobre palavras que não conseguem encontrar no dicionário. Porém, o facto de estes motores de busca assumirem funções tipicamente associadas às dos dicionários, não implica que tais motores sejam classificados como dicionários, ou que as definições apresentadas para o termo contemplem também estes contextos. Se me referi a eles foi apenas porque considero útil ter em conta as novas necessidades e os meios de as suprir, o que, em última instância, obriga a refletir criticamente e a reequacionar o conceito tradicional de dicionário.

### **1.5. Proposta para uma nova definição de “dicionário”**

*Dicionário- Obra de referência que lista o vocabulário de uma ou de múltiplas línguas, utilizando uma ordenação específica, normalmente alfabética. Este tipo de obra fornece principalmente informação linguística, mas pode também incluir informação enciclopédica ou cultural, com o objetivo de ajudar o utilizador a compreender e/ou a utilizar o léxico de uma dada língua.*

A definição que proponho acima parte das cinco definições anteriormente apresentadas e comentadas. No que diz respeito ao formato, utilizei a expressão “obra de referência”, uma vez que este termo não só abrange o típico formato em papel, como também inclui os formatos eletrónicos e digitais. Trata-se também de uma das expressões mais utilizadas pelos autores das definições que selecionei. Ao mesmo tempo, fiz também referência a mais do que uma

língua, de modo a que a definição consiga abranger os dicionários bilingues e multilingues, para além dos prototípicos dicionários monolíngues.

Em relação ao conteúdo, faço menção à inclusão de informação enciclopédica e cultural, embora reconheça a centralidade da informação linguística. Procedi desta forma de modo a abranger os dicionários cujo conteúdo vai para além do linguístico e ao mesmo tempo mostrar que a informação linguística continua a ser a componente principal na maioria dos dicionários.

Por último, decidi fazer menção ao facto de o dicionário desempenhar uma função importante quer em termos de receção, quer de produção linguística, chamando igualmente a atenção para o papel do utilizador, uma vez que, em última instância, este é a razão de ser da elaboração deste tipo de ferramenta linguística.

Após refletir sobre o que é um dicionário, através de uma análise da sua história, do seu processo de elaboração e das características que o definem, é possível agora atender ao seu papel no processo de ensino-aprendizagem de línguas, o que será o propósito do próximo capítulo desta dissertação.

# Capítulo II

## 1. A centralidade do vocabulário no estudo de uma língua estrangeira

*lé·xi·co* /cs/

(grego *leksikós*, -ê, -ón, relativo a palavras)

*Substantivo masculino*

1. *Dicionário, particularmente de língua clássica como latim ou grego.*

2. [Linguística] *Conjunto virtual das unidades lexicais de uma língua.*

3. *Compilação de palavras de uma língua. = VOCABULÁRIO*

*Adjetivo*

4. *O mesmo que lexical.*<sup>38</sup>

Pode considerar-se que o vocabulário constitui a parte central de uma língua e tem uma importância crítica no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira. Mesmo assim, o ensino e a aprendizagem de vocabulário têm sido subvalorizados neste campo (Coady & Huckin, 1996). A íntima relação entre o vocabulário de uma língua e os dicionários levaria a crer que estes teriam um papel igualmente importante no processo de aprendizagem. No entanto, tanto o processo de aquisição de vocabulário como as condições de utilização de dicionários são áreas normalmente subvalorizadas, sendo os estudos sobre estas questões relativamente escassos quando comparados com os que versam sobre outras vertentes associadas ao estudo de línguas (Gu, 2003; Liu, 2010).

A dissertação intitulada “A aquisição e o desenvolvimento da competência lexical em PLE por estudantes de língua materna chinesa”, defendida em 2014, no âmbito do Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês, por Wang Yang, aborda o tópico de aquisição de

---

<sup>38</sup> "léxico", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/l%C3%A9xico>, consultado em 27/05/2015.

vocabulário no âmbito do estudo de Português Língua Estrangeira por sinofalantes. A reflexão da autora sobre este tema salienta a importância do vocabulário no processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, nomeadamente do português. Por esse motivo, remeto todos quantos se interessem por esta questão para a leitura da referida dissertação. Neste capítulo, tratarei de abordar especificamente o papel do dicionário no processo de aquisição de vocabulário.

### **1.1. Condicionantes para a escolha de um dicionário: monolíngue, bilingue ou nenhum?**

Independentemente da opinião pessoal que os professores ou os estudantes de línguas estrangeiras tenham acerca da utilização do dicionário, este recurso faz parte da bibliografia de base de um estudante de línguas estrangeira e de que tal estudante se faz acompanhar ao longo de todo o seu processo de aprendizagem (Gu, 2003). Por muito que alguns professores sejam contra a utilização de dicionários, a verdade é que estes são um recurso indispensável a que os alunos recorrem e que incorporam no seu processo de aprendizagem desde a sua fase inicial. Que tipo de argumentos são então invocados pelos professores que se mostram adversos ao uso do dicionário nas aulas?

Baxter (1980) descreveu um problema comum entre estudantes de Inglês Língua Estrangeira: diz o autor que estes não são capazes de aceder a uma determinada palavra durante a produção de discurso e carecem da capacidade de contornar essa dificuldade por meio de uma paráfrase do termo em falta na língua de chegada. Ele atribuiu este problema principalmente ao uso de dicionários bilingues, defendendo o uso de dicionários monolíngues que iriam encorajar “definições conversacionais” (Baxter, 1980: 335). De uma forma generalizada, Baxter reformula as principais preocupações da maioria dos professores de línguas, ao apontar que os dicionários bilingues: 1) incentivam a tradução; 2) promovem a crença numa correspondência exata a nível de vocabulário entre duas línguas; e 3) não conseguem descrever de forma adequada o comportamento sintático das palavras (Gu, 2003).

Esta preocupação é extremamente válida, sobretudo se se tiver em conta o formato da maioria dos dicionários bilingues de bolso ou as versões destes para telemóvel, utilizados atualmente pelos alunos, os quais se limitam a apresentar traduções ou equivalentes das entradas da língua-alvo. Um dos principais problemas relacionados com a utilização do dicionário é a perceção errada por parte dos aprendentes de línguas acerca daquilo que é um equivalente e como este pode ser usado, razão pela qual me parece pertinente refletir sobre o conceito de “equivalência” nos dicionários.

### **1.1.1. Equivalentes – A diferença entre a perceção e a realidade**

*“Esta ideia de que a mesma realidade conceptual é abrangida de maneiras diferentes pelo vocabulário das diferentes línguas, ou vice-versa, que as diferentes línguas, ou o vocabulário das diferentes línguas, fragmentam a realidade de maneira diferente, obedece a uma concepção discreta e atomista da linguagem (uma palavra ligada a um significado; um monema ligado a um significado) que dominou a linguística moderna, e com ela a semântica e a lexicografia, pela qual se entende o significado como estando permanentemente ligado a um significante, independentemente dos contextos situacionais e dos co-textos linguísticos, esquecendo-se, mesmo dentro do paradigma estruturalista, que o sentido de qualquer lexema inclui tanto as relações sintagmáticas como as paradigmáticas.” (Iriarte Sanromán, 2005:176)*

Durante as fases iniciais de aprendizagem de uma língua estrangeira, o vocabulário básico que é apresentado aos estudantes levanta geralmente poucas questões no que diz respeito aos equivalentes. Este vocabulário inclui nomes concretos ou abstratos e verbos básicos e que geralmente tendem para significações universais, como é o caso, por exemplo, de verbos como “comer” ou “andar”, de nomes concretos como “autocarro” e “água” ou de conceitos como “gostar” ou “preferir”. Estas palavras são aquilo que é denominado como equivalentes a 100%, ou seja, a unidade lexical da língua de chegada tem o mesmo significado lexical que a respetiva unidade lexical na língua de partida (Zgusta in Podolej & Sobkowiak, 2009).

É nesta fase que os aprendentes formulam a crença de que existe uma relação de “um para um” entre as palavras da sua língua de partida e as da língua de chegada. Tendo em conta

este tipo de raciocínio, poder-se-ia considerar que a utilização de dicionários monolíngues não tem grande efeito nocivo sobre os aprendentes, uma vez que as entradas destes dicionários não apresentam equivalentes, mas antes paráfrases da palavra em causa, oferecendo informação sobre a sua utilização; este é, aliás, o principal argumento usado na defesa do recurso a dicionários monolíngues em detrimento dos bilingues.

Posto isto, se um dicionário bilingue apenas apresentasse equivalentes “perfeitos” nas suas entradas, não deveria causar qualquer problema, uma vez que o utilizador poderia usar os equivalentes obtidos na sua consulta do dicionário da mesma forma que utiliza a palavra correspondente na sua língua nativa. No entanto, estudos como o realizado por Ard (1982) sobre a utilização de dicionários bilingues por estudantes de Inglês Língua Estrangeira, no contexto de uma aula de escrita de nível intermédio-alto, mostram-nos que tal não é o caso, uma vez que o investigador chegou à conclusão que os erros cometidos pelos alunos que usavam o dicionário bilingue estavam relacionados com diferenças entre a sua língua nativa e a língua de chegada (Gu, 2003).

Este problema surge devido àquilo que se designa como “equivalentes parciais”, ou seja, equivalentes não perfeitos. Embora o utilizador consulte o dicionário em busca de equivalentes perfeitos, a presença destes é rara, tendo o utilizador de se contentar com um equivalente parcial. O mesmo problema também se põe aos autores do dicionário, cujo objetivo ideal seria o de fornecer equivalentes perfeitos ao utilizador; porém, devido à inexistência destes ou à grande dificuldade de os identificar, recorrem à apresentação de um equivalente parcial (Podolej & Sobkowiak, 2009).

Um dos maiores problemas é que mesmo palavras consideradas “básicas”, ou seja, com um grau de polissemia reduzido, podem apresentar diversos sentidos adicionais cujos equivalentes sugeridos pelo dicionário não cobrem. Por exemplo, o termo 火 *huǒ*, cujo equivalente em português é “fogo”, na língua chinesa pode também ser utilizado para descrever algo que está a conhecer um período de popularidade. Em português, a palavra “fogo” não tem este significado, no entanto um sinofalante aprendente de português, sabendo que

“fogo” é o equivalente apresentado pelo seu dicionário do referido caráter chinês, pode utilizar o termo português em contextos descabidos na língua de chegada.<sup>39</sup>

Este tipo de erro acontece devido à percepção errada dos aprendentes em relação aos equivalentes apresentados num dicionário, visto que a maioria das palavras apenas tem equivalentes parciais. Isto significa que os equivalentes apenas conseguem transmitir alguns dos múltiplos sentidos da palavra da língua de partida para a língua de chegada. Para além disso, estes equivalentes apenas conseguem transmitir esses sentidos em contextos específicos e não podem ser usados para transmitir todos os sentidos associados à palavra da língua de partida. Existem vários tipos de equivalentes parciais, sendo um desses tipos o equivalente parcial de natureza cultural. Para melhor ilustrar esta ideia, apresentarei de seguida um exemplo de dois equivalentes parciais de natureza cultural entre o português e o chinês.

O termo 饺子 *jiǎozi* é traduzido para português como “ravioli”, pelo que existe uma relação de equivalência parcial entre estes dois termos. Ambos os termos fazem referência a um tipo de comida, que consiste num recheio, cujos ingredientes incluem vários tipos de carne e vegetais envolvido por um invólucro fino de massa.

No entanto, estes dois pratos são bastantes distintos uma vez que provêm de escolas de cozinha diferentes. Por um lado, temos os “raviólis” que são típicos da culinária italiana, tradicionalmente confeccionados numa forma quadrada com a massa “pasta” tipicamente utilizada na Itália, e que são servidos acompanhados de um molho de tomate tal como acontece com outros tipos de pratos de massa na cozinha italiana. Por outro lado, os Jiaozi chineses têm uma forma mais redonda, semelhante a uma orelha, podendo ser acompanhados por vinagre, alho e molho de soja. Este prato ocupa também um lugar importante na cultura chinesa, sendo tradicionalmente comido em ocasiões como o Ano Novo Chinês. Apesar de à superfície estes dois pratos serem semelhantes, tanto o seu sabor, o modo como são servidos e as suas ligações culturais são consideravelmente diferentes, pelo que a sua relação de equivalência é apenas parcial.

---

<sup>39</sup> Um exemplo de uma frase descabida que poderia ser criada por um sinofalante : Neste momento na China, aprender português é fogo.



Figura 7- Jiaozi chineses



Figura 8 – Ravioli Italiano

Embora as suas semelhanças sejam motivo suficiente para que os termos “ravioli” e 饺子 sejam utilizados como equivalentes para fazer referência um ao outro, todas as diferenças entre estes dois pratos revelam que esta equivalência é apenas parcial, uma vez que existe uma certa sobreposição entre as características destes dois pratos, mas não uma sobreposição total, uma vez que cada um destes pratos tem características que o distinguem do outro.

Outro exemplo ilustrativo pode ser achado no dicionário Português-Chinês de Mateo Ricci. O equivalente dado neste dicionário para o termo em português “juiz” é 官 *guān*. 官 é um termo que era usado para fazer referência aos oficiais locais de uma determinada zona e não a um juiz. Julga-se que o termo foi traduzido desta maneira uma vez que os governadores locais também assumiam ocasionalmente o papel de juizes.<sup>40</sup> De acordo com esta teoria, a percepção de que estas figuras desempenhavam o cargo de juiz levou Mateo Ricci a apenas considerar este significado quando elaborou a entrada no dicionário para o termo 官, o que resulta na apresentação, no seu dicionário, de um equivalente que apenas recobre parcialmente o significado de 官.

A identificação deste tipo de equivalentes como sendo apenas parciais é uma tarefa que pode parecer simples para quem já possui um nível de sensibilidade cultural relativamente elevado, como no caso de estudantes que tenham passado um período prolongado no país da língua-alvo, onde tenham estado em contacto com uma realidade muito distinta da sua, e que por isso consigam desenvolver uma sensibilidade cultural mais apurada, que lhes permita

---

<sup>40</sup> Este comentário ao dicionário de Mateo Ricci pode ser encontrado no catálogo *online* do Instituto Ricci, disponível *online* em: <http://riccilibrary.usfca.edu/view.aspx?catalogID=17508>

identificar as diferenças. No entanto esta tarefa não é tão simples para um aprendente que ainda não desenvolveu as suas competências a nível de sensibilidade cultural, pelo que não possui o discernimento para distinguir um equivalente parcial de natureza cultural, podendo-o tomar como um equivalente “perfeito”.

Ao mesmo tempo, existem também equivalentes de termos culturais que podem dar ao aprendente a ideia errada de que mesmo os equivalentes considerados parciais possam ter uma sobreposição total do sentido do termo original.

*“As an example let us consider the Polish terms ożenić się ‘to get married’ (said of a man marrying a woman) or wyjść za mąż ‘to get married’ (said of a woman marrying a man), whose meanings are completely included into the meaning of the English verb to marry. Other authors classify this type of equivalence as partial.” (Podolej & Sobkowiak, 2009: 33)*

Em chinês, os termos 嫁 *jià*, que se refere ao ato de uma mulher se casar com um homem, e 娶 *qǔ*, que se refere ao ato de um homem se casar com uma mulher, podem ambos ser traduzidos para português através do equivalente “casar”, uma vez que este termo engloba ambos os sentidos expressos pelos termos 嫁 e 娶. Este caso é praticamente idêntico àquele que Podolej e Sobkowiak mencionam no artigo citado acima. Uma vez que existe uma sobreposição dos sentidos destes dois termos com o termo português “casar”, e embora a relação de equivalência entre estes termos seja apenas parcial, o termo “casar” pode ser usado para substituir os termos 嫁 e 娶 numa grande quantidade de contextos. Infelizmente este tipo de sobreposição de significados entre termos na língua de partida e de chegada nem sempre acontece, pelo que os aprendentes devem ter cuidado para não tomarem estes casos excepcionais como sendo a regra geral.

A falta deste tipo de equivalentes levou a que os lexicógrafos desenvolvessem estratégias de modo a encontrar substitutos que possam ser fornecidos nas entradas dos dicionários. Podolej e Sobkowiak (2009) citam quatro tipos de estratégias utilizadas por lexicógrafos para apresentar equivalentes, como sugerido por Adamska-Sałaciak (2006: 104), nomeadamente:

- 1) Explicações ou descrições;
- 2) Equivalentes cognitivos, semânticos, orgânicos, prototípicos, conceptuais, descontextualizados e especulativos;
- 3) Passíveis de serem traduzidas, inseríveis;
- 4) Equivalentes funcionais, situacionais, comunicativos, de discurso e contextuais.

A primeira estratégia é usada pelos lexicógrafos como último recurso, uma vez que representa a incapacidade de apresentar um equivalente. Nestes casos, é fornecida ao utilizador uma descrição que tenta explicar o significado do termo na língua de chegada. Este tipo de estratégia é utilizado para termos que normalmente descrevem conceitos que são desconhecidos na cultura de chegada. Estão neste caso os conceitos chineses de “*YinYang*” e de “*FengShui*”, que estão intrinsecamente ligados à cultura chinesa, assim como o termo “desenrascar” cujo significado está também associado a uma das características mais distintas da maneira de encarar a vida dos portugueses.

O segundo tipo de equivalentes é aquele que os lexicógrafos almejam encontrar, uma vez que dão conta de uma sobreposição da maioria dos sentidos principais do termo da língua de partida na língua de chegada, omitindo os sentidos mais periféricos.

No que diz respeito aos equivalentes do terceiro tipo, estes estão limitados a contextos específicos e adequam-se a traduções, uma vez que podem ser inseridos em textos da língua de chegada de uma forma natural, uma vez que refletem o sentido particular que pretende ser transmitido num contexto específico.

Por fim, o último tipo de equivalentes também é dependente do contexto em que são utilizados. Este tipo distingue-se do tipo 3 porque os equivalentes não preservam a categoria gramatical do lema da língua de partida (Podolej & Sobkowiak, 2009: 31). A quantidade diversificada de equivalentes e respetivas estratégias utilizadas pelos lexicógrafos para os apresentar no dicionário pode parecer óbvia após a sua explicação, no entanto, para um aprendente, esta realidade é tudo menos intuitiva.

Em jeito de conclusão, pode-se considerar que a utilização do dicionário bilingue pode induzir o aprendente em erro, uma vez que este não é devidamente informado da relação

imperfeita entre os equivalentes fornecidos pelos dicionário e os termos da língua de partida, o que resulta na utilização errada dos equivalentes apresentados. No entanto, os dicionários que oferecem definições, tal como os monolingues também podem levar a que o utilizador seja induzido em erro, algo que será abordado no ponto seguinte.

### 1.1.2. Estratégias de utilização dos dicionários

O uso desadequado de dicionários normalmente segue um padrão conhecido sob a designação de “*kidrule strategy*” (Takahashi, 2012; van Sterkenburg, 2003). Esta estratégia pressupõe os seguintes quatro passos, de acordo com Nesi e Meara (1994), citados por Takahashi (2012: 116): primeiro, o utilizador lê a definição de uma palavra; de seguida escolhe um segmento dessa definição que lhe é familiar; após essa escolha, o utilizador constrói uma frase com esse segmento; e, por fim, substitui esse segmento pela palavra que consultou.

Irei recriar esta estratégia com um exemplo ilustrativo: o MaMing, sinofalante que está a aprender português, depara-se com uma nova palavra ao ler um texto sugerido pelo seu professor. Essa palavra é “*facultar*”. Como nunca se tinha deparado com esta palavra, MaMing usa um dicionário monolingue, também sugerido pelo professor, para tentar entender o seu significado e juntar esta nova palavra à sua lista de vocabulário a estudar. A entrada do dicionário que utilizou tem o seguinte aspeto:

*fa·cul·tar*

1. *Dar a faculdade, o poder ou a possibilidade de.*
2. *Proporcionar.*
3. *Pôr à disposição.*
4. *Permitir; tornar fácil.*<sup>41</sup>

---

<sup>41</sup> "facultar", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, consultado a 29/5/2015 disponível *online* em: <http://www.priberam.pt/dlpo/facultar>

A entrada lista “permitir” como um dos sentidos do termo facultar, sendo este um termo que MaMing já conhece e com o qual está familiarizado. Após criar uma associação entre estes dois termos, MaMing cria a seguinte frase com base no termo “permitir”:

“O porteiro da residência não me permite sair depois das 23:00.”

Por fim, MaMing substitui diretamente o termo permitir por facultar, criando a frase:

“O porteiro da residência não me faculta sair depois das 23:00.”

Este tipo de estratégia é tipicamente usado por crianças que estão na fase inicial de aquisição da sua língua materna, daí o seu nome (“*kidrule* - regra de criança”). Esta estratégia é também usada por aprendentes de línguas estrangeiras e mostra que sem orientação, os aprendentes têm tendência a desenvolver estratégias desadequadas, que por vezes funcionam mas outras vezes não, como pode ser observado no exemplo ilustrativo apresentado.

Este tipo de estratégia pode ser utilizado pelos aprendentes quando um dicionário fornece definições dos vários sentidos de uma palavra, no caso de um dicionário monolíngue, assim como quando este fornece múltiplos equivalentes parciais na mesma entrada, no caso de dicionários bilingues. Uma vez que o aprendente se sente obrigado a escolher um termo com o qual possa estabelecer uma relação de correspondência com o termo que conhece na língua de partida, o resultado é a escolha de um termo de forma aleatória. Pode-se então dizer que a utilização tanto do dicionário bilingue como do monolíngue pode levar à criação de maus hábitos quando não existe acompanhamento ou supervisão do processo.

Conscientes desta realidade, conseguimos compreender melhor a posição de muitos professores acerca da utilização de dicionários, especificamente os bilingues cuja estrutura “entrada-equivalente” se presume responsável por este tipo de erros. Vejamos então o que acontece quando os aprendentes não utilizam um dicionário durante o processo de aprendizagem.

### 1.1.3. Alternativas à utilização do dicionário

*inferir*

*in.fe.rir*

*(lat inferre) vtd Deduzir por meio de raciocínio, tirar por conclusão ou consequência: Pela letra inferiu logo quem lhe escrevera. Infira-o o leitor da seguinte história.*<sup>42</sup>

Um método de aquisição de vocabulário bastante popular é baseado na conjectura contextual (*contextual guessing*). Esta estratégia, que se resume a inferir o significado de palavras através do seu contexto, é considerada uma das principais estratégias utilizadas por aprendentes de novas línguas (Lawson & Hogben, 1996).

Tendo em conta a importância da habilidade de inferir no processo de aprendizagem de línguas estrangeiras, não é de surpreender que exercícios que treinem esta habilidade sejam frequentes nas aulas de línguas por todo o mundo.

*“From a psychological as well as a linguistic point of view, undeniably the first guideline would be that vocabulary must be learned in context. The meanings of words are more easily semanticized if they are embedded in a meaningful context”* Beheydt, (1987) in (Lawson & Hogben, 1996:106)



Figura 9- Um exemplo de uma Flash Card<sup>43</sup>

Palavras novas			
1.	狗	gǒu	(s.) cão
2.	它	tā	(pron.) ele, ela
3.	漂亮	piàoliang	(adj.) bonito
4.	两	liǎng	(num.) dois, duas

Figura 10- Um exemplo de uma lista de palavras<sup>44</sup>

<sup>42</sup> Definição de “inferir” retirada do dicionário online português MICHAELIS disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=inferir>

<sup>43</sup> Exemplo de uma flash card que contém uma ilustração e termo na língua de origem numa face, e o equivalente chinês assim como romanização em pinyin na face inversa

<sup>44</sup> Lista de palavras retirada da página 78 da versão portuguesa do Livro do Aluno “Aprende Chinês Comigo”

Outro método bastante popular para a aquisição de vocabulário é a utilização de listas de palavras e de *flash cards*. Embora o recurso a listas de palavras seja uma técnica utilizada por muitos aprendentes de línguas, existe pouca informação e estudos feitos sobre este método de aprendizagem (Baleghizadeh & Ashoori, 2011). Este método é considerado extremamente eficaz, uma vez que permite aos aprendentes, em relativamente pouco tempo, exercitar uma quantidade significativa de vocabulário.

Esta estratégia consiste simplesmente na utilização de uma lista de vocabulário que elenca palavras na língua de chegada e, paralelamente, apresenta os seus respetivos equivalentes na língua de partida ou vice-versa. Através de leituras repetidas dos termos da lista, os aprendentes conseguem exercitar o seu vocabulário, testando a memória e eventualmente decorando os termos incluídos na lista. Embora esta estratégia não implique a utilização direta do dicionário, constata-se que o seu formato não difere muito dos dicionários bilingues básicos, ou seja, palavras listadas por uma determinada ordem com os seus respetivos equivalentes apresentados à frente. Portanto, as críticas que foram já apresentadas em relação a este tipo de dicionários podem estender-se a este método também.

A diferença entre as listas de palavras e os dicionários é que normalmente estas listas, obviamente mais reduzidas, são fornecidas em manuais, por professores ou até como material de preparação para certos exames que têm uma lista de vocabulário pré estabelecida. Portanto, estas listas normalmente funcionam em conjunção com outros recursos: por exemplo, no caso dos manuais que as incluem, existe um texto que acompanha a lista, dando aos aprendentes um exemplo contextualizado da utilização dos termos que dela constam, pelo que os equivalentes apresentados pelas listas fazem referência a contextos específicos. Trata-se portanto de glossários que servem como auxiliares para a aquisição de conhecimento lexical específico.

Este tipo de listas não está isente de problemas, um dos quais pode ser ilustrado pela situação apresentada na figura 10. Nela o termo 它 *tā* é traduzido como ele/ela, uma vez que o texto que lhe serve de base utiliza o vocábulo como um pronome para se referir a um cão. No entanto, este termo é um pronome neutro, ou seja, é utilizado em chinês quando nos queremos referir a um animal ou objeto, um pouco como o pronome “*it*” é utilizado em inglês. Em ambas estas línguas existe também um pronome pessoal para a forma do feminino e outro para

a do masculino - 她 *tā* e 他 *tā*, no caso chinês; “*she*” e “*he*”, no caso do inglês. Estas duas línguas têm ainda um pronome neutro, ou seja, têm termos específicos para se referirem a objetos e animais. No entanto, na língua portuguesa este não existe, pelo que a lista pode induzir o aprendente em erro, uma vez que não inclui nenhuma indicação sobre a utilização adequada, apenas apresentando um equivalente contextual.

Existe ainda outra preocupação no que diz respeito à utilização de listas de palavras, nomeadamente devido àquilo que foi apelidado de “efeito de lista” (*List effect*). Nakata (2008), como citado em Baleghizadeh & Ashoori (2011: 7), explica este efeito, que está relacionado com a posição das palavras numa lista, referindo que “os aprendentes podem não ter qualquer problema em recordar um item que esteja dentro de uma lista mas ao mesmo tempo ter consideráveis dificuldades em fazer o mesmo caso este [item] apareça fora da mesma”. Ou seja, um aluno que estude uma lista de palavras do tipo - pé, perna, braço, mão e cabeça - não terá dificuldade em recitar estas palavras e os seus equivalentes por ordem, mas ao encontrar os termos num texto escrito ou durante um diálogo, pode não os conseguir identificar devido a estes não estarem associados à lista que utilizou para as estudar.

As *flash cards* funcionam de maneira semelhante às listas de palavras, no entanto apresentam a informação num formato diferente que permite uma maior flexibilidade no que diz respeito à forma como são utilizadas. O formato tradicional de uma *flash card* é um cartão em papel com duas faces, uma das quais contém a palavra na língua de chegada, podendo também ser acompanhada de uma ilustração ou exemplo, enquanto a outra face apresenta o equivalente na língua de partida. A sua utilização é simples: o aprendente olha para uma das faces da carta e tenta recordar o conteúdo da face inversa, repetindo este processo várias vezes com todas as cartas que tem de modo a memorizar vocabulário.

Existem hoje em dia programas que podem ser instalados em computadores ou telemóveis que apresentam *flash cards* em formato digital, podendo o utilizador editar o seu conteúdo e criar as suas próprias cartas, reunindo-as em vários grupos geralmente denominados baralhos. O utilizador pode ter múltiplos baralhos, cada um com o seu tema. Por exemplo, pode ter um baralho com o tema “animais”, cujas cartas apenas incluem nomes de animais, ou um baralho que contenha vocabulário indicado para um determinado teste, etc. A

divisão e agrupamento das *flash cards* fica ao critério do utilizador, que pode criar baralhos tendo em conta as suas próprias necessidades.

Esta maneira flexível de organizar termos distingue este método da utilização de lista de palavras por não ter uma ordenação fixa e, por isso, o seu utilizador não fica sujeito aos efeitos nocivos do “efeito de lista”, uma vez que pode alterar a ordem pela qual consulta as palavras, alterando-a de cada vez que as utiliza para estudar, através de um simples “baralhar” das suas cartas, algo que pode ser feito tanto no caso de cartas físicas como com as digitais.

Muitos dos programas de *flash cards*, como por exemplo o denominado Anki, utilizam algoritmos de modo a aumentar a probabilidade de retenção de palavras por parte do utilizador. Quando uma carta é apresentada, o utilizador pode assinalar se já conseguiu memorizar o conteúdo dessa carta ou se ainda não se sente seguro e precisa de mais repetições. O programa utiliza esta informação para exibir cartas com maior ou menor frequência, de modo a que o utilizador consiga aumentar a probabilidade de memorizar todas as suas cartas, mesmo aquelas que possam apresentar um grau mais elevado de dificuldade, ao apresentar estas cartas com mais frequência, evitando também que termos que tenham sido estudados há bastante tempo atrás não sejam esquecidos.



Figura 11 – O programa de flash cards ANKI<sup>45</sup>

---

<sup>45</sup> É possível ver na figura 11 que o utilizador fornece *feedback* ao programa ao atribuir um valor à carta apresentada e que esse *feedback* determina quando é que essa carta será novamente exibida.

Embora as tradicionais cartas apenas apresentem equivalentes tal como as listas de palavras, suscitando as mesmas preocupações em relação ao estabelecimento de uma relação de “um para um” por parte do utilizador (tal como acontece também no caso da utilização de dicionários bilingues), com a disseminação e popularidade das versões digitais personalizáveis, as cartas utilizadas pelos aprendentes podem incluir muito mais informação, nomeadamente exemplos contextualizados e outro tipo de notas de utilização que os ajudem a compreender melhor a forma de utilizar as palavras incluídas nos seus baralhos. Apesar disto, porém, a base do método de elaboração das *flash cards* continua a partir do conceito de equivalência entre dois termos, pelo que os pontos fracos do recurso, já anteriormente referidos, se mantêm.

#### **1.1.4. A importância do fator “exposição à língua” no processo de aquisição de vocabulário**

Um dos aspetos mais importantes no que diz respeito à aquisição de vocabulário é o número e tipo de exposições à língua a que o aprendente está sujeito.

Alguns estudos apontam para que o número ideal esteja por volta das 10 exposições (Gu, 2003). Métodos como o das listas de palavras e *flash cards* permitem que o aprendente tenha múltiplas exposições a estas palavras num período reduzido de tempo, aumentando a probabilidade de que elas sejam memorizadas rapidamente. Um aluno que dedique múltiplos períodos curtos de tempo ao longo de um dia ou de uma semana à utilização de *flash cards* ou listas de palavras (um hábito que pode facilmente ser incorporado no seu plano de estudo) pode aumentar significativamente a sua capacidade de adquirir vocabulário. A simples consulta do dicionário representa também uma exposição adicional, já que, como Liao (2005:65) afirma:

(...) the role of dictionary use in vocabulary development will be more encouraging for second/foreign learning in that the look-up behavior is supposed to create a deeper trace in the learner’s memory and thus regarded to be conducive for vocabulary learning.

No entanto não é só o número de exposições que é relevante para a aquisição de uma palavra, sendo o tipo de exposição um fator igualmente importante. Uma estratégia tão simples

como dizer palavras em voz alta, criando uma associação auditiva entre o termo e a sua pronúncia, pode ter efeitos bastante positivos, de acordo com Kelly (1992), como citado em Gu (2003:12): *"the ear does assist the eye in the long-term retention of lexis"*.

De modo a demonstrar os múltiplos tipos de exposições às quais um aprendente de línguas estrangeiras pode estar sujeito, irei apresentar um exemplo ilustrativo que toma por base a palavra “poço”.

Um aprendente estuda uma lista de palavras incluída no seu manual, sendo uma dessas palavras “poço”. Após ler múltiplas vezes a lista, prossegue para a leitura do texto associado a essa lista de palavras, que conta a história de uma mulher que caiu dentro de um “poço”. No dia seguinte, este aprendente, enquanto está a conviver com um dos seus colegas cuja língua nativa é a sua língua alvo, atravessa um lugar com um poço e o seu colega faz um comentário acerca deste pertencer a um familiar. Quando o aprendente ouve a palavra, consulta o seu dicionário porque está incerto da sua ortografia, indeciso se a mesma se escreve com “ç” ou “ss” e volta a ser exposto à forma escrita desta palavra, assim como a uma definição.

Cada vez que o aprendente é exposto à palavra “poço“, como o relatado neste exemplo, cria um novo tipo de associação à palavra, algo que contribui para que possa reter o termo na sua memória. No período inicial, associa este termo a um equivalente fornecido pela lista de palavras do seu manual, estabelecendo também uma associação com o texto em que a palavra surge num ponto central da história. Para além disso, o aprendente estabelece uma associação visual quando vê um poço, o que lhe permite criar uma referência visual para a palavra. Este tipo de associação visual também pode ser estabelecida através da utilização de *flash cards* com ilustrações ou imagens, ou através da consulta de um dicionário que também contenha ilustrações.

*“The clear principle which emerges is that the more that words are analyzed or are enriched by imagistic and other associations, the more likely it is that they will be retained. Such a technique, linking as it does form, meaning, and structure through cues which, in turn, facilitate a combination of productive and receptive senses, does appear to have advantages over an exclusive focus on straightforward translation and rote learning.” (Carter, 1987 in Lawson & Hogben, 1996: 155)*

Ao longo deste capítulo aponte algumas das preocupações associadas à utilização de vários métodos e recursos usados na aprendizagem de vocabulário. No entanto, referi-os de forma isolada. A verdade é que o processo de aprendizagem de uma língua não se limita a segmentos separados, sendo antes um processo contínuo no qual o aprendiz é sujeito a várias metodologias e diferentes tipos de exposições. Alguns estudos sugerem que uma combinação de vários tipos de textos assim como a consulta de dicionário é mais eficaz do que a utilização destes métodos de forma isolada (Gu, 2003).

Vários estudos apontam para que a utilização conjunta de mais do que um método é o segredo dos estudantes de línguas com mais sucesso. Desta forma é possível afirmar que a diversificação das estratégias de aprendizagem pode ser bastante benéfica para o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira. Em Jian et al (2009), é referido que a consulta de termos previamente encontrados durante atividades de leitura ou de audição, no dicionário, é benéfica para a aprendizagem de vocabulário. Para além disso, o nível dos aprendizes assim como as suas preferências devem ser também fatores a ter em conta no que diz respeito à escolha de estratégias de aprendizagem, uma vez que nem todos os aprendizes obtêm resultados iguais mesmo utilizando uma metodologia semelhante (Gu, 2003).

Nos apartados precedentes, procurei discutir os aspetos negativos associados à utilização do dicionário, pelo que nos seguintes irei referir os benéficos decorrentes da sua utilização, assim como competências que estes ajudam a desenvolver.

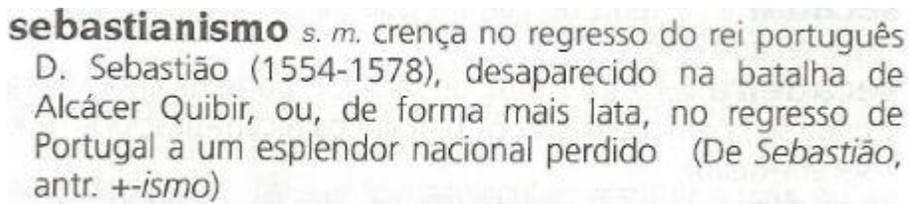
### **1.1.5. Competências Culturais**

*“o dicionário não é só uma obra linguística, mas também um instrumento cultural que inclui informação extra-linguística (enciclopédica, etnográfica, antropológica e ideológica) e transmite e difunde socialmente, confirmadas como norma de uso, palavras com informação sobre o mundo e sobre a cultura da comunidade que fala essa língua.” (Prado Aragonés, 2004 in Vázquez, 2010: 110)*

A cultura e a língua de um país estão intrinsecamente ligadas entre si, pelo que o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira deve não só concentrar-se em aspetos puramente linguísticos mas também em conhecer a cultura da língua alvo. O aparecimento de licenciaturas como a de Línguas e Culturas Orientais, na Universidade do Minho, cujo programa incluiu cadeiras como História do Japão ou Cultura Popular Chinesa revelam que a formação linguística oferecida pelas universidades tem cada vez mais em conta o estudo da cultura alvo, especialmente quando as diferenças culturais entre as culturas de partida e de chegada são tão grandes, como ocorre entre a China, o Japão e Portugal.

Uma vez que os dicionários constituem grandes depósitos de informação cultural, podem dar uma importante contribuição neste aspeto da aprendizagem, uma vez que através da sua consulta os aprendentes não só têm acesso a uma grande quantidade de informação linguística, como também são expostos a informação cultural de uma forma passiva, algo que pode ser uma grande ajuda no processo de descobrimento da cultura alvo. Este tipo de informação cultural pode estar presente no dicionário de diversas formas, nomeadamente incluída nas definições apresentadas, nos exemplos ilustrativos ou em caixas de texto criadas especificamente para transmitir ao utilizador conhecimento sobre certos aspetos culturais.

No primeiro caso, a definição em si pode explicar um termo cultural e dar ao utilizador um conhecimento pouco aprofundado sobre esse tema. Atente-se na seguinte entrada para o termo “sebastianismo” retirada da oitava edição do dicionário da língua portuguesa da Porto Editora de 1999.



**sebastianismo** s. m. crença no regresso do rei português D. Sebastião (1554-1578), desaparecido na batalha de Alcácer Quibir, ou, de forma mais lata, no regresso de Portugal a um esplendor nacional perdido (De *Sebastião*, antr. +-ismo)

*Figura 12*

Para além de fornecer informação histórica, a entrada informa o utilizador da importância cultural deste termo. Este tipo de definição é tradicionalmente encontrada em dicionários monolíngues, uma vez que apenas as edições mais modernas de dicionários

bilingues tendem a incluir definições nas suas entradas. A informação fornecida é limitada pelo formato sintetizado da entrada, sendo necessário dar seguimento à consulta do dicionário com uma pesquisa mais aprofundada, de modo a conseguir ter um entendimento melhor deste termo e entender melhor a sua importância cultural, assim como compreender a maneira como ele se relaciona com a mentalidade portuguesa.

No entanto o dicionário cumpre a importante tarefa de disponibilizar informação cultural a que de outra forma o utilizador poderia não ter acesso, a menos que fizesse um esforço deliberado de a procurar. Esta é uma das principais mais-valias que o dicionário pode trazer para a instrução cultural do aprendente de línguas.

Uma vez que os dicionários bilingues cumprem a tarefa de criar uma ponte entre duas línguas e, conseqüentemente, duas culturas, estes desenvolveram uma maneira especializada de fornecer aos seus utilizadores este tipo de informação cultural, nomeadamente através daquilo que é referido por Podolej e Sobkowiak (2009) como uma “caixa cultural”, em inglês “*culture box*”.

Apresento na seguinte figura um exemplo de uma destas “caixas culturais”, retirado do dicionário Chinês-Inglês/Inglês-Chinês de Oxford.

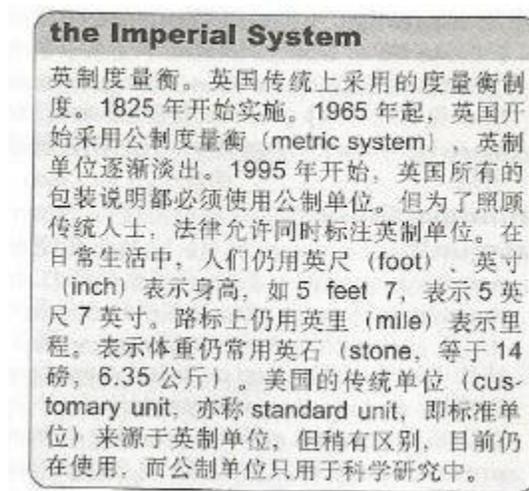


Figura 13

Esta “caixa cultural” explica o sistema imperial de medição de pesos e comprimentos utilizado no Reino Unido, contrastando-o com o sistema utilizado na China. Nela são feitas referências à utilização do termo “*feet*”, em português “pés”, para indicar alturas, assim como o termo “*stone*”, unidade de peso que corresponde a 6.35Kg, utilizada para fazer referência a pesos no Reino Unido. Estas “caixas culturais” não só são auxiliares valiosos para que o utilizador consiga ter acesso a informação que lhe permite aumentar o seu conhecimento da cultura alvo, mas também são uma maneira de incentivar uma consulta mais detalhada do dicionário.

*“Enriching a bilingual dictionary with cultural boxes has several benefits. First, the said feature makes the dictionary more browsable. Those who enjoy browsing through dictionaries for pleasure are likely to find them entertaining and educating. Moreover, cultural boxes are a valuable repair strategy for non-equivalence in vocabulary items which are not easily translatable into the TL.” (Rodger, 2006 in Podolej e Sobkowiak, 2009:40)*

A informação cultural pode também estar presente no dicionário de forma implícita, nomeadamente através dos exemplos presentes nas suas entradas. Um exemplo dado por Wu (2004:154) como citado em (Podolej e Sobkowiak, 2009:41) é a frase “*Trespassers will be prosecuted*”, apresentada como exemplo ilustrativo da utilização do termo inglês “*Trespasser*”. De acordo com Wu, este exemplo pode ser interpretado como uma indicação de que os ocidentais dão muito valor à sua privacidade e propriedade privada, ao associar o termo “*trespasser*”, que se refere a alguém que entra sem autorização em propriedade alheia, ao alvo de uma ação judicial.

A informação cultural está presente tanto nos dicionários monolíngues como bilingues, seja porque as palavras listadas pelo dicionário transmitem elas próprias informações de natureza cultural, seja porque as definições propostas incluem dados sobre a história e as associações culturais por detrás de um termo, ou ainda porque os exemplos usados deixam pequenas pistas sobre a forma como uma palavra é percebida numa determinada cultura.

No início deste capítulo interroguei-me sobre qual seria o dicionário ideal para ser utilizado no processo de ensino-aprendizagem. Através de uma análise das características e do conteúdo quer dos dicionários monolíngues, quer dos bilingues, é possível determinar que cada tipo tem os seus méritos, seja no caso dos primeiros que oferecem definições que ajudam

a criar referências adicionais fundamentais não só para ajudar a memorizar um termo como também para distingui-lo do seu equivalente na língua oposta, seja no caso dos segundos que, usados em conjunção com outras estratégias de aprendizagem, podem ser grandes ajudas no processo de aquisição de vocabulário. É portanto sugerida uma utilização conjunta no processo de aprendizagem, uma vez que ambos os tipos de dicionário têm os seus méritos.

Existe no entanto ainda um terceiro tipo de dicionário cujo objetivo é reunir o melhor que cada um dos anteriores pode ter, oferecendo nas suas entradas equivalentes que são tipicamente fornecidos pelos dicionários bilingues, juntamente com definições que tipicamente apenas podem ser encontradas em dicionários monolingues, sendo este novo tipo de dicionário denominado “dicionário bilingualizado”.

### **1.1.6. Dicionários bilingualizados**

*“In the broadest sense, BLDs are dictionaries which contain on the right-hand side of an entry the corresponding information in both L1 and L2 to explain the entry headword on the left.” (Chen, 2012: 140)*

Os dicionários bilingualizados são um produto híbrido que propõem combinar os atributos dos dicionários monolingues com os dos bilingues num único dicionário. Este tipo de dicionário tem gozado um grande sucesso na China, sendo o tipo de dicionário mais utilizado por aprendentes sinofalantes de inglês língua estrangeira, como foi verificado pelos estudos Yu 1999, Fan 2000, Lang and Li 2003, Chi 2003, Thumb 2004, Shi and Chen 2007, Li 2009, Chen 2007, 2011 (Chen, 2012: 140).

Tendo sido criados devido às preocupações emergentes relativamente à utilização no processo de aprendizagem dos típicos dicionários bilingues que apenas forneciam equivalentes, são o produto resultante de um esforço por parte dos lexicógrafos que pretendiam elaborar dicionários pedagógicos para aprendentes de línguas. Um estudo que investigou a utilização de dicionários bilingualizados afirma que estes são os mais eficazes entre os três tipos de

dicionários, nomeadamente monolíngues, bilingues e bilingualizados (Laufer & Hadar, 1997) como citado por Takahashi (2012).

O sucesso a nível de vendas e em termos de resultados obtidos através da utilização deste novo tipo de dicionário de natureza híbrida demonstra que a diversificação dos recursos utilizados pelos aprendentes no processo de aprendizagem, nomeadamente complementar a informação obtida pela consulta de dicionários monolíngues com o uso adicional de dicionários bilingues, pode ajudar o aprendente de línguas estrangeiras a obter melhores resultados. Neste contexto, torna-se mais pertinente discutir e investigar como incorporar estes recursos num único plano de ensino-aprendizagem do que perguntar qual o melhor recurso que pode ser utilizado.

A utilização do dicionário bilingue associada à disponibilização de contexto textual ajuda a aumentar o número de palavras aprendidas e melhorar os resultados em exercícios de compreensão escrita, de acordo com o estudo de Knight (1994) como citado em (Folse, 2004). Vários outros estudos determinaram que a utilização do dicionário, seja ele monolíngue, bilingue ou bilingualizado, em combinação com outros métodos, ajuda a obter melhores resultados não só na aquisição de vocabulário como também na compreensão escrita. Estes dados ajudam a quebrar o mito de que o dicionário bilingue apenas tem efeitos nocivos, ao mesmo tempo que relembram os aprendentes e os professores de que a utilização de dicionários no processo de aprendizagem pode ser extremamente benéfica, desde que haja uma formação adequada sobre como os utilizar de forma correta, pelo que o próximo capítulo se irá focar nesta questão, fazendo especial referência ao contexto de ensino de língua estrangeira na China, abordando também a instrução (ou a falta dela) sobre como utilizar o dicionário.

# Capítulo III

## 1. Contributos do “dicionário” para o ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras

*“Dictionaries are like watches; the worst is better than none, and the best cannot be expected to be quite true.” Samuel Johnson<sup>46</sup>*

O dicionário é um recurso utilizado pela esmagadora maioria dos aprendentes de línguas estrangeiras e, dependendo da opinião do professor e das regras estabelecidas na sala de aula, pode estar ou não permanentemente acessível ao aluno durante o processo de ensino-aprendizagem. É no entanto preocupante que, embora este recurso seja omnipresente e sejam abundantes as opiniões sobre ele emitidas, existam tão poucos estudos sistemáticos e sérios sobre o assunto.

Até este ponto foi feita, nesta dissertação, uma reflexão sobre as qualidades do dicionário, apresentando a sua história e dissecando as componentes que o caracterizam; também se expuseram algumas preocupações sobre a utilização deste recurso, analisando os seus potenciais benefícios ou malefícios para o processo de aquisição de vocabulário. No entanto, é necessário entender que os benefícios ou os efeitos nocivos resultantes da utilização do dicionário variam imenso, estando dependentes do contexto de uso dos mesmos, algo que é corroborado por Liao (2005: 74) que afirma:

*“For appropriate type of dictionaries to be adopted, it relies heavily on learners’ variables, such as their affective needs, the proficiency levels, or the existing vocabulary knowledge of learners.” (Liao, 2005:74)*

O processo de aprendizagem de uma língua estrangeira não segue uma linha uniforme, na qual a utilização de uma estratégia ou recurso tenha sucesso garantido em todas as ocasiões, muito pelo contrário. O processo de aprendizagem divide-se em diversas etapas, cada uma das

---

<sup>46</sup> Samuel Johnson foi um escritor Inglês que se tornou uma das figuras mais famosas da literatura Inglesa no séc. XVIII, e também o autor de A Dictionary of the English Language, publicado em 1755. Citação retirada do website: <http://www.samueljohnson.com/dictiona.html#535>

quais com características distintas que exigem abordagens diferentes tanto por parte do aprendente como pela parte daquele que ensina.

Um aluno que esteja na fase inicial de aprendizagem de uma língua, durante a qual se debate para aprender as estruturas gramaticais mais básicas e memorizar o vocabulário inicial que apenas lhe permite participar em situações comunicacionais elementares, não terá a capacidade de tirar proveito de um dicionário monolíngue da língua estrangeira que estuda, uma vez que a informação contida neste tipo de dicionários não é de fácil entendimento, podendo inclusivamente constituir um obstáculo acrescido para o aluno.

Da mesma forma, um aluno numa fase de aprendizagem avançada, muito poucos benefícios retirará de um simples exercício de repetição orientado por um professor. Esta tarefa não só não tirará partido das capacidades linguísticas entretanto desenvolvidas pelo aprendente, como será extremamente ineficaz em termos da relação entre o tempo despendido e conteúdo estudado, sendo igualmente desmotivante e, conseqüentemente, desadequada para fases de aprendizagem mais próximas da autonomia ou da proficiência.

## **1.1. A incorporação do dicionário no processo de ensino-aprendizagem**

No que diz respeito à incorporação do dicionário no processo de ensino-aprendizagem, é necessário considerar múltiplos fatores que possam sustentar a decisão de o incluir ou de interditar a sua utilização.

*“Se, por um lado, a comunidade de ensino de LE alimentou diferentes opiniões quanto ao uso do dicionário no processo de ensino-aprendizagem, por outro lado os aprendizes sempre o adotaram, mesmo que na clandestinidade.” (Rossner, 1985 in Duran, 2008: 200)*

A primeira questão a considerar é a importância do dicionário no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, algo que o torna um recurso omnipresente, ou seja, tanto os aprendentes como os professores devem reconhecer que a determinada altura, durante o estudo de uma língua estrangeira, terão de recorrer a um dicionário. Por muito que os

professores possam proibir a sua utilização dentro da sala de aula ou como auxiliar na realização de outras atividades, e mesmo que um aprendente esteja resoluto a evitar a sua utilização devido a uma crença pessoal, este recurso acabará invariavelmente por ser usado. Esta realidade faz com que a proibição do uso do dicionário no plano de aprendizagem não seja realista, uma vez que negligenciar um recurso tão central à aprendizagem pode ter graves consequências para o aluno, como será discutido adiante.

Não só a utilização do dicionário é algo incontornável, como a esmagadora maioria dos aprendentes irá optar por um dicionário bilingue. Portanto, o primeiro passo para garantir que seja tirado o máximo de proveito da incorporação do dicionário ao processo de ensino-aprendizagem consiste na seleção do próprio dicionário, particularmente dos dicionários bilingues, uma vez que, tal como já foi mencionado, empiricamente se sabe que esta será uma das primeiras compras a serem efetuadas por um aprendente de língua estrangeira. Esta tarefa é relativamente simples já que as grandes editoras, com uma boa reputação no que diz respeito à elaboração de dicionários, serão as primeiras a serem consideradas. Para além disso, quando um aprendente frequenta um curso de línguas, este tem normalmente acesso a uma lista de recomendações que inclui os exemplares que os docentes consideram ser os mais adequados para os estudantes, assim como outros recursos adicionais.

Portanto, no período inicial de aprendizagem, o processo de seleção de um dicionário é relativamente simples, uma vez que mesmo um aprendente que não receba uma educação formal numa determinada língua pode, através de uma rápida pesquisa na internet, fazer a sua escolha com base em críticas e recomendações disponíveis em diversos *websites*, inclusive nos próprios *websites* que vendem dicionários.

A segunda questão que deve ser considerada diz respeito ao método de consulta do dicionário. Este aspeto torna-se particularmente importante nos que diz respeito a dicionário em formato de papel, uma vez que em relação aos dicionários eletrónicos e a outras versões digitais o processo de consulta é relativamente simples, sendo apenas necessário introduzir o termo que se quer procurar (através de um teclado, *touchscreen* ou qualquer outro método de digitação de texto) para o dicionário fornecer automaticamente a entrada correspondente a esse termo.

As versões em papel, pelo contrário, requerem a utilização de um método de consulta muito mais complexo. Nos típicos dicionários ordenados alfabeticamente a tarefa de consulta também é relativamente simples, desde que o utilizador esteja familiarizado com o alfabeto utilizado. No caso de o dicionário estar ordenado de outra forma, ou de ter um método alternativo de consulta, pode ser necessário que o utilizador receba algum treino ou que tenha de ler as instruções de consulta que são fornecidas com o dicionário, embora estas raramente sejam consultadas pelo utilizador (van Sterkenburg, 2003).<sup>47</sup>

De seguida, deverão ser decodificados os termos utilizados pelo dicionário, nomeadamente as abreviaturas que este utiliza para dar informação nas suas entradas. Tipicamente existe uma tabela que lista estas abreviaturas e os seus respetivos significados; no entanto, tal como acontece com as instruções, os utilizadores raramente consultam de forma espontânea estas tabelas, uma vez que, na maior parte dos casos, usam o dicionário para resolver dificuldades imediatas e contentam-se com procurar apenas o termo cujo significado ignoram. Acresce que, infelizmente, a aprendizagem sobre o(s) modo(s) de utilização de um dicionário fica tradicionalmente interrompida neste passo e, em certos casos, como descritos em Liu (2014), os alunos nem sequer recebem orientação sobre quais os dicionários mais apropriados para utilizarem.

As consequências desta falta de instrução e treino podem ser facilmente ilustradas criando uma analogia com a condução de um veículo: imaginemos que uma pessoa compra um carro, o qual escolhe mediante as recomendações de conhecidos ou devido à confiança que lhe inspira a marca. Após receber o automóvel, é instruído apenas sobre as funcionalidades básicas do carro por alguém com experiência prévia de condução ou através da leitura do manual do automóvel. Esta pessoa aprenderia como ligar e desligar o automóvel, como acelerar, como utilizar os travões ou outras funcionalidades básicas. Após esta introdução às funções mecânicas do carro, o utilizador partiria sozinho para a estrada, sem qualquer noção do código de estrada ou do significado dos sinais de trânsito, tendo de confiar unicamente nos seus

---

<sup>47</sup> No caso de alguns dicionários de caracteres chineses, o utilizador pode consultar o caractere pretendido através da sua fonética, utilizando o sistema de romanização *PinYin* pelo qual estão ordenados os caracteres, e/ou caso este desconheça a leitura de um carácter pode também procurá-lo através de um dos múltiplos radicais que o compõem, devendo primeiro aceder a um índice de radicais que se localiza geralmente no início do dicionário que por sua vez redirecionará o utilizador a outro índice com todos os caracteres incluídos no dicionário que contêm esse radical, onde está indicada a página na qual o utilizador pode encontrar mais informação sobre o caractere que procura.

instintos e experiência adquirida para conduzir. O resultado deste cenário seria um inevitável número elevado de acidentes em que esta pessoa se veria envolvida, o que é exatamente o que ocorre no caso da utilização do dicionário por parte de aprendentes que não recebam uma instrução e treino adequados. A probabilidade é que o utilizador cometa uma quantidade enorme de erros até conseguir utilizar o dicionário de forma correta e produtiva.

É precisamente devido à interrupção precoce do processo de instrução sobre a forma como o dicionário deve ser usado que se desenvolve um dos maiores equívocos acerca do papel do dicionário na aprendizagem de línguas. Nomeadamente, a percepção de que a utilização do dicionário tem efeitos adversos no processo de aprendizagem. Este problema surge devido à utilização incorreta deste recurso que resulta da adoção de uma metodologia incorreta por parte do aprendente.

Devido à falta de instrução, o aprendente tem de utilizar o dicionário sozinho, não tendo qualquer tipo de assistência no que diz respeito ao processo de filtragem e seleção da informação que lhe é fornecida. Mediante a apresentação de múltiplos equivalentes numa entrada, o aprendente deve optar por um. Um utilizador pouco experiente cai facilmente no erro de utilizar a “*kidrule*”, estratégia referida anteriormente e, conseqüentemente, o resultado da sua consulta revelar-se-á manifestamente insuficiente, como também já foi demonstrado.

Liao (2005) comenta o processo de seleção de informação disponibilizada pelo dicionário da seguinte forma:

*“This step is most influential because the success in selecting a proper sense concerns the effectiveness of dictionary use, and unfortunately, learners of whatever proficiency levels lack the strategy” (Liao, 2005:67)*

À medida que o aprendente evolui no estudo de uma língua estrangeira, vai adquirindo mais experiência no que diz respeito à utilização do dicionário, uma vez que o consultará múltiplas vezes durante este longo processo. Alunos cuja habilidade de utilização de dicionários é considerada mais desenvolvida conseguem retirar pistas sobre a utilização correta de uma palavra através dos exemplos incluídos na entrada (Elola et al, 2008).

É por isso necessário que quer os lexicógrafos quer os professores de línguas estrangeiras façam diligências para instruir o aprendente no que diz respeito ao processo de utilização do dicionário, de modo a que este possa tirar o devido proveito deste recurso e não ser afetado pelos efeitos nocivos resultantes do seu uso deficiente.

## **2. A Realidade dos Sinofalantes**

A presente dissertação tem como um dos seus principais objetivos ajudar a entender o papel do dicionário no processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras por sinofalantes. Para a consecução deste objetivo, afigura-se necessário traçar o perfil dos aprendentes sinofalantes, uma vez que a compreensão das suas particularidades ajudará a melhor definir estratégias dirigidas especificamente a este grupo.

Duas das características que gostaria de realçar foram apontadas por Hugo Deus Monteiro (2014) na sua dissertação de mestrado, elaborada tendo igualmente em conta o contexto específico dos sinofalantes a estudar português.

*“Os alunos chineses, em particular, são bastante suscetíveis a este tipo de ansiedade. Um estudo recente medindo os níveis de ansiedade de alunos chineses demonstrou níveis relativamente altos quanto à oralidade na língua estrangeira.” (He, 2011 in Monteiro, 2014:16)*

A afirmação reproduzida acima refere-se concretamente à ansiedade linguística que é um fator intrinsecamente ligado ao nível de proficiência de um aprendente numa língua estrangeira. Esse tipo de ansiedade pode ser ampliado pela perceção prévia que o estudante tem da dificuldade de uma dada língua (Zhang, 2000). Existem ainda dois outros fatores adicionais que também influenciam o nível de ansiedade linguística a que um aprendente está sujeito, nomeadamente as diferenças culturais do contexto de aprendizagem em que o aprendente está inserido e as diferenças entre o sistema de escrita da sua língua nativa e da língua que estuda (Zhang, 2000).

Podemos então afirmar que os aprendentes sinofalantes estão sujeitos a um elevado grau de ansiedade linguística no contexto de estudo do Português, uma vez que não só os seus níveis de ansiedade linguística são já bastante elevados quando comparados com outros grupos de aprendentes cujas línguas maternas sejam mais próximas da língua-alvo, como para além disso as diferenças culturais e linguísticas consideráveis entre Portugal e a China agravam esta situação.

Um estudo acerca de aprendentes japoneses de Inglês como língua estrangeira realizado por Yonally e Gilfert (1995) como citado em (Jian et al., 2009), determinou que a facilidade de consulta dos dicionários eletrónicos reduzia os níveis de *stress* e ansiedade destes aprendentes. A popularidade deste tipo de dicionários nos países do sudeste asiático também foi associada ao facto do nível médio de proficiência em línguas estrangeiras (ocidentais) ser consideravelmente baixo nesta região do mundo. Quando comparados os resultados do exame TOEFL (*Test of English as a Foreign Language*), a média dos resultados dos estudantes provenientes desta região é substancialmente mais baixa do que a média europeia (Jian et al., 2009).

O baixo nível de proficiência linguística dos aprendentes sinofalantes associado aos níveis mais elevados de ansiedade linguística a que estão sujeitos são dois fatores que contribuem para que estes estejam mais sujeitos a criar dependência do dicionário, particularmente das versões eletrónicas cujo processo de consulta é mais rápido, algo que está associado à redução dos níveis de ansiedade. Tendo em conta os fatores listados, a utilização do dicionário eletrónico por parte dos alunos sinofalantes, especialmente no contexto de estudo da língua portuguesa em Portugal ou com um professor português, serve como meio de reduzir a ansiedade linguística a que estão sujeitos.

*“A aprendizagem dos alunos chineses apoia-se principalmente num tipo de estudo mecânico com base na repetição e na memorização.” (Ballard, 1991 in Monteiro, 2014: 14)*

A citação apresentada acima, citada por Hugo Deus Monteiro, faz referência aos hábitos de estudo dos sinofalantes, dando estes ênfase à memorização e à repetição.

Na China continental, os alunos universitários que estudam inglês língua estrangeira frequentam aulas denominadas 精读 *Jīngdú* (“*intensive reading*” ou, em português, “leitura intensiva”). Estas aulas, que dão ênfase à leitura, constituem o núcleo duro do processo de ensino de inglês língua estrangeira na China, nos últimos 50 anos (Wang & He, 2006), sendo a principal fonte de *input*<sup>48</sup> de Inglês para os alunos universitários (Gu, 1994).

Na dissertação de Zheng Shanpei (2010) acerca do ensino da língua portuguesa na China é também realçada a importância desta disciplina no contexto específico do ensino de português. A autora afirma o seguinte:

*“Aula de leitura intensiva, ou seja, aula de língua portuguesa, constitui o núcleo das disciplinas do curso de licenciatura em língua portuguesa.” (Zheng, 2010:49)*

Portanto, é seguro afirmar que no contexto de ensino de línguas na China, o principal meio de contacto dos alunos chineses com a língua-alvo é feito através da leitura. Uma vez que a atividade de leitura numa língua estrangeira deve ser apoiada pelo uso do dicionário, a sua correta utilização torna-se ainda mais importante para que o processo de aprendizagem possa ter sucesso.

No que diz respeito à utilização do dicionário, Liu lista os seguintes problemas, referindo-se especificamente ao contexto de aprendentes chineses de língua estrangeira.

*“The lack of training and instruction resulted in a series of problems. Firstly, when buying dictionaries, faced with different kinds of dictionaries from different publishers, students do not know which one to choose. Secondly, though students have mastered some basic skills of consulting dictionaries, they are still confused about how to take advantage of dictionary use strategies for English learning. The problems are manifested as follows: 1) Students rely too much on mobile phone dictionaries or pocket e-dictionaries. 2) Students know little about high-quality pedagogical dictionaries, let alone monolingual dictionaries. 3) When looking up a word in a dictionary, students only read the first or the first few meanings, without paying attention to other meanings, illustrative sentences, or collocations. 4) After buying a dictionary, students rarely read the preface, guide to using the dictionary, style explanation, appendices and other required readings, thus resulting in the misuse of*

---

<sup>48</sup> O termo *input* refere-se à exposição do aprendente à língua que estuda. O *input* de línguas pode ser realizado de várias maneiras, todas elas tendo como base atividades passivas, como por exemplo a leitura e audição de textos.

*dictionary. Consequently, it is often the case that in reading, students do not know when to consult dictionaries or even though they have consulted the dictionary, they only apply the meanings mechanically; in translation, students often mistranslate words and phrases; in writing, they rely too much on sentence to sentence translation, with Chinglish emerging endlessly“ (Liu, 2014:1)*

O “*Chinglish*” ao qual Liu se refere é o resultado da utilização da “*kidrule*” por parte dos sinofalantes como estratégia de tradução. A crença generalizada de que os aprendentes de Inglês na China têm um fraco nível de língua deu origem a este termo, usado pejorativamente para referir o inglês artificialmente criado através de uma tradução direta do chinês. Existem termos semelhantes utilizados em outros territórios com uma grande presença de sinofalantes, nomeadamente em Singapura, onde se pode encontrar o “*Singlish*”.

Um estudo realizado em Macau por Grosso e Moutinho (2012), cujos participantes eram aprendentes de português na Universidade de Macau, ajuda a entender um pouco melhor os hábitos dos aprendentes chineses. Neste estudo é afirmado que os aprendentes chineses “indicam alguma preferência maior pela autonomia e pela abordagem socio-interacional de ensino/aprendizagem de línguas”(Grosso e Moutinho, 2012)<sup>49</sup>.

Esta preferência pela autonomia é um fator importante a ter em conta, uma vez que os alunos irão desenvolver estratégias de estudo que serão utilizadas de uma forma não supervisionada, o que pode levar ao surgimento de problemas cuja origem será difícil de identificar, uma vez que ocorrem num contexto autónomo. Num artigo acerca do uso de recursos eletrónicos no ensino de PLE na China, que também aborda a questão do uso de dicionários eletrónicos (Zhang, 2012) afirma-se que “*seria uma boa opção orientar os nossos alunos a fazer uso eficaz dos materiais disponíveis para uma aprendizagem autónoma.*” (Zhang, 2012)<sup>50</sup>

No mesmo artigo, quando se refere especificamente à utilização do dicionário eletrónico por parte dos seus alunos, o/a autor/a refere o seguinte:

---

<sup>49</sup> Citação retirada do artigo intitulado “Mudança de atitude dos aprendentes chineses em relação à aprendizagem do português” disponível *online* em:

[http://www.siple.org.br/index.php?option=com\\_content&view=category&layout=blog&id=65&Itemid=111](http://www.siple.org.br/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=65&Itemid=111)

<sup>50</sup> Citação retirada do artigo intitulado “Uso de Recursos Eletrónicos no Ensino de PLE” disponível *online* em:

[http://www.siple.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=274:uso-de-recursos-eletronicos-no-ensino-de-ple&catid=65:edicao-5&Itemid=111](http://www.siple.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=274:uso-de-recursos-eletronicos-no-ensino-de-ple&catid=65:edicao-5&Itemid=111)

*“Dados da minha observação pessoal, permitem-me afirmar que a excessiva facilidade de consulta poderá ser perniciosa, uma vez que os aprendentes perdem a independência. Pouco a pouco, ficam dependentes dos dicionários eletrônicos e não se esforçam para memorizar as palavras novas, um trabalho essencial para um aprendente de um outro sistema linguístico completamente diferente, especialmente no período inicial de aprendizagem” (Zhang, 2014)<sup>51</sup>*

Podemos observar que neste contexto os sinofalantes aprendentes de PLE estavam suscetíveis a criar dependência ao dicionário numa fase inicial da aprendizagem, algo que deverá ser considerado no que diz respeito ao desenvolvimento de estratégias a pôr em prática para a sua utilização.

## **2.1. Uma comparação das estratégias utilizadas por dois aprendentes com diferentes resultados**

Gu (1994) publicou um estudo no qual apresentou as suas observações sobre as estratégias que dois aprendentes sinofalantes de Inglês língua estrangeira utilizavam para realizar atividades de leitura de texto, bem assim como para aprender vocabulário durante e após essas atividades, recorrendo a um dicionário. Embora ambos os aprendentes tivessem um historial académico semelhante, uma vez que ambos estudavam Inglês há 6 anos, um dos aprendentes foi classificado como um “bom” aprendente, com ótimos resultados académicos nessa disciplina, enquanto o segundo foi considerado “fraco” para efeitos do estudo. As suas observações demonstraram que a diferença entre estes dois aprendentes a nível de proficiência era consequência dos métodos que estes utilizavam.

O aprendente “bom”, identificado como tendo 21 anos e sendo do sexo masculino, abordou a tarefa da seguinte maneira: ao todo, leu a passagem de texto fornecida três vezes. Em primeiro lugar, fez uma leitura global e sem interrupções do texto, apenas tentando adivinhar o significado das palavras desconhecidas, que sublinhava para procurar

---

<sup>51</sup> Citação retirada do artigo intitulado “Uso de Recursos Eletrônicos no Ensino de PLE” disponível *online* em: [http://www.siple.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=274:uso-de-recursos-eletronicos-no-ensino-de-ple&catid=65:edicao-5&Itemid=111](http://www.siple.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=274:uso-de-recursos-eletronicos-no-ensino-de-ple&catid=65:edicao-5&Itemid=111)

posteriormente, de modo a ficar com uma ideia geral do assunto versado pelo texto. Durante a segunda leitura, concentrou-se em identificar as palavras que tinha sublinhado e outros termos desconhecidos, procurando-os no dicionário. O aprendente também fez questão de procurar no dicionário exemplos e outros sentidos para certas palavras que considerava importantes ou interessantes, chegando ao ponto de procurar na mesma página do dicionário outras palavras semelhantes ou até outros termos que não estavam relacionados com o texto, mas que pudessem ser confundidos com a palavra originalmente procurada. O aprendente tirou imensas notas sobre a utilização destes termos, inclusive exemplos ilustrativos, adicionando notas marginais no texto para o ajudar a completar a terceira e última leitura; ao mesmo tempo escrevia notas num caderno à parte. Por fim, fez uma terceira e última leitura do texto, que foi apenas interrompida quando detetava uma palavra ou frase que julgava necessitar de atenção especial.

Após esta atividade de leitura, o aluno demonstrou a forma como reforçava a aprendizagem dos termos que tinha identificado como sendo desconhecidos. Este dava ênfase às notas que tinha tomado no seu caderno. Após olhar para as suas notas, procurava recordar o termo original em Inglês e, de seguida, tentava reconstruir todo o processo que tinha utilizado para conseguir compreender o significado desse termo, tanto o significado contextual da passagem, como outros significados que tinha encontrado no dicionário, fazendo referência a sinónimos e exemplos que continham esse termo. Cumulativamente, elaborava ele próprio frases que continham termos sobre os quais tinha demonstrado particular interesse. Após este processo, revia a sua lista de vocabulário duas vezes de uma forma rápida.

O aprendente “fraco”, identificado como sendo do sexo feminino e tendo 22 anos, apenas fez uma leitura do texto, efetuando múltiplas interrupções para consultar o significado de termos desconhecidos no dicionário. Para além disso, o aprendente não demonstrou ter utilizado qualquer estratégia que levasse em conta o contexto de utilização das palavras, apenas consultando o dicionário. A sua utilização do dicionário revelou ser bastante problemática, uma vez que embora a estudante não tivesse qualquer problema em encontrar o termo que procurava, tinha graves dificuldades em identificar o sentido apropriado do termo procurado, especialmente se a entrada do dicionário incluísse múltiplos sentidos. As únicas

notas que tomava eram marginais ao texto, anotando o “significado geral dos termos”, ou seja, equivalentes em chinês que nem sempre eram os mais adequados ao contexto específico.

Depois de encontrar todos os termos desconhecidos de uma frase, a estudante tentava compreender o seu significado ao juntar todos os equivalentes em chinês de acordo com a ordem original da frase em Inglês. Quando esta estratégia não resultava, algo que se verificou na maioria dos casos, procurava aplicar as regras da sintaxe chinesa de modo a reconstruir a frase com os termos em chinês, adicionando ou retirando palavras conforme achasse necessário. A aprendente, após completar este processo, sentia que tinha compreendido as frases “traduzidas”, embora não as conseguisse interligar entre si de forma a que o texto resultante fosse coerente.

A observação do método de reforço de aprendizagem de vocabulário revelou que a aprendente se limitava a apontar as palavras desconhecidas, elaborar uma lista de palavras e os seus respetivos equivalente e repetir mecanicamente esta lista até sentir que tinha memorizado os termos. Por fim, a aluna ocultava os termos em inglês com um pedaço de papel e tentava recordar esses termos, repetindo o mesmo processo tapando os termos em chinês. Gu afirma que esta aprendente se guiava pela seguinte diretriz:

*“Each word has a definite meaning which comes either from the word list at the end of each unit in a textbook or from the dictionary, and that things seem so fluid and arbitrary to her beyond the word level that she has to manipulate word orders in order to make the resulting sentence a more meaningful one. In effect, it is no overstatement to say that Learner 2 was imposing meaning onto text rather than extracting meaning out of text.” (Gu, 1994: 11)*

Podemos observar que existe uma diferença enorme entre a metodologia adotada por cada um dos estudantes. O aluno considerado “bom” utilizou o dicionário como um complemento à aprendizagem, conseguindo retirar dele vasta informação e, para além disso, complementando o seu processo de aprendizagem de vocabulário através da exploração de outros termos do dicionário. Contrariamente, a aprendente avaliada como “fraca” desenvolveu uma estratégia de consulta do dicionário que não só prejudicava o processo de leitura e de compreensão global do texto, como a impedia de apreender o sistema da língua estrangeira,

visto que, influenciada pelo hábito de recorrer ao método das listas de palavras, a estudante apenas foi capaz de procurar equivalentes diretos entre o inglês e o chinês.

É possível verificar, através da análise deste caso, que o uso do dicionário pode ter efeitos positivos ou negativos para o aprendente sinofalante de línguas estrangeiras, dependendo o resultado da metodologia usada. A situação é resumida por Gu da seguinte forma:

*“The dictionary was used by the good learner as an aid to comprehension and a source to learn from. When a word was being looked up, one could see him negotiating between dictionary explanations and contextual meaning. His purpose was to find an appropriate dictionary meaning and fit it into the context. The poor learner, on the other hand, took the dictionary as a collection of nearly absolute lexical meanings and tried to find a 'general meaning' under a dictionary entry and impose it onto the text. And a dictionary to her served only this purpose and nothing more” (Gu 1994: 14)*



# Capítulo IV

## 1. Sugestões para a utilização do dicionário no ensino-aprendizagem de LE

Estudos realizados tendo como foco o contexto da China demonstram a falta de preparação professores para darem formação aos seus alunos sobre a(s) forma(s) de tirarem partido do dicionário:

*“Na pesquisa de Chi (2002), na China [Hong Kong], os professores alegam que não sabem o que e como ensinar sobre o uso de dicionários, pois não receberam nenhuma instrução dessa natureza em seus cursos de formação. Além disso, também dizem que seus programas de ensino de LE já têm todo o tempo comprometido com outras atividades e não haveria espaço para contemplar um novo tópico.” (Duran, 2008: 204)*

A investigação desenvolvida no âmbito desta dissertação baseia-se numa crença pessoal que mantive desde o início do meu percurso académico universitário: a de que o dicionário é um recurso imprescindível e com múltiplas potencialidades, acessível a todos os aprendentes de línguas estrangeiras, mas que raramente é suficientemente valorizado. Os objetivos traçados para este trabalho tiveram em conta a minha experiência pessoal, visto que desde sempre tive muito gosto em folhear o dicionário e desfrutar da sua consulta que me permitia descobrir uma palavra nova, ou relembrar um termo que não ficara bem consolidado. À medida que os desafios linguísticos que enfrentava se iam tornando mais exigentes, sentia que o dicionário que utilizava se tornava menos adequado para realizar esta tarefa e tinha de recorrer a outros métodos para resolver os problemas com que me deparava, utilizando a internet e outros dicionários, entre vários outros recursos. Por muito que a minha metodologia de aprendizagem evoluísse, o dicionário ocupou sempre um papel importante neste processo. Quer fosse através de uma simples consulta, quer da sua exploração por lazer, ou mesmo por me deparar com traduções erradas que encontrava aquando da sua utilização, o dicionário sempre ocupou uma posição de relevo no meu dia-a-dia.

Com o passar do tempo, a sua incorporação na minha rotina de estudo já era tão banal que não me suscitava grande reflexão. A questão voltou a adquirir relevância quando tive de eleger um tema para abordar na minha dissertação. Ao refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira, área pela qual tenho bastante interesse, acabei por me deparar novamente com a questão do uso do dicionário, refletindo sobre o seu papel na aprendizagem de Chinês e de outras línguas estrangeiras que estudei. Cheguei então à conclusão de que, apesar da sua centralidade no processo de ensino-aprendizagem, raramente os professores se lhe referiam a não ser quando davam indicações bibliográficas, no início do ano letivo, ou quando o assunto surgia de forma aleatória.

A verdade é que o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira é um processo que consome uma quantidade considerável de tempo e, geralmente, os planos dos cursos ficam sobrecarregados com conteúdos, atividades e exercícios considerados essenciais, não sendo possível dar atenção por igual a todas as questões com interesse.

Tendo em conta esta realidade, foi meu propósito desenvolver uma argumentação consistente a favor da incorporação do uso do dicionário no processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras.

Neste último capítulo, procurarei 1) fazer uma síntese das razões que comprovam a importância do dicionário como recurso de suporte ao ensino-aprendizagem de línguas e 2) fornecer algumas sugestões, baseadas quer na experiência pessoal quer na leitura crítica da bibliografia, para a inclusão sistemática do dicionário no contexto de sala de aula, nomeadamente tendo em conta o público sinofalante que estuda PLE.

## 1.1. Uma nova realidade – os sucessores do dicionário em papel

*“Na China, o primeiro dicionário Português-Chinês foi publicado em 1994 e, sete anos mais tarde, publicou-se o segundo, Dicionário Português-Chinês, de capa vermelha e com mais palavras incluídas. Os alunos costumavam designá-lo de “grande tijolo vermelho”, porque, embora pesasse muito, era indispensável na aprendizagem e tinham de carregá-lo para todos os lugares. Era verdadeiramente um grande exercício físico.” (Zhang, 2012:43)<sup>52</sup>*

A citação supra permite ter a noção do desafio enfrentado pelos aprendentes chineses de Português, para os quais o uso dos tradicionais dicionários em papel representava um verdadeiro desafio físico. Hoje em dia, o surgimento de dicionários eletrônicos permitiu não só que os aprendentes não tenham de carregar consigo exemplares impressos, mas abriu também um leque de novas possibilidades que anteriormente não existiam.

Uma das vantagens dos dicionários eletrônicos é o seu processo de consulta ser muito mais fácil e rápido quando comparado com um dicionário em papel. Este simples fator pode ser a sua maior virtude, mas ao mesmo tempo pode também provar ser um grande perigo para os aprendentes que o utilizam. Como já foi mencionado previamente, Zhang (2012) considera que os aprendentes podem utilizar o dicionário de uma maneira perniciosa, recorrendo a este em vez de se esforçarem por memorizar o vocabulário que lhes permita comunicar nas mais diversas situações. No entanto, a mesma característica que permite que os aprendentes sucumbam à preguiça, uma vez que podem recorrer ao dicionário eletrónico de forma rápida em vez de recorrerem à sua memória, pode também ser o seu ponto mais forte, ajudando os estudantes a ultrapassarem outro tipo de barreiras linguísticas, tal como é possível observar na situação que a seguir se descreve.

Durante um diálogo, é bastante comum um aprendente de língua estrangeira ver-se “encurralado” pelo seu próprio discurso, uma vez que a sua falta de vocabulário levanta algumas barreiras que dificilmente são ultrapassadas. Quando um aprendente se vê numa situação em que “lhe falta uma palavra”, a consulta do dicionário de papel para obter essa palavra é uma solução pouco prática. A menos que esse diálogo aconteça dentro duma sala de

---

<sup>52</sup> Citação retirada do artigo intitulado “Uso de Recursos Eletrónicos no Ensino de PLE” disponível *online* em: [http://www.siple.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=274:uso-de-recursos-eletronicos-no-ensino-de-ple&catid=65:edicao-5&Itemid=111](http://www.siple.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=274:uso-de-recursos-eletronicos-no-ensino-de-ple&catid=65:edicao-5&Itemid=111)

aula ou numa situação em que o dicionário possa ser prontamente utilizado, só o tempo que é necessário para aceder ao dicionário já apresenta uma interrupção considerável no discurso, a que é ainda necessário acrescentar o tempo usado para o consultar. Todo o processo é demasiado moroso para ser realmente praticável em situações reais.

Pelo contrário, um dicionário eletrónico, que pode ser facilmente guardado num bolso ou até mesmo instalado no telemóvel, encurta consideravelmente o processo não constituindo um grande obstáculo ao normal fluir da conversação. É óbvio que se o dicionário for consultado de uma maneira excessiva não só se perde a pretendida fluidez no diálogo, como também o aprendente pode criar dependência e não conseguir desenvolver capacidades como a paráfrase que podem ser utilizadas para resolver problemas de falta de vocabulário. No entanto, torna-se claro que a sua incorporação como auxiliar de diálogo, com moderação, pode ajudar muito o aprendente a comunicar, mesmo quando este não tem acesso a um vocabulário extenso.

O estudo de línguas estrangeiras também foi alterado pela introdução de recursos mais práticos. No artigo “*Will mobile learning change language learning?*”, da autoria de Agnes (2009), o autor reflete sobre as novas possibilidades da incorporação de recursos móveis no processo de aprendizagem e demonstra novas maneiras de estes recursos serem integrados em atividades e exercícios.

O conceito de mobilidade implica também uma maior acessibilidade aos recursos por parte do aluno. Se durante uma viagem de autocarro, o simples ato de retirar o dicionário de papel de uma mala ou mochila e de o consultar pode ser uma tarefa inconveniente que leva o aprendente a optar por não o fazer, o dicionário eletrónico, de fácil acesso e consulta, não levanta estas preocupações, possibilitando ao aluno mais uma exposição ao vocabulário da língua-alvo, o que, como já foi referido anteriormente, é um fator importante para a aprendizagem e retenção de vocabulário.

Ao mesmo tempo, os dicionários eletrónicos, ao contrário do anteriormente citado “tijolo vermelho”, são muito mais facilmente transportáveis, não colocando questões de peso. A mobilidade e a portabilidade deste tipo de dicionários permitem que os alunos os possam usar em praticamente todos os espaços e mesmo quando dispõem de pouco tempo, aumentando do mesmo passo as probabilidades de contacto do aprendente com o recurso. Este

aspecto é importante porque altera a percepção de que o estudo de línguas tem de se limitar a longas sessões de memorização de vocabulário, uma vez que o aprendente pode planejar o seu estudo de vocabulário dividindo-o em vários segmentos ao longo do dia, aumentando o número de exposições ao vocabulário e ao mesmo tempo as probabilidades de reter esse vocabulário. Esta mudança de paradigma deve ser tida em conta quando consideramos os hábitos de utilização do dicionário, que evoluiu a partir de um “tijolo” que é deixado em casa por ser demasiado inconveniente de transportar e cuja consulta representa uma tarefa morosa, tornando-se um recurso permanentemente acessível ao aprendente devido ao ser formato portátil e ao seu rápido método de consulta.

*“Understanding students’ self-initiated use of electronic pocket dictionaries can both help improve the usability of pocket dictionaries and improve second language teaching.” (Jian et al., 2009: 504)*

### **1.1.1. A propagação de novos termos e aceções criados por comunidades de não-linguistas**

*“Twitter and other social media offer records of language mutating in real time and space: an immense and novel resource that, while no doubt subject to its own unique quirks, can offer linguists the opportunity to explore how our words and phrases arise from acts of tacit cultural negotiation.” Philip Ball<sup>53</sup>*

A popularização das redes sociais que conseguem fornecer dados concretos sobre o local de origem de um novo termo bem assim como sobre a forma como o mesmo se propaga, ajuda-nos a entender como um termo utilizado numa subcultura pode ser inserido no vocabulário comum de uma comunidade linguística maior. No mesmo artigo de onde foi retirada a citação acima, o autor nota que a expressão “bro”, que hoje em dia é um termo disseminado pela esfera de falantes de inglês, teve origem no sudeste dos Estados Unidos e a partir daí propagou-se para mais regiões. Como já foi dito, este tipo de expressões e outro tipo

---

<sup>53</sup> Citação retirado do artigo escrito por Philip Ball disponível no *site* da BBC intitulado *Language lessons told through Twitter*. <http://www.bbc.com/future/story/20121025-language-lessons-from-twitter>

de neologismo representam um desafio para os aprendentes de língua que têm de utilizar ferramentas como motores de busca para conseguirem encontrar os respetivos significados. No entanto, existe ainda uma outra questão que gostaria de realçar e que está diretamente relacionada com a postura dos participantes no processo de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira.

Na resenha que elaborei sobre a história do dicionário na China, mencionei que os monges budistas chineses se deslocaram para a Índia para conseguirem elaborar novas e melhoradas traduções das sutras budistas. O seu contacto direto com a cultura que estudavam tornou-os aptos para conseguirem entender e traduzir melhor a mensagem que tentavam propagar. Da mesma forma, durante o processo de elaboração de dicionários bilíngues são consultados especialistas em ambas as línguas de modo a garantir a qualidade do conteúdo dos mesmos.

Existe porém um recurso que, a meu ver, não é valorizado e que poderia contribuir em muito para a elaboração de dicionários e outros recursos adequados às necessidades dos aprendentes de línguas estrangeiras: refiro-me concretamente aos alunos de línguas que estudam no estrangeiro.

Várias foram as vezes em que, durante o meu percurso académico, estive em contacto com sinofalantes surgindo frequentemente termos, durante um diálogo, que parecia impossível traduzir ou encontrar um equivalente na outra língua. Após alguma discussão entre os nativos de português e chinês, era alcançado um entendimento que resultava na elaboração de uma paráfrase do termo semelhante àquelas que podem ser encontradas num dicionário monolíngue e que levava a um acordo no que diz respeito a um equivalente parcial que os falantes de ambas as línguas considerassem ser contextualmente correto. Sou de opinião que este tipo de ambiente de exploração e inovação linguística poderia em muito ajudar a complementar o conteúdo de qualquer dicionário, uma vez que é o resultado do contacto direto entre duas culturas.

No entanto, existe um grande obstáculo à inclusão de termos inovadores de calão ou de gírias específicas: tal obstáculo resulta do carácter normativo que o dicionário tem, enquanto instrumento que define e legitima os termos que fazem parte de uma dada língua.

Atente-se na imagem reproduzida abaixo, a qual representa graficamente a curva de adesão a novas ideias:

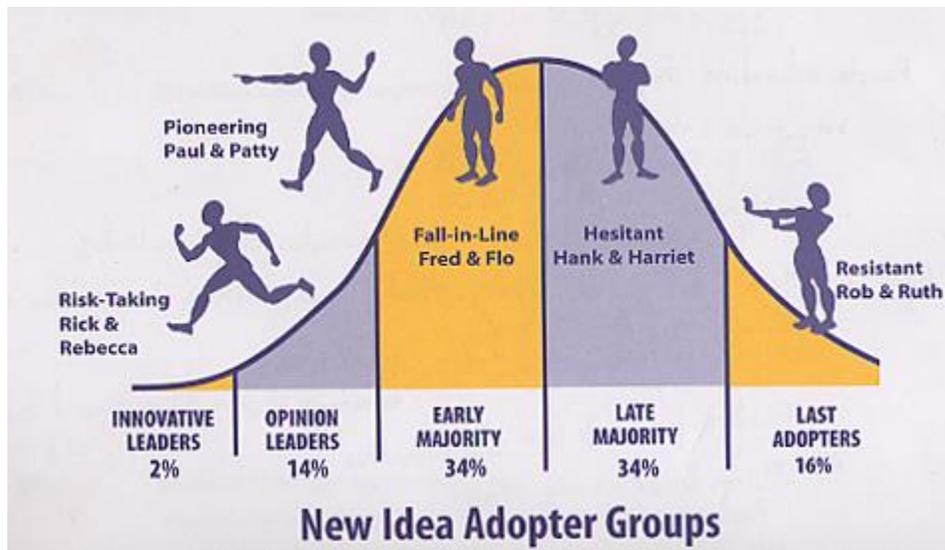


Figura 14 – Modelo de disseminação de novas ideias<sup>54</sup>

Para se proceder a uma transposição do modelo apresentado para o contexto de ensino-aprendizagem de línguas tenha-se em conta o seguinte exemplo ilustrativo.

Durante uma sessão de estudo com os seus colegas portugueses, Wang, um sinofalante, descobre que o termo português “chinoca”, que já ouviu inúmeras vezes, se assemelha muito ao termo chinês 老外 *lǎowài* que é utilizado de maneira semelhante na China para fazer referência a estrangeiros ocidentais. Wang toma o papel de inovador, criando uma nova ligação entre dois termos que não está presente em nenhum dos dicionários ou outros recursos que utiliza. Após discutir a sua ideia com os seus colegas, a sua amiga sinofalante Zhang afeiçoa-se à ideia e escreve no seu *blog* um breve texto que tenta explicar aos seus leitores a relação entre estes dois termos. O seu *blog*, que tem uma quantidade apreciável de seguidores, faz de Zhang uma líder de opiniões. Após lerem o *blog* de Zhang, outros colegas chineses começam a introduzir esta nova ideia no seu diálogo do dia-a-dia através de brincadeiras e de

<sup>54</sup> A figura 14 representa o modelo da “*diffusion of innovations theory*”, que alega que a disseminação de novas ideias e inovações por um grupo de pessoas segue o modelo apresentado

piadas nas quais substituem o termo “chinoca” por *lǎowài*. Podem, por exemplo, dizer que quando foram ao centro da cidade e entraram numa das lojas, um dos funcionários lhes chamou *lǎowài*. Desta forma, a tradução torna-se popular entre a comunidade de estudantes sinofalantes de português, formando a chamada “maioria inicial”. De seguida, o termo continua a ser utilizado pelos restantes membros da comunidade e até mesmo pela colega Liu que apesar de se sentir reticente no início, adota a ideia após aperceber-se de que a mesma tem um fundamento lógico reconhecido pela comunidade a que pertence.

Todo este processo retrata a maneira como uma nova aceção pode ser introduzida e disseminada através de uma comunidade linguística, tendo início num grupo de estudantes, cujo contacto direto com a língua e a interação com os nativos os dotam de uma sensibilidade linguística e cultural apurada que lhes permite criar este tipo de associações entre dois termos já existentes ou até criar novos termos que façam sentido num contexto intercultural.

Um grande entrave a este processo ocorreria se a Liu fosse a primeira pessoa a quem Wang contasse a sua nova ideia e a refutasse de imediato, invocando a informação disponibilizada pelo seu dicionário, sem sequer argumentar sobre o porquê de não concordar com a associação dos dois termos. Neste caso, todo o processo de propagação de uma nova ideia seria interrompido. Uma postura que tome o dicionário como uma “bíblia”, a meu ver, pode ser bastante castradora e pouco permeável à evolução típica e inevitável que ocorre com todas as línguas vivas.

## **1.2. Sugestões para a sala de aula**

*“Se as habilidades de uso melhoram o desempenho dos aprendizes de LE e são passíveis de serem ensinadas, justifica-se a necessidade de que o ensino do uso do dicionário seja conduzido por professores durante os cursos de LE.” (Duran, 2008: 203)*

Como foi já afirmado em capítulos precedentes, um dos principais problemas da relação entre o dicionário e o aprendente de línguas é a falta de instrução e de treino sobre o seu uso. O aprendente desconhece a metodologia que lhe permita utilizar o dicionário de forma proveitosa, o que o leva a recorrer a estratégias como a já mencionada “*kidrule*” que perpetuam a ideia de que o dicionário é uma influência negativa para os aprendentes. Neste ponto irei propor diversas estratégias que podem ser utilizadas de modo a instruir os aprendentes sobre a utilização do dicionário, assim como exercícios que permitem treinar habilidades que podem ser usadas como alternativa à consulta do dicionário.

### **1.2.1. Dar a conhecer a natureza imperfeita dos equivalentes**

O primeiro exercício que sugiro tem como principal objetivo instruir os aprendentes sobre como abordar os equivalentes que podem encontrar ao consultarem um dicionário bilingue, de modo a que estes possam evitar um dos maiores problemas causados por uma utilização indevida do dicionário, a saber, o estabelecimento de uma relação de equivalência direta entre palavras de duas línguas diferentes. Este exercício adequa-se à fase inicial da aprendizagem, uma vez que nesta fase os aprendentes têm menos sensibilidade às *nuances* da língua-alvo e ao mesmo tempo estão menos familiarizados com os dicionários que utilizam.

A tarefa tem como objetivo principal a criação de uma entrada de dicionário por parte dos aprendentes. Numa fase inicial, o professor deve começar por acompanhar os alunos enquanto ele próprio apresenta uma entrada formulada por si, mostrando todo seu processo de elaboração da entrada, desde a escolha do termo a abordar, passando pela pesquisa que deve ser feita e concluindo com a elaboração da própria entrada, de modo a que os alunos consigam repetir esse processo em casa.

Como exemplo ilustrativo de uma estratégia que o professor poderia utilizar, irei descrever uma situação com a qual me deparei durante o meu primeiro ano de aprendizagem de chinês.

Uma vez que tinha desenvolvido interesse pelo cinema asiático, mais especificamente pelos filmes de terror, queria utilizar termos em chinês nos motores de pesquisa de modo a poder descobrir novos filmes chineses. Um dos subgêneros de terror por que tinha particular interesse eram os filmes de *zombies*. Decidi então consultar o meu dicionário para encontrar uma tradução do termo *zombie* para chinês, consulta essa que resultou na descoberta do termo 僵尸 *jiāngshī*, o qual assumi que correspondesse a *zombie*, tal como 火 *huǒ* tem como uma das suas aceções “fogo”. A utilização deste termo nos motores de busca não produziu os resultados que procurava, o que me levou a duvidar do meu dicionário, assumindo que a tradução que me deu estava incorreta. Após uma pesquisa breve sobre o termo que envolveu a utilização da *wikipédia* e o recurso ao motor de busca de imagens chinês Baidu, cheguei à conclusão que o termo se refere a algo bastante diferente daquilo que entendo ser um *zombie*.

Este termo refere-se a uma criatura que, apesar de se encontrar num estado entre a vida e a morte, continua a mover-se e cujo comportamento violento ameaça a sociedade, uma vez que se alimenta de pessoas para conseguir sobreviver. A sua mitologia também envolve um cenário pós-apocalíptico causado pelo aparecimento destas criaturas, tendo esta característica da mitologia sido propagada sobretudo pela trilogia clássica de filmes do realizador George A. Romero, criada entre o final dos anos 60 e 70, assim como pela obra de Richard Matheson “I am Legend”, de 1954, que popularizou estas ideias.

A tradução do termo *zombie* para *Jiangshi* resultou de uma tentativa de criar um paralelismo cultural entre duas criaturas diferentes mas com algumas semelhanças. A mitologia dos *Jiangshi* retrata uma criatura que resulta de um ritual fúnebre falhado, como era o caso de pessoas que eram declaradas mortas na China antiga e cujo funeral era realizado sem ser enterrado o seu cadáver. Ao contrário dos *zombies*, cuja principal característica é a sua aparente imortalidade, os *Jiangshi* possuem uma série de poderes sobrenaturais. Estas criaturas não têm intenções maquiavélicas, uma vez que o seu principal objetivo é trazer paz àquele cujo ritual fúnebre não foi corretamente realizado, o que envolve principalmente devolver o cadáver à sua terra natal. O principal ponto em comum entre estas duas criaturas mitológicas é serem percecionados como criaturas que permanecem no mundo dos vivos enquanto estão no limbo entre a vida e a morte. Como é também possível ver pelas figuras 15 e 16 a sua representação também é bastante diferente.



Figura 15 – Representação de um Jiangshi



Figura 16 – Representação de um Zombie

Após alguma pesquisa adicional que envolveu introduzir o termo *zombie* em vários outros dicionários de Inglês-Chines, deparei-me com uma outra tradução para o termo *zombie*, nomeadamente 喪尸 *Sàngshī*, termo que se refere a “algo que embora já tenha morrido, não está completamente morto”. Este termo é muito mais adequado para ser utilizado como tradução, uma vez que não tem uma mitologia tão diferente associada. Utilizando este termo, consegui encontrar alguns novos filmes cuja temática era aquela que procurava.

A partir do caso relatado, uma sugestão para elaborar uma entrada em contexto de sala de aula poderia ser a seguinte:

*Zombie: 喪尸 Sàngshī, uma criatura que se encontra num estado entre a vida e a morte e que tem o aspeto de um cadáver ambulante, popularmente utilizada como personagem em vários filmes de terror.*

Após a exposição do caso ilustrativo, o professor poderia explicar que embora os dicionários apresentem equivalentes, estes muito raramente são perfeitos. A verdade é que a maioria deles são apenas equivalentes parciais, como no caso do exemplo, onde *Jiangshi*, a primeira tradução apresentada, apenas tem algumas semelhanças com o termo original, *zombie*.

Retomando a questão de como treinar os alunos na elaboração de entradas, sugiro que o professor deve distribuir termos pré-selecionados a cada um dos alunos, os quais devem estar relacionados nos seus interesses pessoais e preferencialmente remeter para algum conteúdo de natureza cultural. São exemplos de termos desafiantes que podem ser propostos aos alunos os seguintes: “rissol” (um tipo de comida que pode ser útil a quem se interesse pela culinária portuguesa e que pode ser facilmente confundido com outro termo que designa um tipo de comida chinesa semelhante), “cunha” (uma palavra com uma grande conotação cultural, que

faz referência a um tipo particular de relações interpessoais), “parolo” (um termo pejorativo utilizado para descrever pessoas como mau gosto), ou “desenrascar” (verbo que tem a si associadas algumas das características consideradas tipicamente portuguesas).

A entrada elaborada pelo aluno teria de obrigatoriamente incluir 1) uma ou mais traduções em chinês, de modo a que este possa entender a dificuldade de encontrar um equivalente adequado; 2) uma definição, de modo a demonstrar que este fez pesquisa sobre o termo; e 3) poderia incluir também um exemplo ilustrativo que incluísse a palavra ou expressão. Cada aluno deverá depois apresentar a sua entrada à turma, exercitando a sua capacidade de produção oral e criando um espaço de educação cultural na aula.

O exercício proposto aborda vários aspetos importantes no que diz respeito à aprendizagem de uma língua. Em primeiro lugar está a sensibilização sobre a natureza dos equivalentes. Após o estudante enfrentar em primeira mão o desafio de encontrar uma tradução para um termo culturalmente marcado, como é o caso de termos culinários, de certos adjetivos ou de termos ligados à mitologia, terá uma postura diferente em relação aos equivalentes fornecidos pelos dicionários que utiliza, não tomando todo o seu conteúdo como certo, especialmente quando estiver a lidar com termos como os que foram referidos. O exercício ajuda também a desenvolver este tipo de sensibilidade, algo que deve ser reforçado pelo professor durante a instrução da atividade e lembrado ao longo das apresentações dos colegas a fim de ajudar o aluno a evitar estabelecer relações de equivalências diretas entre as palavras da sua língua nativa e da língua que estuda.

Ao mesmo tempo, esta atividade ajuda a resolver um problema que Baxter (1980), como citado em Gu (2003), alegava estar associado à utilização do dicionário por parte dos aprendentes, ou seja, a incapacidade de contornar uma palavra através da elaboração de uma definição da mesma na língua de chegada. O exercício exige a elaboração de uma definição na língua de chegada, o que ajuda o aprendente a desenvolver capacidades linguísticas que Baxter considera importantes.

Uma outra vantagem deste exercício está associada à sua abordagem à cultura da língua estudada. O estudo realizado por Grosso e Moutinho (2012) sobre a aprendizagem de Português por alunos chineses que frequentavam a Universidade de Macau revelou um

acrécscimo de estudantes com pouco interesse pelo estudo da língua portuguesa nos níveis iniciais, algo que tinha um impacto direto nos seus resultados. Atividades como esta, com um foco cultural forte, podem motivar os alunos, uma vez que a introdução deste tipo de tarefa no processo de aprendizagem pode contribuir para desenvolver o interesse pela cultura e conseqüentemente pela língua portuguesa.

### **1.2.2. Exercitar a capacidade de paráfrase**

A habilidade de ser capaz de contornar uma palavra desconhecida por meio de uma paráfrase é bastante útil para o aprendente de uma língua estrangeira, uma vez que o seu vocabulário limitado nem sempre lhe permite expressar-se da maneira pretendida. Nos momentos em que o aprendente se depara com o desconhecimento de uma palavra” ou quando não a consegue recordar, ele pode recorrer ao dicionário. No entanto, uma das críticas já levantadas é que os aprendentes sinofalantes de português facilmente desenvolvem dependência em relação ao dicionário, cuja consulta se torna perniciosa para a tarefa de memorização de vocabulário.

O exercício que sugiro de seguida tem o principal objetivo de treinar a habilidade de contornar palavras, de modo a que os aprendentes consigam dar continuação ao seu discurso mesmo quando são incapazes de se lembrar de uma palavra. Deste modo, os aprendentes podem utilizar esta estratégia como alternativa ao uso do dicionário. Tal como Hugo Deus Monteiro (2014) refere na sua dissertação de mestrado, o recurso a atividades lúdicas no contexto de ensino de português a sinofalantes é útil para combater a ansiedade linguística e uma vez que os sinofalantes estão sujeitos a sofrer desta ansiedade, como já foi referido, a inclusão de uma estratégia baseada numa atividade lúdica parece-me ser potencialmente bastante benéfica, uma vez que serve também como um método de diminuir os níveis de ansiedade elevados dos sinofalantes

A atividade que sugiro consiste no seguinte: o professor seleciona um aluno que deve escolher uma entre várias palavras pré selecionadas de uma forma aleatória. Este deve tentar

elaborar uma descrição dessa palavra de modo a que os restantes colegas consigam adivinhar qual é. O estudante que conseguir adivinhar a palavra, deve tomar o lugar do seu colega, escolhendo outra palavra e repetindo o mesmo processo. Cada vez que um aluno for bem sucedido ganha 1 ponto e o jogo acaba quando alguém alcançar um número pré definido de pontos.

Esta atividade ajuda os aprendentes a ganharem independência do dicionário ao dar-lhes acesso a uma nova estratégia que procura substituir a sua consulta. A dificuldade do jogo pode ser ajustada mediante as palavras que são escolhidas sendo também possível estabelecer um limite de tempo, fator que serve para ajustar a dificuldade da tarefa. Uma vez que existem múltiplas variantes suscetíveis a serem alteradas, esta atividade adequa-se a diversos níveis de aprendizagem, desde uma fase inicial em que apenas se utilizaria vocabulário básico e em que seriam permitidas estratégias recorrendo à mímica, até aos níveis intermédio e avançado em que a estratégia poderá ou não ser incentivada, sendo possível regular a dificuldade da tarefa mediante a vontade do professor. Ao mesmo tempo, esta atividade tem também a função de servir como revisão ou treino de vocabulário que tenha sido estudado previamente.

Posso acrescentar que já participei neste tipo de atividade durante aulas de chinês como língua estrangeira e que os participantes se mostraram bastante interessados, pelo que uma vez que também treina a capacidade de paráfrase dos alunos, considero-a uma atividade a ser implementada sistematicamente nas salas de aula dos estudantes sinofalantes de Português, especialmente naquelas onde o uso do dicionário é interdito. É necessário que os professores que tenham este tipo de políticas de ensino em vigor forneçam aos seus estudantes ferramentas alternativas que possam substituir o dicionário.

### **1.2.3. Treinar o recurso ao dicionário no processo de ensino-aprendizagem**

Esta sugestão é baseada em grande parte no trabalho feito na Universidade de 济南 *Jǐnán* por Liu Lin, em 2014. O seu estudo foi motivado pela observação de que os alunos de

Inglês língua estrangeira não cumpriam os objetivos traçados pelo “*Syllabus for College English Majors*” no que diz respeito à utilização adequada de obras de referência, entre as quais dicionários.

Esta observação levou a um estudo que passou por dedicar nove aulas à utilização do dicionário pelos alunos. Esta estratégia teve efeitos extremamente positivos nos resultados obtidos pelos participantes, demonstrando que o dicionário pode ter um papel positivo se adequadamente incorporado no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira a sinofalantes.

A minha sugestão parte de algumas das estratégias utilizadas nas nove aulas lecionadas por Liu, as quais proponho reunir em três aulas apenas. Decidi diminuir a carga horária dedicada a esta tarefa, uma vez que a incorporação de novas estratégias de aprendizagem nem sempre é fácil, pelo que a redução da sua duração pode adequar-se melhor a um contexto de experimentação. A primeira aula seria lecionada num período inicial da aprendizagem e abordaria sobretudo a teoria sobre a utilização do dicionário, assim como tentaria informar os aprendentes sobre os exemplares mais apropriados para estes utilizarem.

Em primeiro lugar, seria feita uma pequena introdução aos três tipos de dicionários disponíveis, nomeadamente os monolingues, os bilingues, os bilingualizados e os eletrónicos.

TABLE 1.  
USING DIFFERENT DICTIONARIES TO SOLVE DIFFERENT PROBLEMS

Types of dictionaries	Functions	Examples
Monolingual dictionary	1. The exact meaning of an unknown word 2. New meanings of a known word 3. Slangs, colloquialism	<i>Macmillan English Dictionary For Advanced Learners of American English</i> (Foreign Language Teaching and Research Press, 2003)
English-Chinese dictionary	Difficult words, rarely used words	<i>A New English-Chinese Dictionary</i> (Shanghai Translation Publishing House, 2003)
Bilingualized dictionary	Learning basic words	<i>Oxford Advanced Learner's English-Chinese Dictionary</i> (The Commercial Press / Oxford University Press, 2004)
Chinese-English dictionary	Chinese-English translation	<i>A Modern Chinese-English Dictionary</i> (Foreign Language Teaching and Research Press, 2001)
pocket e-dictionary / mobile-phone dictionary	1. Follow teacher's teaching 2. After-class fast reading	OZING, Noah, Hanvon

Figura 17<sup>55</sup>

<sup>55</sup> Tabela que indica o tipo de dicionário que deve ser utilizado para determinados tipos de tarefas, como sugerido por Liu (2014)

Esta introdução seria seguida por alguma instrução generalizada sobre o uso do dicionário, nomeadamente que permitisse avisar os alunos sobre a necessidade de evitar estabelecer uma relação de equivalência entre os termos na sua língua de origem e na língua de chegada, fornecendo alguns exemplos ilustrativos que ajudem a entender esta realidade. Esta primeira aula serviria sobretudo para sensibilizar os alunos para o tema, assim como para lhes indicar os dicionários adequados para o curso que frequentam. Ao mencionar alguns dos típicos usos desadequados do dicionário, assim como problemas que possam surgir devido a uma sobredependência da sua utilização, o aluno receberá alguma instrução formal sobre este tópico, que ajudará a combater o surgimento de maus hábitos associados à sua indevida utilização que, como já referi, resultam sobretudo de uma falta de instrução por parte dos aprendentes e não de um problema inerente aos dicionários.

Enquanto a primeira aula se foca mais numa instrução teórica generalizada, as duas aulas seguintes focam-se na prática, através do acompanhamento na elaboração de exercícios que envolvam a utilização do dicionário, de modo a identificar práticas menos corretas por parte dos aprendentes, assim como a instruí-los sobre estratégias que podem utilizar. Estas aulas apenas se adequam a uma fase posterior de aprendizagem, quando o estudante já ganhou alguma prática na utilização do dicionário, servindo também como uma atividade de diagnóstico e de correção da metodologia do aprendente.

A segunda aula focar-se-ia principalmente em dois pontos. a utilização do dicionário durante exercícios de leitura e de audição e a sua utilização para a aquisição de vocabulário. Estas duas tarefas estão emparelhadas devido à sua inter-relação. Os aprendentes tendem a consultar o dicionário durante tarefas de leitura quando confrontados com vocabulário desconhecido. Há no entanto casos de alunos que apenas recorrem ao contexto textual quando se deparam com vocabulário desconhecido, como Liu refere no seu estudo. Existem provas, como já mencionei, de que o uso complementar do dicionário associado à exploração do contexto textual pode produzir resultados superiores aos da utilização isolada de apenas uma destas estratégias.

O principal exercício a ser realizado nesta aula seria uma simulação de consulta do dicionário juntamente com os aprendentes. O professor seleccionaria um texto com certos

termos desconhecidos pelos alunos, o qual iria ler juntamente com eles. Quando se deparasse com um termo desconhecido, seria escolhido um estudante que deveria explicar em voz alta a sua estratégia de consulta, de modo a que o professor pudesse analisar e corrigir possíveis deficiências dessa estratégia. Por exemplo, o professor deveria conferir se o estudante toma atenção a indicações gramaticais, se este lê exemplos fornecidos pelo dicionário, ou se apenas se limita a escolher um dos múltiplos equivalentes fornecidos. Na mesma aula, os alunos devem ser instruídos sobre os benefícios de ter em conta o contexto textual juntamente com o dicionário na aprendizagem de vocabulário, de modo a que possam ter conhecimento de uma estratégia com resultados bastantes positivos que podem incorporar nos seus hábitos de estudo.

A última aula concentrar-se-ia na utilização do dicionário em tarefas ativas, nomeadamente na produção de texto e na tradução. Para este efeito seriam realizados dois exercícios. Tal como na segunda aula, o professor deveria apresentar um excerto de texto previamente selecionado que pretendesse traduzir juntamente com a turma. Quando se deparasse com um termo particularmente difícil, deveria selecionar um estudante para este descrever em voz alta a estratégia que utilizaria, ajudando a detetar possíveis problemas na sua metodologia.

O segundo exercício é retirado diretamente da sétima aula lecionada por Liu. Após fornecer alguns exemplos de traduções feitas por outros estudantes, seria feita uma análise conjunta de problemas que essas traduções tivessem no que diz respeito à escolha de palavras. Juntamente com os estudantes, o professor, auxiliado pelo dicionário e por outros recursos, demonstraria aos estudantes o modo como se deve corrigir este tipo de erros, realçando casos de palavras que sejam particularmente difíceis de traduzir ou erros comuns que são cometidos no processo de tradução. Após esta correção, os alunos seriam divididos em grupos aos quais seriam atribuídos excertos de texto que deveriam corrigir utilizando a mesma metodologia apresentada pelo professor. O produto do seu trabalho seria depois apresentado à turma e revisto em conjunto.

Liu afirma que a instrução sobre a utilização do dicionário teve uma grande influência sobre os seus alunos, demonstrando o efeito positivo que o dicionário pode ter quando devidamente incorporado nas estratégias de aprendizagem. O seu trabalho demonstra que o

acompanhamento dos estudantes é um passo fundamental para que estes não desenvolvam hábitos nocivos quando utilizam o dicionário. Esta sugestão tenta retirar os pontos principais da sua estratégia de ensino e oferecer um guia a ser implementado nas salas de aula de modo a que os aprendentes de línguas estrangeiras possam beneficiar deste instrumento que tanto utilizam mas sobre o qual tão pouco conhecem.

# Considerações finais

O estudo de uma língua estrangeira está longe de ser um processo simples ou linear, pelo que se deve refletir sobre o tipo de estratégias utilizadas, tanto pelos aprendentes, como pelos que ensinam, de modo a que estas se adequem aos respetivos contextos. A relatividade que caracteriza o processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira faz com que tal processo seja sinuoso, uma vez que, tanto os aprendentes, que se debatem ao tentar criar uma metodologia de estudo própria, como aqueles que ensinam, que devem tentar criar diretrizes adequadas para os seus alunos, devem procurar encontrar um equilíbrio que lhes permita alcançar um objetivo em comum: uma aprendizagem bem-sucedida.

A presente dissertação teve como principal objetivo refletir sobre o impacto do uso do dicionário no processo de ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras, neste caso concreto dos estudantes sinofalantes que estudam português como língua estrangeira. Para este efeito foi feita, em primeiro lugar, uma revisão bibliográfica de obras no campo da lexicografia, com o objetivo de contextualizar teoricamente a problemática em causa e de recolher o máximo de informação sobre o recurso mais importante do estudo, o dicionário. Através de uma tentativa de elaboração de uma definição para o termo “dicionário”, foi possível verificar que o processo de elaboração de dicionários é extremamente complexo, exigindo que os profissionais que trabalham no campo da lexicografia desenvolvam várias estratégias para enfrentarem os desafios com que se deparam. Algumas das estratégias e desafios expostos refletem problemas semelhantes àqueles com que se deparam os aprendentes de línguas estrangeiras durante o seu processo de aprendizagem, como no caso das traduções e da elaboração de definições.

De seguida, o foco da dissertação incidiu sobre as questões associadas à incorporação do dicionário no contexto de ensino/aprendizagem, numa tentativa inicial de determinar qual o tipo de dicionário mais adequado para esta tarefa. Foram contrastados vários estudos sobre o tema de modo a tentar encontrar uma resposta para esta pergunta, sendo expostas as várias vantagens e desvantagens da utilização de diferentes tipos de dicionários. A solução proposta vai no sentido de um eclectismo que passa por uma utilização seletiva de vários dicionários

diferentes, adequados a tarefas específicas, uma vez que, pelas suas especificidades, cada tipo de dicionário se presta à resolução de problemas particulares e ao desenvolvimento de competências diferenciadas.

Outro dos principais objetivos desta dissertação foi tentar caracterizar o grupo de sinofalantes que aprendem português como língua estrangeira, uma vez que, após compreender as suas particularidades, se poderiam formular sugestões mais adequadas ao seu contexto específico. Uma das principais metodologias utilizadas foi a da consulta crítica de estudos práticos realizados na área, de modo a tentar entender melhor a realidade atual. Tal como decorre dos estudos levados a cabo por Liao (2014), a adoção de práticas de instrução preventiva quanto ao uso de dicionários pode ter resultados significativos sobre os estudantes sinofalantes num contexto de estudo de língua estrangeira, e estas práticas, ao serem incorporadas de forma sistemática e até lúdica, podem ajudar a combater problemas derivados da ansiedade linguística e do desinteresse que parecem afetar este grupo de aprendentes.

Por fim, foram apresentadas algumas sugestões didáticas concretas para permitir tirar o melhor partido do recurso ao dicionário no contexto de uma sala de aula, o que se destaca como o principal contributo deste trabalho.

No término do trabalho realizado, resta-me formular o desejo de que as reflexões e propostas presentes nesta dissertação sirvam para incentivar uma reflexão crítica e informada sobre a temática dos dicionários entre os membros das comunidades de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. Embora tenha consciência de que muito provavelmente continuarão a persistir problemas quanto à incorporação desta ferramenta linguística no contexto de ensino-aprendizagem de português língua estrangeira, espero ainda assim ter contribuído de uma forma positiva para a sensibilização para a sua importância junto da comunidade de ensino da qual faço parte.

Gostaria ainda de realçar que, para a elaboração desta dissertação, procurei fazer uso de outras dissertações escritas por colegas do Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês, uma vez que o trabalho realizado pelos alunos deste mestrado representa neste momento um contributo extremamente significativo para o desenvolvimento da área de estudos de Português - Chinês, tanto na China como em Portugal. Espero assim que no futuro

este contributo por parte dos estudantes da Universidade do Minho possa receber o seu devido reconhecimento, tanto por parte de futuros estudantes, através da sua referência nas dissertações que escreverão, como também pela comunidade linguística de ambos os países.

Não gostaria de terminar sem referir perspectivas de desenvolvimento futuro deste trabalho, uma vez que se me afigura interessante produzir um estudo prático com base na minha experiência de ensino na China cujos resultados, acompanhados de mais pesquisa bibliográfica e empírica e de um reforço na base teórica da presente dissertação, poderão justificar a continuação da investigação deste tema..

# Referências Bibliográficas

## Secção A: Dicionários Consultados

**Dicionário Chinês 汉典**, ZDIC, [em linha], 2004-2015. Consultado a 20/3/2015  
<http://www.zdic.net/c/d/153/339481.htm>

**Dicionário da Língua Portuguesa, 8ª edição.** Porto: Porto Editora, 1999-

**Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]**, Porto: Porto Editora, 2003-2015. Consultado a 13/4/2015. <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/dicionario>

**Dicionário de Chinês - Português Português-Chinês**, Porto: Porto Editora, 2010-

**Dicionário online português MICHAELIS**, , Editora Melhoramentos Ltda., 1998-2009. Consultado a 21/4/2015  
<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=inferir>

**Dicionário Português - Chinês 葡汉辞典, 1ª edição.** 商务印书馆(The Comercial Press), 2001.

**Dicionário Português - Chinês Vermelho 红葡汉词典 – Versão para telemóveis**

**Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha]**, Priberam Informática, S.A., 2008-2013, consultado a 30/4/2015. <http://www.priberam.pt/dlpo/lexicografia>

**Infopédia, Inglês|Português [em linha]**. Porto: Porto Editora, 2003-2015. Consultado a 2015/05/07.  
<http://www.infopedia.pt/dicionarios/ingles-portugues/background>

**Kojien 広辞苑, 4ª edição**, 岩波書店(Editora Iwanami Shoten), 1991.

**Langenscheidt Pocket Dictionary Mandarin Chinese**, Langenscheidt KG, Berlim e Munich, 2011

**Merriam-Webster [em linha]**, Merriam-Webster Incorporated, 2015. Consultado a 10/3/2015  
<http://www.merriam-webster.com/dictionary/deconstruction>

**O Meu Pequeno Dicionário Ilustrado Chinês-Português 汉语图解小词典 葡萄牙语版.** 商务印书馆(The Comercial Press), 2009.

**Oxford Chinese Dictionary, 1<sup>st</sup> edition**, Oxford University Press, 2010.

**Oxford English Dictionary, Third Edition, [em linha]**, Oxford University Press, 2015. Consultado a 27/3/2015 <http://www.oed.com/view/Entry/52325>

**Pleco (Dicionário Chinês – Inglês para telemóveis)**, Pleco Software Incorporated, 2001- 2015.

**Pocket Dictionary Mandarin Chinese**, Berlin e Munich: Langenscheidt, 2011.

## Secção B: Bibliografia Geral

- Atkins B.T.S. (1996).** Bilingual Dictionaries Past, Present and Future. *European Association for Lexicography 1996*
- Atkins, B.T.S. e Rundell M. (2008).** The Oxford Guide to Practical Lexicography. Nova York: Oxford University Press
- Baleghzadeh Sasan e Ashoori Arezoo. (2011).** The Impact of Two Instructional Techniques on EFL Learners' Vocabulary Knowledge : Flash Cards versus Word Lists. *MEXTESOL*. vol. 35
- Basoglu Emrah Baki e Akdemir Ömür. (2010).** A Comparison of Undergraduate Students' English Vocabulary Learning: Using Mobile Phones and Flash Cards. *The Turkish Online Journal of Educational Technology*, vol. 9, 3
- Borba, Francisco da Silva. (2003).** Organização de Dicionários: uma introdução à Lexicografia. São Paulo: Ed. UNESP.
- Brangel, Larissa Moreira. (2013).** Dicionários escolares e ensino de língua portuguesa. *INTERDISCIPLINAR* vol. 19
- Chen, Yuzhen. (2012).** Bilingualized dictionaries with special reference to the Chinese EFL context. *Lexikos* vol. 22
- Chi, Amy. (2003).** An Empirical Study of the Efficacy of Integrating the Teaching of Dictionary Use into a Tertiary English Curriculum in Hong Kong. Hong Kong: Language Center, Hong Kong University of Science and Technology
- Coady, J e Huckin, T. (1996)** Second language vocabulary acquisition: A rationale for pedagogy. *Annual Review of Applied Linguistics*
- Duran, M. (2008).** O ensino do uso do dicionário aos aprendizes de língua estrangeira: Quem se importa? São Paulo: *Revista do GEL* vol. 5, 2
- Ellis, N. C. (1995)** The Psychology of Foreign Language Vocabulary Acquisition: Implications for CALL. *International Journal of Computer Assisted Language Learning (CALL)* vol. 8
- Elola, Idoia et all. (2008).** Dictionary use and vocabulary choices in L2 writing. *Estudios de Linguística Inglesa Aplicada (ELIA)* vol. 8
- Folse, Keith S. (2004).** Myths about Teaching and Learning Second Language Vocabulary: What Recent Research Says. *TESL Reporter* vol. 37, 2
- Gu, Yongqi. (1994).** Vocabulary Learning Strategies of Good and Poor Chinese EFL Learners. Baltimore: *Paper* apresentado na Annual Meeting of the Teachers of English to Speakers of Other Language
- Graves M. F., August D, e Mancilla-Martinez J. (2012).** Teaching Vocabulary to English Language Learners Virginia: *TESOL International Association/Teachers College Press*
- Gu, Yongqi. (2003).** Vocabulary Learning in a Second Language: Person, Task, Context and Strategies. *Tesl-Ej* vol. 7

- Guerra, Ana Fernández. (2012).** Translating culture: problems, strategies and practical realities. *[sic] - Art and Subversion* vol.1
- Hasan, Nadia et. All. (2013).** English Dictionary Ownership and Usage among the Acehnese Students in Malaysian University. *Journal of Education and Practice* vol.4, 4
- Hui, Du. (2004).** Reflections on vocabulary size of Chinese university students. *International Education Journal* vol 5, 4
- Iriarte Sanromán, Álvaro. (2005).** Definições nos dicionários bilíngues? *CEH - CL - Livros de Actas*
- Jian, H et al. (2009).** The role of electronic pocket dictionaries as an English learning tool among Chinese students. *Journal of Computer Assisted Learning*. vol. 25
- Klapičová, E. (2005).** Composition of the Entry in a Bilingual Dictionary. *SKASE JOURNAL OF THEORETICAL LINGUISTICS* vol. 2, 3
- Kukulka-Hulme, Agnes (2009).** Will mobile learning change language learning? *ReCALL*, vol. 21, 2
- Lawson, Michael e Hogben, Donald (1996).** The Vocabulary-Learning Strategies of Foreign-Language Students. *Language learning* vol.46
- Liào, F. (2005).** Dictionary Use for Second/Foreign Language Learning. *Journal of Applied Foreign Languages* vol. 3
- Liu, Lin. (2014).** The Integration of Dictionary Use Strategy Training into Basic English Class. *Theory and Practice in Language Studies*. vol. 4, 10
- Liu, Zhi-liang. (2010).** A Study on English Vocabulary Learning Strategies for Non-English Majors in Independent College. *CROSS-CULTURAL COMMUNICATION* vol.6, 4
- Meara, Paul. (1980).** Vocabulary Acquisition: A Neglected Aspect of Language Learning. *Language Teaching and Linguistics: Abstracts* vol. 13, 4
- Monteiro, Hugo Deus. (2014).** Contributo das atividades lúdicas para o desenvolvimento de competências comunicativas e culturais em português língua estrangeira para estudantes chineses. Braga: Universidade do Minho. Tese de mestrado
- Nakata, T. (2008).** English vocabulary learning with word lists, word cards and computers: Implications from cognitive psychology research for optimal spaced learning. *ReCall* vol. 20, 1
- Podolej, Magdalena. (2009).** Culture in bilingual dictionaries: Analysis of cultural content and culture-specific vocabulary in E-P-E dictionaries. Poznań: Universidade Adama Mickiewicza Tese de Mestrado
- Saboia A. M. T. D., Medeiros D. F. R. D., Sturm I. N. (1998).** Para um dicionário de variantes ortográficas da língua portuguesa. *Acta Semiótica Et Lingvística* vol. 7, 1
- Takahashi, Chikako. (2012).** Impact of Dictionary Use Skills Instruction on Second Language Writing. *Working Papers in TESOL and applied linguistics* vol.12, 2
- Tang, G. M. (1997).** Pocket Electronic Dictionaries for Second Language Learning: Help or Hindrance? *TESL Canada Journal* vol.15, 1

- van Sterkenburg, Piet. (2003).** A practical guide to lexicography. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company
- Vázquez , Ignacio. (2010).** O papel do dicionário no ensino e aprendizagem das línguas. *EXEDRA* vol. 9
- Verdelho, Telmo. (2002).** Dicionários portugueses, breve história. *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro* São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP: Pontes
- Verdelho, Telmo (2003).** O Dicionário de Moraes Silva e o início da Lexicografia Moderna. *História da língua e história da gramática - actas do encontro*
- Vilas-Boas, Marlene Sofia Miranda (2016).** A pesquisa nos dicionários online (www.infopedia.pt) a partir da análise de logfiles. Braga: Universidade do Minho. Relatório de Estágio
- Wang Yang. (2014).** A aquisição e o desenvolvimento da competência lexical em PLE por estudantes de língua materna chinesa. Braga: Universidade do Minho. Tese de mestrado
- Xia, Lixin. (2014).** A study of the third-generation Chinese-English dictionaries. *Kernerman Dictionary News* n. 20
- Yong, H. e Peng, J. (2008).** Chinese Lexicography: A History from 1046 BC to AD 1911. Nova York: Oxford University Press
- Zimmerman, C. B. (1997).** Historical trends in second language vocabulary instruction. In Coady, J e Huckin, T. Second language vocabulary acquisition: A rationale for pedagogy. Cambridge: Cambridge University Press
- Zhang, Lawrence Jun. (2000).** Uncovering Chinese ESL students' reading anxiety in a study-abroad context. *Asia Pacific Journal of Language in Education* vol.3, 2
- Zheng Shanpei. (2010).** O ensino da língua portuguesa na China: caracterização da situação actual e propostas para o futuro. Braga: Universidade do Minho. Tese de mestrado
- Zwartjes, Otto. (2011).** Portuguese Missionary Grammars in Asia, Africa and Brazil, 1550-1800. *Amsterdam studies in the theory and history of linguistic science: Studies in the history of the language sciences*. Vol. 117 Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company

# Sitografia

- About Oxford English Dictionary. consultado a 26/4/2015 <http://public.oed.com/about/>
- Ancient Chinese-Sanskrit Lexicon 梵語雜名 . consultado a 17/3/2015 <http://wisdombox.org/Fanyutsaming.pdf>
- Ball, Phillip. (2012) Language lessons told through Twitter. consultado a 9/4/2015 <http://www.bbc.com/future/story/20121025-language-lessons-from-twitter>
- Botas, João. (2012) O primeiro dicionário português-chinês. consultado a 15/3/2015, [http://macauantigo.blogspot.pt/2012\\_11\\_01\\_archive.html](http://macauantigo.blogspot.pt/2012_11_01_archive.html)
- Case, Alex. (2008) Why your students overuse their dictionaries. consultado a 30/3/2015, <http://www.usingenglish.com/articles/why-your-students-overuse-their-dictionaries.html>
- BESTA modelo CD269M. consultado a 17/4/2015 <http://www.besta.my/web/?q=node/925>
- China Population 2016. consultado a 28/5/2015 <http://worldpopulationreview.com/countries/china-population/>
- Comité International Permanent des Linguistes. onultado a 11/5/2015 <http://www.ciplnet.com/>
- Dicionários Escolares E Ensino De Língua Portuguesa. consultado a 20/2/2015 <http://www.seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/viewFile/1650/1477>
- Grosso, Maria José dos Reis e Moutinho, Ricardo (2012) Mudança de atitude dos aprendentes chineses em relação à aprendizagem do português (PLE). Brasília: Revista SIPLE Edição 5 consultado a 3/4/2015 [http://www.siple.org.br/index.php?option=com\\_content&view=category&layout=blog&id=65&Itemid=111](http://www.siple.org.br/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=65&Itemid=111)
- Goulart, Nathalia. (2012) Dicionário 'Houaiss' resistirá a patrulhamento, diz coautor. consultado a 3/4/2015 <http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/dicionario-houaiss-resistira-a-patrulhamento-diz-coautor/>
- Message 1: In Memoriam: Professor Ladislav Zgusta. consultado a 3/5/2015 <http://linguistlist.org/issues/18/18-1378.html#1>
- Kojien ( 広辞苑 )/ National culture news. consultado a 26/3/2015 <http://web.archive.org/web/20071025011958/http://www.yomiuri.co.jp/national/culture/news/20071023it13.htm?from=top>
- Luchete, Filipe. (2014) Dicionário pode mostrar definição pejorativa do termo “cigano”. consultado a 3/4/2015 <http://www.conjur.com.br/2014-jul-08/dicionario-mostrar-definicao-pejorativa-termo-cigano>
- Morgan, James. (2011) Why did LOL infiltrate the language? consultado a 16/4/2015 <http://www.bbc.com/news/magazine-12893416>
- Petição Anti inclusão do termo "mudasti" inventado pela Marca Nestea no Dicionário da Língua Portuguesa. consultado a 3/4/2015 <http://peticaopublica.com/pview.aspx?pi=Rosa>

Quotes on Dictionaries The Samuel Johnson Sound Bite Page. consultado a 20/3/2015  
<http://www.samueljohnson.com/dictiona.html#535>

The Ricci Institute Library Online Catalog. consultado a 30/3/2015,  
<http://riccilibrary.usfca.edu/view.aspx?catalogID=17508>

Using Computer Dictionaries in Teaching and Learning Chinese consultado a 15/2/2015  
[http://wenku.baidu.com/link?url=5ByJ-VN73mvz5B0Qyeb79sjD1N92dAUlZrWYrZtnyiJotPSLhzjraEKsz-u1LqFPDXNGbF0YUXFCDFtjPK\\_arafemn7XGz6IaHoHsuYMMC](http://wenku.baidu.com/link?url=5ByJ-VN73mvz5B0Qyeb79sjD1N92dAUlZrWYrZtnyiJotPSLhzjraEKsz-u1LqFPDXNGbF0YUXFCDFtjPK_arafemn7XGz6IaHoHsuYMMC)

Versão digitalizada do *A Syllabic Dictionary of the Chinese Language* (1874). consultado a 20/3/2015  
<https://archive.org/details/chinesediction00willrich>

Versão transcrita em formato digital do dicionário 尔雅 Ěr yǎ consultado a 22/2/2015  
[http://www.guoxue.com/jinbu/13jing/erya/13j\\_eyml.htm](http://www.guoxue.com/jinbu/13jing/erya/13j_eyml.htm)

Vocabulário Ortográfico do Português. consultado a 15/3/2015  
<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=vop&page=info>

Why Japanese is so difficult and how dictionaries could help. Consultado a 12/2/2005  
<http://www.pget.ufsc.br/publicacoes/professores.php?titulo=O+Discurso+do+Dicion%Elrio.>

Zhang, Weiqi. (2012) *Uso de Recursos Eletrônicos no Ensino de PLE*. Brasília: Revista SIPLE Edição 5 consultado a 12/4/2015,  
[http://www.siple.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=274:uso-de-recursos-eletronicos-no-ensino-de-ple&catid=65:edicao-5&Itemid=111](http://www.siple.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=274:uso-de-recursos-eletronicos-no-ensino-de-ple&catid=65:edicao-5&Itemid=111)

# Fontes das Figuras

**Figura 1** - Imagem retirada da versão digitalizada do Dictionarium ex lusitanico in latinum sermonem (1562) disponível *online* em: <http://purl.pt/15192>

**Figura 2** - Oxford Chinese Dictionary, 1st edition, Oxford University Press, 2010.

**Figura 3** - Langenscheidt Pocket Dictionary Mandarin Chinese, Langenscheidt KG, Berlim e Munich, 2011.

**Figura 4** - Dicionário de Chinês - Português Português-Chinês, Porto: Porto Editora, 2010.

**Figura 5** - O Meu Pequeno Dicionário Ilustrado Chinês-Português 汉语图解小词典 葡萄牙语版. 商务印书馆(The Comercial Press), 2009.

**Figura 6** - Kojien 広辞苑, 4ª edição, 岩波書店(Editora Iwanami Shoten), 1991.

**Figura 7** - [http://www.shutterstock.com/pic-99863417/stock-photo-jiaozi-chinese-dumplings-filled-with-pork-and-spring-onions-dim-sum.html?utm\\_campaign=Ideas%20Inc.&irgwc=1&utm\\_medium=Affiliate&tpl=77643-108110&utm\\_source=77643](http://www.shutterstock.com/pic-99863417/stock-photo-jiaozi-chinese-dumplings-filled-with-pork-and-spring-onions-dim-sum.html?utm_campaign=Ideas%20Inc.&irgwc=1&utm_medium=Affiliate&tpl=77643-108110&utm_source=77643)

**Figura 8** - [http://image.lang-8.com/w0\\_h0/89a3084c8f50b926adc1597d77a5f03957e4825d.png](http://image.lang-8.com/w0_h0/89a3084c8f50b926adc1597d77a5f03957e4825d.png)

**Figura 9** - [http://www.semada.com/\\_images/flash\\_cards.jpg](http://www.semada.com/_images/flash_cards.jpg)

**Figura 10** - Lista de palavras retirada da página 78 da versão portuguesa do Livro do Aluno “Aprende Chinês Comigo”

**Figura 11** - <http://www.tofugu.com/wp-content/uploads/2011/06/review1.png>

**Figura 12** - Dicionário da Língua Portuguesa, 8ª edição. Porto: Porto Editora, 1999.

**Figura 13** - Oxford Chinese Dictionary, 1st edition, Oxford University Press, 2010.

**Figura 14** - <http://leadnet.org/wp-content/uploads/2014/07/Diffusion-Innovations-Willow-ROGERS.jpg>

**Figura 15** - <http://tinypic.com/view.php?pic=291ghkx&s=9>

**Figura 16** - <https://i0.wp.com/cdn3.volusion.com/jants.petuy/v/vspfiles/photos/19969-3.gif>